

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO

**AS PRÁTICAS SOCIAIS DA IMIGRAÇÃO:  
os dispositivos de conveniência no cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca**

MARINGÁ

2022

GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO

**AS PRÁTICAS SOCIAIS DA IMIGRAÇÃO:  
os dispositivos de conveniência no cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá.

Linha de Pesquisa: Estudos Organizacionais e Sociedade

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elisa Yoshie Ichikawa

MARINGÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

Y19p

Yamamoto, Gabriel do Carmo

As práticas sociais da imigração : os dispositivos da conveniência no cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca / Gabriel do Carmo Yamamoto. -- Maringá, PR, 2022.

135 f.color., figs., tabs., maps.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Yoshie Ichikawa.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2022.

1. Imigração - Estudos Organizacionais. 2. Imigração - Cotidiano. 3. Imigração - Brasileiros - Dinamarca. 4. Imigração - Dispositivos de Conveniência. I. Ichikawa, Elisa Yoshie, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD 23.ed. 658.3

## ATA DE DEFESA PÚBLICA

Aos **vinte e cinco** dias do mês de **maio** do ano de **dois mil e vinte e dois**, às **catorze horas**, realizou-se, por videoconferência, em conformidade com os Decretos nº 4230/2020 e 4258/2020 do Governo do Estado do Paraná, e a Portaria nº 122/2020-GRE, a apresentação do Trabalho de Conclusão, sob o título: **“As práticas sociais da imigração: os dispositivos da conveniência no cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca”**, de autoria de **GABRIEL DO CARMO YAMAMOTO**, aluno do Programa de Pós-Graduação em Administração (DOUTORADO) – Área de Concentração: Organizações e Mercado. A Banca Examinadora esteve constituída pelos professores: Dr<sup>a</sup> Elisa Yoshie Ichikawa (presidente), Dr<sup>a</sup> Rocío Del Pilar López Cabana (membro examinadora externo – UFMS), Dr<sup>a</sup> Juliana Cristina Teixeira (membro examinadora externo – UFES), Dr. Alexandre de Pádua Carrieri (membro examinador externo – UFMG), Dr<sup>a</sup> Priscilla Borgonhoni Chagas (membro examinadora do PPA), Dr<sup>a</sup> Josiane Silva de Oliveira (membro examinadora do PPA). Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o candidato foi aprovado com correções (aprovada / aprovada com correções / aprovada com reformulações) pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelo coordenador e pelos membros da Banca Examinadora.

Maringá, 25 de maio de 2022



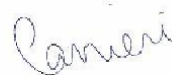
**Dr<sup>a</sup> Elisa Yoshie Ichikawa**  
(Presidente)



**Dr<sup>a</sup> Rocío Del Pilar López Cabana**  
(membro examinadora externo – UFMS)



**Dr<sup>a</sup> Juliana Cristina Teixeira**  
(membro examinadora externo – UFES)



**Dr. Alexandre de Pádua Carrieri**  
(membro examinador externo – UFMG)



**Dr<sup>a</sup> Priscilla Borgonhoni Chagas**  
(membro examinadora do PPA)



**Dr<sup>a</sup> Josiane Silva de Oliveira**  
(membro examinador PPA)



**Dr<sup>a</sup> Elisa Yoshie Ichikawa**  
(coordenadora)

Dedico este trabalho à minha mãe, Dona Antonia

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos participantes/informantes, que cederam parte de seu tempo para que essa pesquisa fosse possível. Obrigado pela convivência durante esse ano da pesquisa, por compartilharem suas histórias de vida e por me ensinarem tanto sobre a nossa existência. Um agradecimento especial às participantes Maria e Manuela, que auxiliaram e incentivaram a concretização desse estudo.

Agradeço à minha mãe, que sempre me apoiou em todos os caminhos que já percorri. Obrigado por ser meu porto seguro, sempre de portas abertas e com a companhia do Flot. Obrigado por ser minha melhor amiga e por sempre me amar como sou. Agradeço também ao meu companheiro, Lucas, por toda sua dedicação e paciência nas nossas lutas diárias. Obrigado por nossa dinâmica de cuidado mútuo e de constante esforço em tentarmos compreender um ao outro.

Agradeço à minha orientadora, professora Elisa, por todo apoio oferecido ao longo desses anos no doutorado e por seu esforço constante em desenvolver mentes com potencial crítico em uma sociedade que necessita de profissionais com flexibilidade. Obrigado por sua generosidade, pela parceria, pelos bons momentos e por todos os aprendizados.

Agradeço também a equipe do Programa de Pós-graduação em Administração da UEM, principalmente ao Bruhmer, pelo seu auxílio sempre impecável e pelo café da nossa salinha de estudos.

Agradeço à Josiane e ao Marcio por todas as experiências boas que vivenciamos. Obrigado por serem quem vocês são e por lutarem tanto pelo fortalecimento do ensino e inclusão no nosso país. Agradeço também pela amizade de minhas colegas Carine, Jheine, Suzie e Marcela, que sempre me acolheram desde a chegada em Maringá e ao longo do curso.

Agradeço ao professor Ulrik Brandi, que foi meu supervisor durante o período sanduíche na *Aarhus University* em Copenhagen, Dinamarca. Obrigado pela sua recepção e aconselhamento. Agradeço também à equipe do grupo de pesquisa LISO por me inserirem em suas atividades tão interessantes, sobretudo à professora Bente Elkjaer, que me propiciou reflexões instigantes e bons diálogos.

Agradeço também ao universo por todos seus desdobramentos improváveis, mas certos e por colocarem meus amigos Diogo, Lucas Rosso, Marcelo e Daria em meu caminho. Obrigado também aos meus parentes de coração, Família Calixto e de Moraes, por nossas memórias, que estão guardadas com muito carinho.

Agradeço às minhas famílias Carmo e Yamamoto por estarem presentes em minha vida, mesmo à distância. Obrigado ao meu pai, Siyoji, bem como agradeço a Angela, vó Nair, vó Hiroko, vó Mineo e Arcelei. Por fim, agradeço também ao meu avô João do Carmo e minha avó (de coração) Libia, que continuaram seus caminhos em outro plano, mas que estarão sempre presentes em nossos corações por meio das lembranças da gentileza que vocês espalharam pelo mundo.

“Enquanto este velho trem atravessa o pantanal  
Só meu coração está batendo desigual  
Ele agora sabe que o medo viaja também  
Sobre todos os trilhos da terra”

Trem do Pantanal - Geraldo Roca e Paulo Simões



## RESUMO

YAMAMOTO, Gabriel do Carmo. **As práticas sociais da imigração**: os dispositivos de conveniência no cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca. 2022. 135 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, 2022.

A tese que defendo por meio desse trabalho é de que a imigração de brasileiros na Dinamarca é um fenômeno que se manifesta cotidianamente por meio de práticas sociais que, por sua vez, são organizadas por dispositivos de poder operados pelas coletividades em lógicas situacionais, a partir da conveniência. Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo geral compreender como práticas cotidianas se organizam na prática social da imigração de brasileiros na Dinamarca. Ao traçar esse objetivo, assumo que um(a) imigrante experiencia a integração em coletividades por diversas formas ao se estabelecer em um país anfitrião, até mesmo nas práticas mais corriqueiras do dia a dia, como comunicar ou comer. Nesse aspecto, faço emprego de uma abordagem baseada em prática, em que recorro ao conceito de prática de Michel de Certeau, que considera que pessoas comuns podem reinventar o cotidiano por meio de táticas e astúcias embebidas nas suas formas de fazer, que são as práticas cotidianas. Em vista disso, o cotidiano não representa a passividade de sujeitos em suas atividades rotineiras, pois, de acordo com a margem de operação de cada indivíduo, é possível subverter ordens estabelecidas em coletividades. Nesse âmbito, associo a questão de dispositivos de poder, conceito trabalhado por Michel Foucault, com o conceito de conveniência trabalhado por Pierre Mayol. No que pese à pesquisa empírica, para execução desse estudo fiz uma pesquisa etnográfica por um período de aproximadamente doze meses na Dinamarca, ocasião em que tive oportunidade de participar de atividades cotidianas de imigrantes brasileiros já estabelecidos no país. Nesse período em que residi na Região Metropolitana de Copenhague também pude entrevistar formalmente quinze informantes da pesquisa. Por meio do emprego da técnica interpretativa de etnografia na análise do resultado, com base em James Spradley, apreendi cinco práticas sociais principais associadas à prática social da imigração: práticas de deslocamento, práticas de legalização, práticas econômicas e de trabalho, práticas de linguagem e de comunicação e práticas de cuidado. Através dos resultados obtidos discorro sobre como ocorre a organização de imigrantes brasileiros no país, bem como apresento a atuação de dispositivos de poder articulados circunstancialmente com práticas operadas por lógica de conveniência.

**Palavras-chave:** Prática de imigração. Organizar. Dispositivos. Conveniência. Cotidiano.

## ABSTRACT

YAMAMOTO, Gabriel do Carmo. The social practices of immigration: the apparatus of propriety in the everyday of the immigration of Brazilians in Denmark. 2022. 135 f. Thesis (Doctorate in Administration) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brazil, 2022.

The thesis that I defend through this work is that the immigration of Brazilians in Denmark is a phenomenon that is manifested daily through social practices, which in turn are organized by power apparatus operated by collectivities in situational logics based on propriety. Thus, this research aimed to understand how everyday practices are organized in the social practice of immigration of Brazilians in Denmark. In outlining this objective, I assume that an immigrant experiences integration into collectivities in different ways when settling in a host country, even in the most mundane day-to-day practices, such as communicating or eating. In this aspect, I use a practice-based approach, in which I resort to Michel de Certeau's concept of practice, which considers that ordinary people can reinvent everyday life through tactics and tricks embedded in their ways of doing things, which are the everyday practices. In view of this, everyday life does not represent the passivity of subjects in their routine activities, because according to each individual's operating margin, it is possible to subvert orders established in collectivities. In this context, I associate power apparatus, a concept worked by Michel Foucault, with the concept of propriety presented by Pierre Mayol. In spite of the empirical research, I conducted an ethnographic research for a period of approximately twelve months in Denmark, when I had the opportunity to participate in the daily activities of Brazilian immigrants already established in the country. During this period in which I lived in the Copenhagen Metropolitan Area, I was also able to formally interview fifteen informants. Through the use of the interpretive technique of ethnography in the analysis of the result, based on James Spradley, I have obtained five main social practices associated with the social practice of immigration: displacement practices, legalization practices, economic and work practices, language practices and communication and care practices. By the results obtained, I discuss how the organization of Brazilian immigrants in the country occurs, as well as I present the performance of power apparatus circumstantially articulated with practices operated by the logic of convenience.

**Keywords:** Immigration practice. Organize. Apparatus. Propriety. Everyday.

## ABSTRAKT

YAMAMOTO, Gabriel do Carmo. Indvandringens sociale praksisser: ejendomsapparatet i hverdagen for immigration af brasilianere i Danmark. 2022. 135 f. Speciale (Doktorgrad i Administration) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, 2022.

Tesen, som jeg forsvarede gennem dette arbejde, er, at immigrationen af brasilianere i Danmark er et fænomen, der dagligt organiseres gennem sociale praksisser, som igen er organiseret af magtapparat drevet af kollektiver i situationsbestemte logikker baseret på ordentlighed. Denne forskning havde således til formål at forstå, hvordan hverdagspraksis er organiseret i den sociale praksis for immigration af brasilianere i Danmark. Når jeg skitserer dette mål, antager jeg, at en immigrant oplever integration i kollektiver på forskellige måder, når han bosætter sig i et værtsland, selv i de mest verdslige daglige praksisser, såsom at kommunikere eller spise. I dette aspekt anvender jeg en praksisbaseret tilgang, hvor jeg tyr til Michel de Certeaus praksisbegreb, som vurderer, at almindelige mennesker kan genopfinde hverdagen gennem taktikker og tricks indlejret i deres måder at gøre tingene på, som er hverdagens praksis. I lyset af dette repræsenterer hverdagen ikke subjekters passivitet i deres rutinemæssige aktiviteter, fordi det i henhold til den enkeltes driftsmargin er muligt at undergrave ordret etableret i kollektiver. I denne sammenhæng forbinder jeg magtapparat, et begreb arbejdet af Michel Foucault, med begrebet ordentlighed præsenteret af Pierre Mayol. På trods af den empiriske forskning gennemførte jeg en etnografisk undersøgelse i en periode på cirka 12 måneder i Danmark, hvor jeg havde mulighed for at deltage i de daglige aktiviteter for brasilianske immigranter, der allerede var etableret i landet. I denne periode, hvor jeg boede i hovedstadsområdet, kunne jeg også formelt interviewe femten informanter. Gennem brugen af etnografiens fortolkningsteknik i analysen af resultatet, baseret på James Spradley, har jeg opnået fem vigtigste sociale praksisser forbundet med den sociale praksis for immigration: fordrivelsespraksis, legaliseringspraksis, økonomisk og arbejdsmæssig praksis, sprogpraksis og kommunikation og omsorgspraksis. Ud fra de opnåede resultater diskuterer jeg, hvordan organiseringen af brasilianske immigranter i landet foregår, ligesom jeg præsenterer ydeevnen af magtapparatet omstændigt artikuleret med praksis drevet af bekvemmelighedslogikken.

**Nøgleord:** Immigrationspraksis. Organisere. Enheder. Bekvemmelighed. Daglige.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Dinamarca.....	17
Figura 2 – Trânsito em Dronning Louises Bro – Copenhagen.....	25
Figura 3 – <i>Rosborg Gymnasium &amp; HF</i> .....	65
Figura 4 – Local Aberto de Entrevista .....	77
Figura 5 – Local Fechado de Entrevista.....	78
Figura 6 – Apresentação de ballet nos Jardins do Tivoli .....	80
Figura 7 – Cartolina utilizada no processo de categorização .....	83
Figura 8 – Trem Intercidades da Região Metropolitana de Copenhagen.....	86
Figura 9 – Churrasco brasileiro oferecido por Vanessa e Luciana.....	89
Figura 10 – Viagem de Trem no Canal de <i>Örestad</i> .....	95
Figura 11 – Prato tradicional dinamarquês conhecido como <i>Flæskesteg</i> .....	100
Figura 12 – Placa decorativa .....	108
Figura 13 – Encontro no Parque Público .....	115
Figura 14 – Refeição brasileira oferecida por Antonia .....	116

## **LISTA DE SIGLAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

IOM – *International Organization for Migration*

UE – União Europeia

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OSC – Organização da Sociedade Civil

UNHCR – *United Nations High Commissioner for Refugees*

## SUMÁRIO

<b>1. CAMINHOS INTRODUTÓRIOS</b> .....	14
1.1. TESE A SER DEFENDIDA .....	26
<b>2. POR ONDE ANDEI TEORICAMENTE?</b> .....	28
2.1. O ORGANIZAR DO FENÔMENO.....	28
2.2. A ABORDAGEM BASEADA EM PRÁTICA .....	31
<b>2.2.1. O fazer com coisas materiais</b> .....	34
2.3. AS PRÁTICAS NO COTIDIANO.....	38
2.4. O DISPOSITIVO E A CONVENIÊNCIA .....	41
2.5. MARGENS DE OPERAÇÃO DOS IMIGRANTES: RAÇA E GÊNERO COMO CATEGORIAS ANALÍTICAS .....	48
3.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS ONTOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS DO ESTUDO.....	55
<b>4. EM DIREÇÃO AO CAMPO</b> .....	62
4.1. CONHECENDO AS PRIMEIRAS INFORMANTES.....	69
4.2. ESTABELECENDO VÍNCULO COM INFORMANTES E PROSPECÇÃO DE ENTREVISTAS .....	74
4.3. PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA ANÁLISE.....	81
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA</b> .....	85
5.1. AS PRÁTICAS DE DESLOCAMENTO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS .....	87
5.2. PRÁTICAS DE LEGALIZAÇÃO .....	93
5.3. PRÁTICAS ECONÔMICAS E DE TRABALHO.....	102
5.4. PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE COMUNICAÇÃO .....	110
5.5. PRÁTICAS DE CUIDADO.....	114
<b>6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	126
<b>ANEXO 1 - ROTEIRO-GUIA PARA AS ENTREVISTAS</b> .....	133

## 1. CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

Essa tese é o resultado da pesquisa etnográfica que conduzi entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, durante o meu período de doutorado sanduíche na *Aarhus University*, no campus de *Emdrup* em Copenhague, Dinamarca. Durante esse ano tive oportunidade de conhecer outros imigrantes brasileiros residentes no país e acompanhar algumas de suas atividades cotidianas, sempre de acordo com a orientação vigente na época para o combate do COVID-19, que foi classificado em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia, dois meses após o início dessa pesquisa.

A pandemia de COVID-19 afetou fortemente os fluxos migracionais ao redor do mundo com os fechamentos de fronteiras de países e foi um período em que o deslocamento local preponderou na Dinamarca. Ainda assim, a imigração, enquanto prática, envolve outros processos além do deslocamento em si, estando esses outros fazeres e saberes presentes nos múltiplos lances situacionais da vida cotidiana de imigrantes.

Previamente ao início da pandemia, em 2020, a imigração já era um fenômeno de relevância global, dado que, de acordo com o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (2019), existem cerca de 153 milhões de pessoas no mundo com *status* de imigrante. Segundo o relatório *Mid-Year Trends* da *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR, 2020), em português Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a Europa se destaca como uma região de fluxos migracionais, pois, além de possuir livre circulação entre cidadãos dos Estados-Membros da União Europeia (UE), a região também representa o destino de mais da metade dos refugiados do mundo.

Ressalto que a classificação oficial adotada pela ACNUR para definir refugiados foi readaptada com o passar do tempo, de acordo com as características de deslocamento observadas no mundo, sendo que a definição inicial foi apresentada pela Convenção de Genebra de 1951. Posteriormente a definição de refugiado foi alterada para que abrangesse os novos fluxos de refugiados observados, sendo essa alteração concretizada pelo protocolo multilateral da ACNUR ratificado em 1967, do qual o Brasil também é signatário.

A imigração já é uma questão presente na vida do brasileiro através da história, como, por exemplo, o deslocamento forçado de sujeitos que foram escravizados durante o período colonial, assim como o caso de nacionais japoneses que imigraram para o Brasil no início do século XX. Todavia, fluxos migracionais mais recentes do Brasil passaram também a configurar o país como um país de emigração.

Irigaray e Freitas (2014) afirmam que nos anos 1980 houve um forte fluxo migracional de brasileiros para Europa Ocidental, sendo esse movimento caracterizado por pessoas que não foram expulsas formalmente do Brasil, ao contrário do que ocorreu durante o período da ditadura militar iniciada com o Golpe de 1964, mas que optaram por buscar através do deslocamento condições melhores em outros países.

Outrossim, Irigaray e Freitas (2014) propõem que esses processos migratórios não compulsórios da história recente do país sejam considerados como parte da “diáspora brasileira”. Ainda hoje há um grande movimento de imigrantes brasileiros insatisfeitos com suas realidades no Brasil que optam pela prática da imigração, configurando o país agora como também um polo de emigração.

De acordo com Nakagawa (2021), o número de brasileiros no exterior em 2020 teve um aumento de 18% comparativamente aos dados de 2018, chegando a um total de 4,2 milhões de imigrantes. Ainda, segundo pesquisa do Datafolha de 2020, 70 milhões de brasileiros com idade maior de 16 afirmaram que se mudariam para o exterior em busca de uma melhor condição de vida (VEIGA, 2021).

O conceito imigrante é ligado à perspectiva de um local de chegada, em que, por exemplo, o imigrante internacional é a pessoa que se muda para um país que não seja o da nacionalidade própria, de forma que o país de destino passa a ser o seu novo país de residência habitual (IOM, 2019). Não obstante, ser imigrante, além de uma classificação demográfica, é uma prática social, na qual o fenômeno é constituído coletivamente, por meio de práticas do dia a dia, como ao se comunicar em um idioma que não é o seu nativo ou ao frequentar determinado mercado no país anfitrião, porque nele também se vende produtos internacionais. Diversos processos atravessam o cotidiano de imigrantes e ser imigrante é, conseqüentemente, vivenciar esses processos.

A imigração e deslocamentos são temáticas que venho tralhando desde a minha dissertação, quando questionamentos emergiram em meados de 2017 a partir de alguns eventos do campo que tive chance de experienciar durante a pesquisa empírica para meu trabalho final do mestrado. Nessa época, a pesquisa envolveu minha participação nas



atividades cotidianas em duas comunidades de imigrantes haitianos na Região Metropolitana de Goiânia, em que o objetivo era apreender quais eram as suas práticas de organização.

Uma questão que me chamou atenção nos resultados foi a dificuldade em conseguir entrevistar mulheres nas comunidades haitianas. Devido às especificidades do grupo que pesquisei, para que eu pudesse entrevistar uma mulher haitiana era sempre preciso haver autorização de seu marido ou pai, caso tivesse. Com mulheres solteiras também percebi um certo distanciamento, sendo nossa comunicação normalmente mediada por outros membros homens da igreja.

Ainda assim, por meio do material empírico produzido empregando a técnica de história de vida na entrevista das duas mulheres haitianas que participaram da pesquisa, pude perceber que havia uma situação paradoxal entre quando elas estavam no ambiente de trabalho e quando elas estavam inseridas nas atividades cotidianas da comunidade. Uma das entrevistadas trabalhava numa central de processamento de alimentos e seu chefe era um homem brasileiro. Nesse caso não era possível que os padrões previamente construídos sobre as relações sociais de uma mulher haitiana, que estavam reproduzidos na comunidade, sobressaíssem frente ao poder de controle da organização do seu espaço de trabalho, uma vez que seu chefe não pedia permissão para o esposo da funcionária para a manutenção da relação de subordinação na transação capitalista.

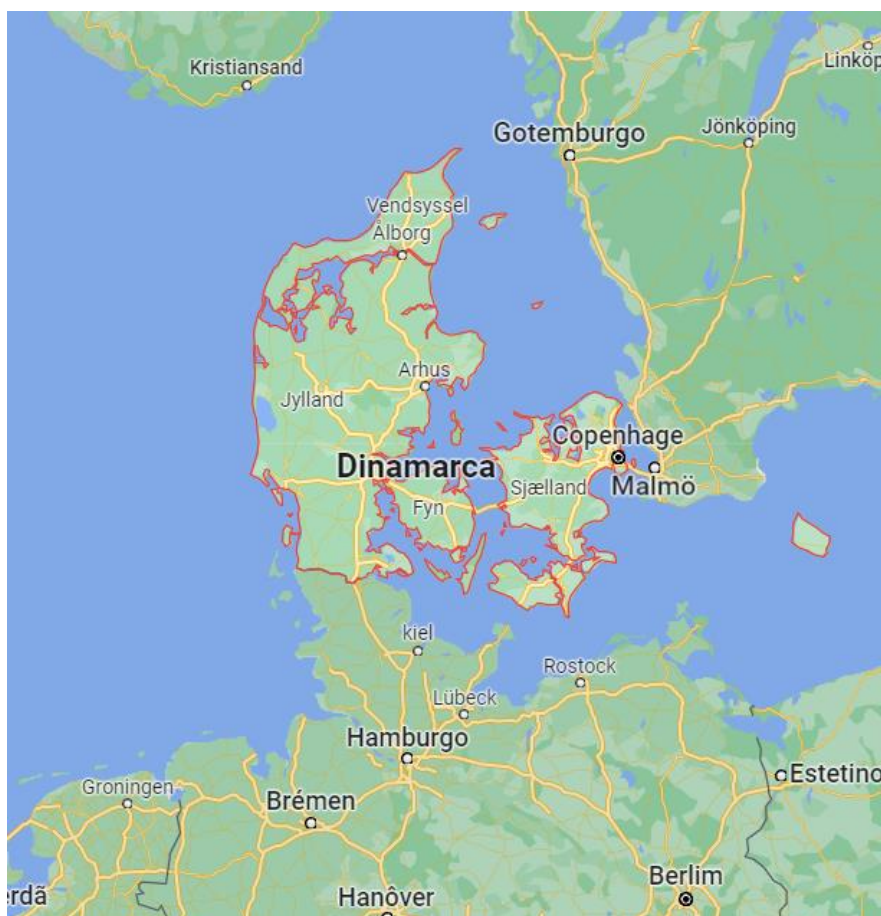
A comunicação entre chefe e funcionária teve prioridade na articulação das relações e esse comportamento não era enunciado. Passei então a me questionar como esses comportamentos decorrentes de experiências prévias se articulavam no cotidiano dessas imigrantes, uma vez que suas práticas se alteravam de acordo com o espaço em que se encontravam, demonstrando modos de organizar diferentes dos que eram manifestados nos espaços das comunidades.

Eu havia, por conseguinte, apreendido práticas que compunham a organização das comunidades, mas a análise focada nas táticas e estratégias não foi capaz de endereçar a lógica subjacente à manifestação das práticas componentes do fenômeno. Essa lacuna permaneceu aberta após o término da minha pesquisa, principalmente pelo fato de que o tempo em que estive em campo não foi suficiente para vivenciar toda a complexidade da articulação do fenômeno, uma vez que precisei finalizar a pesquisa devido aos prazos da época.

A percepção da necessidade de permanecer um período prolongado no campo para apreender a articulação do organizar das práticas resultou também na minha escolha pelo emprego da metodologia etnográfica nesse presente estudo. Nesse aspecto, o fenômeno imigração é atravessado por diversos processos dispersos que se envolvem em alguns momentos por meio das relações que imigrantes estabelecem no seu dia a dia e a etnografia possibilitou que eu me inserisse e participasse do cotidiano da imigração, buscando apreender esses feixes da vida social de um sujeito deslocado.

No que diz respeito à pesquisa de campo, ela se concretizou majoritariamente em Copenhague, capital da Dinamarca. A Dinamarca é um país escandinavo localizado ao norte da Alemanha e ao sul da Noruega (Figura 1), tendo aproximadamente cinco milhões e meio de habitantes, que vivem em uma economia mista capitalista associada com um Estado de bem-estar social, o que torna sua carga tributária altíssima comparativamente a outros países da Europa.

**Figura 1 – Mapa Dinamarca**



Fonte: Google Maps

O país possui um tamanho próximo ao do estado brasileiro do Espírito Santo e tem como língua oficial o dinamarquês, que é uma língua germânica descendente do nórdico antigo, sendo muito próxima do norueguês e sueco. A Dinamarca é uma monarquia constitucional com sistema de governo parlamentar e não configura parte da Zona do Euro, sendo a Coroa Dinamarquesa a moeda local.

Em relação à imigração, o país possui algumas práticas já instituídas pelo Estado no trato de residentes estrangeiros, a exemplo dos Centros de Língua (*Sprogcenter*) que oferecem aula de dinamarquês para imigrantes. Além das iniciativas oferecidas pelo governo para integrar imigrantes que se encontram legalmente no território, o país isola as pessoas que tiveram pedido de asilo negado em instituições prisionais chamadas de “Centros de Saída”<sup>1</sup>, sendo essas instituições mantidas pelo Serviço Prisional e de Liberdade Condicional da Dinamarca. Dessa forma, justifico também a necessidade da execução deste presente estudo pela importância de se compreender como se dá o fenômeno da imigração na Dinamarca, levando em consideração o emprego de abordagens tão diferentes pelo governo perante pessoas deslocadas de acordo com seu *status* legal.

Nesse âmbito, levanto algumas questões: Quem são os imigrantes que a Dinamarca prioriza integração no país? Como o Estado trata quem não é parte do grupo prioritário? A sociedade local é conivente com essas práticas? Como imigrantes brasileiros se organizam cotidianamente frente a essa realidade?

Deste modo, buscando apreender como essas questões se manifestam, parto de uma visão baseada em prática para a análise dos fenômenos trabalhados nesse estudo. Abordagens baseadas em práticas têm sido utilizadas em Estudos Organizacionais no Brasil em diversas pesquisas (e.g. CARRIERI et al., 2012; NASCIMENTO et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2016; REZENDE; OLIVEIRA; MENDES, 2018; OLIVEIRA; CAVEDON, 2019) e, nesse âmbito, Geiger (2009) afirma que o que chamamos de abordagens baseadas em práticas no campo de Estudos Organizacionais são uma tentativa de aproximar os fenômenos organizacionais dos acontecimentos “reais” das “organizações”, de modo que seja possível compor um conhecimento que questione sua

---

<sup>1</sup> Segundo matéria do El País (CEBRIÁN, 2018), em 05 de dezembro de 2018 a Dinamarca já possuía dois centros de isolamento de imigrantes ilegais, *Kærshovedgård* e *Sjælsmark*, e o governo estava considerando construir mais um centro na ilha de Lindholm. Ambos os centros *Kærshovedgård* e *Sjælsmark* continuam ativos no momento de fechamento dessa pesquisa.

natureza objetiva, cognitivista e abstrata, abrindo espaço para um conhecimento com caráter subjetivo e emocional, gerando, assim, um potencial de percebermos a natureza em um contexto organizado e situado.

Esse movimento de aproximar os Estudos Organizacionais dos acontecimentos “reais” implica também uma análise situada, tendo Reckwitz (2002) afirmado que o foco na prática parece estar ligado ao interesse de se estudar o “cotidiano”. Isso porque, segundo Feldman e Orlikowski (2011), a lente da prática possui como ponto central a premissa de que a vida social é decorrente de uma produção contínua, surgindo por meio de ações recorrentes dos indivíduos.

Na abordagem da vida social baseada em práticas, a menor unidade de análise é a prática em si, e nesse trabalho, no que diz respeito à prática, me respaldo principalmente nas teorias de Michel de Certeau. O trabalho de De Certeau (2018) nos apresenta as práticas cotidianas como formas de fazer as coisas, ou “modos de operar” no dia a dia, que permitem usuários reapropriarem o espaço organizado por intermédio de técnicas de produção sociocultural.

O cotidiano é também um conceito que tem ganhado espaço como tema de estudo em Administração (e.g. GOUVÊA; ICHIKAWA, 2015; RODRIGUES; ICHIKAWA, 2015; TEIXEIRA; CARRIERI; PEIXOTO, 2015; CABANA; ICHIKAWA, 2017; PANIZA; ICHIKAWA; CASSANDRE, 2017) e embasa a premissa teórica desse presente estudo no entendimento de De Certeau (2018), de que o cotidiano é um campo de ação e disputas que ocorrem por meio das práticas, demonstrando a importância de se levar em consideração os “jogos” de poder existentes em espaços organizados. Dessa forma, a pessoa comum<sup>2</sup> é capaz de jogar com a estrutura para que por meio das práticas ela seja capaz de produzir suas trajetórias.

De Certeau (2018) distingue duas formas principais de prática: estratégias e táticas. As práticas com base em estratégias ocorrem quando um sujeito de vontade e poder pode ser isolado de um ambiente, tornando possível o cálculo das relações de forças (DE CERTEAU, 2018). De Certeau (2018) também afirma que uma prática-estratégia assume um lugar que serve de base para realizar relações com um exterior distinto e é

---

<sup>2</sup> No livro *a Invenção do Cotidiano 1*, Michel de Certeau dedica sua obra ao homem ordinário, que é a pessoa “comum”, que representa a massa da sociedade. No trabalho *On the oppositional practices of everyday life*, De Certeau, Jameson e Lovitt (1980) também se referem ao homem ordinário como herói comum. Em prol de alinhamentos epistemológicos e ontológicos, substituo o termo homem ordinário por pessoa comum, de forma que esse termo seja mais abrangente em seu significado.

possível ser circunscrito como “próprio”, sendo o “próprio” a vitória do espaço sobre o tempo, levando em consideração que o espaço é o lugar praticado.

De Certeau (2018) chama de tática a posição “contrária” à estratégia, em que o cálculo não pode contar com um “próprio” e o lugar da tática pertence ao outro, não havendo possibilidade de expandir, de capitalizar suas vontades e de garantir independência frente às circunstâncias. As práticas-táticas dependem do tempo, pois não possuem lugar, demandando uma atenção contínua às oportunidades, devendo manipular constantemente os eventos para os transformar em oportunidades (DE CERTEAU, 2018). Ainda, a tática opera em ações individuais, que são metaforizadas por De Certeau (2018) como tendo sua ocorrência “golpe por golpe”, tirando proveito das oportunidades, não havendo base para estocar seus ganhos.

É importante ressaltar que essa distinção entre estratégias e táticas não é dicotômica ou excludente, ainda que tenha um caráter classificatório, pois as práticas podem ter diferentes dimensões que possibilitam articular táticas e estratégias simultaneamente. Nesse sentido, segundo Bernardo, Shimada e Ichikawa (2015), a relação entre estratégias e táticas está associada ao movimento de “microrresistência” situacional, em que indivíduos podem resistir à ordem dominante, que é marcada pela estratégia, por meio de manobras táticas que contornam, burlam e fogem, ainda que por momentos, da norma imposta. Esse movimento relacional é o que possibilita a reinvenção do cotidiano (BERNARDO; SHIMADA; ICHIKAWA, 2015).

Para ilustrar a ocorrência de práticas táticas e estratégias, recorro a um exemplo do espaço de trabalho, em que um funcionário pode usar da sua pausa remunerada para tratar de questões pessoais. Supondo que o que se precisa ser resolvido demanda mais tempo do que o delimitado pela pausa e que os demais colegas não estão atentos ao trabalho do funcionário em pausa, seria possível que essa pausa fosse prolongada, ainda que seja um comportamento passível de reprovação pelo coletivo.

Dessa forma, se o funcionário for capaz de estender sua pausa para além do tempo previsto em prol da resolução de sua questão pessoal, há um aproveitamento da oportunidade em um ambiente marcado por práticas estratégicas, uma vez que se é evitado as perdas impostas pelo coletivo do espaço por não se estar trabalhando de forma estrategicamente posicionada previamente. O aproveitamento circunstancial na utilização do horário de trabalho para fins próprios demonstra uma tática praticada.

Ainda, caso o funcionário passe a desenvolver maneiras de constantemente utilizar seu expediente para resolver questões privadas, essa prática pode ser considerada estratégica, ainda que originalmente seja oriunda de uma tática praticada. Esse exemplo ilustra como estratégias e táticas podem se articular nas diversas relações da vida social.

O espaço de trabalho, que é um lugar praticado socialmente, também possui dispositivos organizadores de práticas, como, por exemplo, a máquina de bater ponto, que controla a presença dos funcionários por meio da alimentação de informação no sistema físico da empresa, sendo a prática de bater ponto uma prática estratégica que atua como dispositivo de conveniência a partir de um instrumento material, a máquina de ponto.

No entanto, a máquina de ponto controla somente a presença física do funcionário de forma limitada, uma vez que não é possível uma vigilância constante em cada membro da coletividade. É, portanto, na articulação de práticas de forma conveniente mediante a um dispositivo, temática que explicarei adiante, que foco a minha análise da imigração como prática social nesse trabalho, no intuito de apreender a organização do fenômeno nos seus diferentes lances situacionais.

Introdutoriamente, segundo o Dicionário Brasileiro *online* Michaelis (2022), conveniência é o que está consoante com as normas morais e sociais, sendo sinônimo de compostura, decência e decoro, representando usos sociais ou políticos estabelecidos. Nesse estudo, ao trabalhar a operação de dispositivos, referenciarei ao conceito de conveniência que foi desenvolvido por Pierre Mayol (2019) na pesquisa que teve como resultado a publicação do livro *A Invenção do Cotidiano – 2. Morar, cozinhar*, uma obra organizada e liderada por Michel de Certeau. A conveniência, segundo Mayol (2019), é o que atua no lugar de lei, que reprime o que “não convém” e o que “não se faz”, atuando à distância, filtrando e banindo os comportamentos intoleráveis.

A conveniência possui um caráter normativo em nível social, de modo que o que é considerado como conduta indesejada em um espaço organizado (a exemplo de um bairro) é passível de reprovação, forçando a pessoa comum a manter os comportamentos indesejáveis ao seu âmbito pessoal, caso não esteja disposta a pagar o “preço” da transgressão. Além disso, a conveniência mantém relações muito próximas aos processos de educação implícitos ao grupo social (MAYOL, 2019), o que pode ser considerado como uma característica estruturante da teoria da conveniência.

É importante ressaltar que, embora o livro *A Invenção do Cotidiano 2* demonstre uma natureza estrutural na análise da prática cotidiana, Michel de Certeau não se

restringiu às abordagens teóricas específicas de algum campo do conhecimento, tendo sua aproximação com o pensamento pós-estruturalista sido articulada com concepções de outras áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, ciência política e psicanálise (FARIA; SILVA, 2017). O segundo volume da obra, conforme explicam Faria e Silva (2017), foi um complemento que buscou conduzir reflexões sobre como as práticas são articuladas, avançando nas reflexões de Michel de Certeau no primeiro volume, que discorria sobre o fazer do cotidiano, que é envolto de passividades, transgressões e bricolagens. Para Faria e Silva (2017), os dois volumes da obra “A invenção do Cotidiano” demonstram o desejo de De Certeau em averiguar os pormenores das relações sociais na dimensão cotidiana de modo que fosse refutada a passividade das pessoas comuns.

Ainda que dispositivos de controle se manifestem constantemente no dia a dia dos sujeitos em busca de preservar os objetivos de pontos de poder, os trabalhadores não são seres passivos, dado que em momentos de oportunidade há a possibilidade de empregar práticas de subversão, como ilustrado no exemplo da pausa remunerada. A transgressão, também praticada, representa momentos de rupturas ao conjunto de práticas cotidianas organizadas por meio de dispositivos de conveniência, sendo essas rupturas também parte do processo de organização do fenômeno.

Nesse aspecto, Costanzi e Mesquita (2021) conduziram uma pesquisa sobre o cotidiano de pesquisadoras negras no contexto acadêmico da Administração e com base nos resultados informam que dinâmicas de poder possuem estruturas interseccionais de opressão, o que demanda a necessidade de recorrer a abordagens interseccionais em pesquisas com base na perspectiva do cotidiano de Michel de Certeau, uma vez que dispositivos possuem discursos significados de poder marcados pelo gênero, raça e classe. Ainda assim, por mais que esses dispositivos atuem no nível discursivo e da prática, Costanzi e Mesquita (2021) concluem que pesquisadoras negras, por meio de práticas a partir de estratégias e táticas, são capazes de criarem “fissuras” na estrutura de poder, de modo que novas dinâmicas de poder são organizadas.

Segundo Revel (2010), o termo “dispositivo” aparece na obra de Foucault na década de 1970 e foi utilizado inicialmente para designar os operadores materiais do poder, além de ser direcionado às técnicas, estratégias e formas de sujeição associadas ao dispositivo. No livro *Microfísica do Poder* é apresentada uma entrevista em que Foucault é questionado sobre o sentido de dispositivo (FOUCAULT, 2016), levando em

consideração a utilização do termo no História da Sexualidade I (FOUCAULT, 2019). Foucault (2016) afirma que dispositivo é um termo que procura demarcar primeiramente um conjunto que é explicitamente heterogêneo e que engloba instituições, discursos, decisões regulamentares, organizações e medidas científicas, filosóficas, morais e filantrópicas. Foucault (2016) ainda discorre que o dispositivo é composto por elementos “ditos” e “não-ditos”, sendo o dispositivo a rede estabelecida entre esses elementos.

Ao considerar essa rede de elementos “ditos” e “não-ditos”, Revel (2010) explica que os dispositivos englobam tanto discursos quanto práticas e, nesse sentido, De Certeau (2018) afirma que o ato da palavra não pode separar-se da circunstância, sendo o discurso, portanto, uma prática social. O ato de falar e todos os processos de enunciação que o envolve não deve ser reduzido ao conhecimento da língua, pois segundo De Certeau (2018), o ato de falar uma língua possui quatro características: 1) é operado em um sistema linguístico; 2) há uma apropriação ou reapropriação da língua pelos enunciadores; 3) é relativo a um momento e a um lugar; e 4) é estabelecido um contrato com o outros numa rede de interrelações.

A apreensão da lógica da prática possibilita a associação da teoria de prática cotidiana de Michel de Certeau com a concepção de resistência de Michel Foucault, pois, segundo Faria e Silva (2017), a noção de tática de De Certeau (2018) se aproxima das manobras de contrapoder que Foucault (2016) afirma ser articulado com mecanismos de domesticação. Assim, é por meio da apreensão de diferentes práticas do cotidiano que se relacionam com dispositivos de poderes que proponho obter material que evidencie a formalidade da organização da prática social da imigração.

Ainda que cada prática seja um acontecimento único em sua manifestação devido a sua característica situacional, De Certeau (2018) afirmam que há uma razão, um motivo para elas acontecerem, que é a formalidade da prática da imigração. Para apreender essa formalidade, De Certeau (2018) sugere que pesquisas contemplem a “cultura popular”, em busca de perceber as práticas investidas na maneira de pessoas comuns agirem.

É por meio da pesquisa sobre as práticas cotidianas de pessoas comuns que podemos compreender a cultura popular, tendo De Certeau, Jameson e Lovitt (1980) afirmado que a lógica disjuntiva dos espaços não pode simplesmente ser concebida como fato empírico generalizador. Ressalvo também que no caso da imigração precisamos pensar em múltiplas culturas populares que se encontram, devido às características do fenômeno, que é ontologicamente plural.



Considero que a prática social da imigração é composta por um conjunto de práticas que organizam experiências de mobilidade multilocalizadas espacialmente incorporadas, possuindo uma dimensão de construção de experiências de relações de espaço e tempo para além das motivações econômicas (YAMAMOTO; OLIVEIRA, 2021). Essas experiências acontecem em diferentes localidades e são articuladas em contextos específicos, formando as bases do processo de organização dos imigrantes (YAMAMOTO; OLIVEIRA, 2021). Práticas cotidianas são componentes chaves ao se analisar a prática da imigração, pois o imigrar não é um fenômeno findo somente ao se completar o deslocamento.

Diante disso, defino como **objetivo geral desta pesquisa compreender como práticas cotidianas se organizam na composição de práticas sociais da imigração de brasileiros na Dinamarca**. Ao traçar esse objetivo, assumo que um(a) imigrante experiencia a integração em coletividades por diversas formas ao se estabelecer em um país anfitrião, até mesmo nas práticas mais corriqueiras, como dançar e cozinhar. Por meio dessa concepção eu passo a considerar a formalidade das práticas, que De Certeau (2018) informa ser a lógica por trás das práticas, sendo esta lógica possível de se endereçar ao se pesquisar culturas por meio da apreensão de fazeres populares e comuns do dia a dia.

A pessoa, ao caminhar pelas ruas de uma cidade, está sujeita à infraestrutura do país e ao seu ordenamento local, a exemplo do ato de atravessar a faixa de pedestres na Dinamarca, que é observado e coordenado atentamente pelos motoristas, pedestres e ciclistas. Por ser um país em que o deslocamento por meio de bicicletas é amplamente utilizado, o atravessar de faixas de pedestre é um processo que demanda constante atenção dos sujeitos em relação ao fluxo de indivíduos e entidades materiais utilizadas no deslocamento (como carro e ônibus), pois as ruas na Dinamarca possuem tráfego intenso dos diferentes meios de deslocamento além dos pedestres, incluindo pequenas motocicletas que também trafegam nas ciclovias.

Dessa forma, considero que na imigração há uma rede de práticas multifragmentadas que ocorrem cotidianamente, mas que estão constantemente sujeitas a forças de “reajustamento”, de reorganização, sendo essas forças emitidas a partir de outras práticas, como por exemplo no atravessar da rua enquanto o semáforo está com a luz vermelha para pedestres e a pessoa receber uma advertência de um motorista por meio do

som de buzina. Nesse caso, a prática de apertar a buzina possui uma intenção, de advertir, mas também demonstra que há um pacto social daquela coletividade que foi transgredido.

**Figura 2 – Trânsito em Dronning Louises Bro – Copenhagen**



Fonte: Pesquisa 2020

Uma coletividade é composta por inúmeros participantes e entidades materiais, que juntos possuem a qualidade de um coletivo. Todo componente desse conjunto está inter-relacionado com a coletividade e isso corre independentemente da vontade de cada indivíduo. Ainda existirá espaços onde as pessoas poderão manifestar o seu Eu de forma mais livre e dissociada de uma sociabilidade, como na privacidade do lar. Todavia, no ambiente urbano, como na calçada de uma avenida (Figura 2), convivemos indefinidamente com os outros membros do coletivo e estamos, portanto, passíveis de sermos regidos pela normatividade que organiza o espaço.

Tal entendimento da compulsoriedade do social sobre praticantes é pressuposto ontológico dessa pesquisa. Nesse aspecto, apresentarei no próximo tópico a tese que defendo por meio desse trabalho.

## 1.1. TESE A SER DEFENDIDA

Em vista do que foi introduzido até então, a imigração é um fenômeno manifestado em uma primeira análise a partir do deslocamento de indivíduos. Todavia, ser imigrante é além de simplesmente estar em um país diferente do seu de nacionalidade, pois sujeitos deslocados também possuem uma vida cotidiana no país anfitrião. Por conseguinte, concebo que imigrantes praticam seu cotidiano de acordo com suas margens de manobras e que a imigração é composta pelas “diferentes” práticas idiossincráticas ao cotidiano do imigrante, como a necessidade de se atentar a questões legais da mobilidade, que demanda emissão de documentos.

Desta maneira, o cotidiano, que é a vida de todo dia do ponto de vista do indivíduo, é repleto de lances situacionais táticos e estratégicos, sendo a imigração um processo constante de reconhecimento e readaptação de práticas cotidianas, de acordo com as experiências e grupos sociais com os quais o imigrante se inter-relaciona. Consequentemente, **a tese que defendo é a de que a imigração de brasileiros na Dinamarca se manifesta cotidianamente por meio de práticas sociais que são organizadas por dispositivos operados pelas coletividades em lógicas situacionais a partir da conveniência.** Em outras palavras, parto do pressuposto de que a imigração, enquanto fenômeno social, tem origem ontológica no deslocamento, mas que pessoas imigrantes também possuem outros tipos de mobilidades e práticas empregadas em seu dia a dia que se organizam na composição do fenômeno imigração.

Em termos metodológicos, essa tese reverbera na escolha da metodologia etnográfica, que foi operacionalizada por meio de entrevistas e de observações participantes no dia a dia de imigrantes. Por conseguinte, proponho também que para apreensão do fenômeno da prática da imigração, a possibilidade de permanecer o período de aproximadamente um ano em campo vivenciando a imigração diretamente propiciou a captação das principais práticas empregadas por sujeitos envolvidos em movimentos migracionais, permitindo obter material empírico que demonstre a articulação de práticas operadas em sistemas de dispositivos organizados a partir de lógicas com base na conveniência.

Neste breve tópico busquei apresentar a tese que defendo nesse trabalho. Retornarei a essa discussão ao final, ao apresentar as principais assertivas obtidas, bem como oferecendo um panorama geral do fenômeno aqui descrito.

A partir da próxima parte apresentarei o referencial teórico que embasa essa pesquisa, onde discutirei o organizar de fenômenos em uma abordagem baseada em práticas, com enfoque nas práticas manifestadas em tecidos sociais de forma associada com coisas materiais, bem como discorrerei sobre o cotidiano, compondo a perspectiva baseada em práticas cotidianas, que orienta ontológica e epistemologicamente esse estudo.

Em fechamento ao referencial teórico, trabalharei a conveniência e sua articulação de dispositivos de poder, seguidas da discussão sobre as margens de operação de sujeitos em uma perspectiva interseccional, com base na racialidade e gênero. Informo que o referencial teórico é resultado de contínuas readaptações, sendo essa construção atual a síntese que respalda ontologicamente as categorias de práticas que emergiram a partir da produção de material empírico, junto com alterações incorporadas ao longo do processo de avaliação do trabalho.

Em seguida apresentarei abordagens epistemológicas e ontológicas que permeiam as teorias aqui tratadas, de modo que fique em evidência o caminho que trilhei para interpretar e dialogar com as diferentes vertentes teóricas recorridas. Subsequente ao referencial teórico, apresento os caminhos metodológicos percorridos para execução da pesquisa de campo, seguidos dos resultados empíricos e suas respectivas discussões. Por fim, apresento as considerações finais, bem como os desdobramentos dessa pesquisa para Administração.

## 2. POR ONDE ANDEI TEORICAMENTE?

Por ser um pesquisador de Estudos Organizacionais e Sociedade, eu construí esse referencial teórico com base na literatura da área, de forma que trabalho o organizar na constituição de fenômenos sociais, apresentando as práticas cotidianas como componentes essenciais da vida social organizada. Desta maneira, iniciarei discorrendo sobre o organizar como teoria, seguido de assertivas sobre a abordagem baseada em prática e o envolvimento das coisas materiais em práticas sociais.

Ao abordar que há um movimento de organizador de nossas práticas sociais em nossa vida cotidiana, considero que diferentes desdobramentos no nosso dia a dia não ocorrem simplesmente, sendo um processo construído e direcionado. Por conseguinte, em uma abordagem baseada em prática é necessário apreender as formalidades de práticas, uma vez que há uma “razão” associada aos diferentes acontecimentos (DE CERTEAU, 2018), em que a organização do cotidiano não é um processo pacífico marcado somente pela atuação de uma estrutura subjacente.

Para endereçar essa formalidade a ser apreendida, trabalho a proposição teórica de que dispositivos são operados coletivamente, de modo que diferentes aspectos da vida social de sujeitos são organizados por práticas cotidianas. Em vista disso, ao longo dos próximos tópicos, apresentarei o referencial teórico que embasará as análises dos resultados desse trabalho de tese.

### 2.1. O ORGANIZAR DO FENÔMENO

O estudo de organizações é um movimento recente no campo das ciências sociais e, segundo Tolbert e Zucker (1999), organizações não eram reconhecidas por cientistas como um fenômeno social distinto, que demandasse um estudo próprio, ainda que organizações tenham sido objetos de estudos no movimento funcionalista, em que estudos tratavam organizações a partir de problemas sociais gerais. Ao empregar o termo “organizar da imigração”, recorro a teorias dos Estudos Organizacionais no auxílio do entendimento da vida social. A princípio, Souza, Costa e Pereira (2015) explicam que

organizações não possuem existência própria, não se configurando como um objeto natural ou uma entidade neutra sem histórico, mas que compreende uma construção histórica, cultural e social permeada por relações de poder.

Outrossim, Souza, Costa e Pereira (2015) afirmam que podemos pensar as organizações como processo, isto é, o organizar, o que significa concebê-las como formas não acabadas ou sistemas não-completos, sendo as organizações, portanto, entidades móveis. Por conseguinte, o objeto de análise dos Estudos Organizacionais não são empresas, mas sim processos de configuração, demandando que não se analise a organização formal, mas sim o organizar, que é decorrente das práticas interacionais estabelecidas pelos sujeitos em determinado espaço.

Conforme discorrem Duarte e Alcadiyani (2016), apesar de organização ser tratada tradicionalmente na Administração como forma de sistema social limitado e coordenado, uma noção naturalizada e neutra de organização pode não ser capaz de abordar fenômenos organizacionais complexos, de forma que o entendimento do organizar busca focar nas ações e processos de organizar ao invés de entender a organização. Nesse sentido, “organizar” e “organização” são categorias conceituais que se referem a situações relacionadas, mas que possuem ontologias díspares, sendo sua delimitação importante para o entendimento dos desdobramentos teóricos e empíricos alcançados nesse trabalho.

Na pesquisa etnográfica apresentada por Oliveira e Cavedon (2019), que buscou compreender organizações circenses como espaços praticados, foram discutidos os efeitos das emoções em organizações para além de uma concepção individual. As autoras consideram que o cotidiano organizativo é marcado pela politização, lutas e disputas, o que representa uma desconstrução da dinâmica normativa que considera organizações como entidades fixas.

É um desdobramento, portanto, conceber “organização” como uma forma de processo social, em que o organizar é envolto de linguagem, práticas locais, cultura, etnicidade e gênero, sendo organizações lugares de ação (CLEGG; HARDY, 1996). Interpreto, portanto, o termo “organizações” nesse trabalho como “espaços organizados”, embasando esse posicionamento na assertiva de De Certeau (2018), de que um espaço é um lugar praticado, articulado com a afirmativa anterior de que o organizar é constituído por processos permeados de ação situada em determinado lugar. Tal articulação teórica a respeito do organizar é respaldada epistemologicamente pela também afirmativa de Clegg

e Hardy (1996) de que organizações são objetos empíricos em que cada pessoa pode visualizar algo diferente por meio da análise.

Cooper (2007) discorre que organização humana é a *práxis* implacável do processo de encontrar a si mesma, assumindo a característica de ser a articulação coletiva do corpo social e cultural. Assumir essa forma de conceber o organizar como um processo sempre inacabado demonstra que organizações não são entidades concretas e fechadas, mas sim um complexo órgão social que está constantemente sujeito a mudanças e redefinições.

Nesse sentido, Souza, Costa e Pereira (2015) afirmam que organização é um processo e um estado dinâmico, em que normalmente haverá lugar para ausência de uma ordem específica, de modo que toda organização social é marcada por um processo de indecisão, sendo o desorganizar um requisito para existência do organizar. Isso porque, para Souza, Costa e Pereira (2015), organização é um movimento que sempre está inacabado ou incompleto, pois a “organização plena” nunca será atingida.

Por assumir o organizar como um movimento sempre incompleto, aproximo então a apreensão da vida social da abordagem baseada em prática, de modo que por meio dos nossos diferentes fazeres cotidianos podemos atuar dentro do ordenamento de nosso contexto. Nessa perspectiva, Souza, Costa e Pereira (2015) afirmam que sempre que houver relações de poder com objetivo de ordenar a vida, haverá “organização”.

No entanto, endereçar o organizar da vida social não se trata de um reducionismo das nossas relações às nossas redes de “vigilância”, mas sim uma atenção à atuação de nossas práticas em diferentes contextos situacionais e lutas cotidianas, considerando que De Certeau (2018) ressalta a importância de se verificar como uma sociedade responde às operações de “vigilância” generalizada. Ao ampliarmos a nossa análise da composição da vida social possibilitamos apreender outros elementos da vida cotidiana que até então não estavam em evidência, como afetos, silenciamentos, operações de pessoas comuns e composição material de espaços urbanos.

Dessa forma, organizações e ordens sociais, segundo Nayak e Chia (2011), emergem a partir de nossas ações de enfrentamento e interações criadoras de sentido por meio de nossas práticas cotidianas em prol de um mundo coletivamente “mais coerente e habitável”. Tendo em vista o caráter abstrato da existência de organizações, Nayak e Chia (2011) afirmam que indivíduos dependem necessariamente de representações e expressões linguísticas para poder articular entendimentos, significando que o que é

possível saber explicitamente depende totalmente do sistema linguístico e da estrutura que herdamos. Devido a essa pluralidade de elementos no decorrer da vida social, pesquisas que buscam apreender fenômenos organizacionais devem considerar cada contexto de ocorrência na sua análise.

Nayak e Chia (2011) também explicam que nossa individualidade e nossas identidades devem ser consideradas como socialmente construídas, pois nós não somos seres naturalmente autônomos, e sim resultados de uma rede de relações dinâmicas relativamente estáveis, de forma que o que nós fazemos e criamos a partir do nosso ambiente é basicamente a consequência de nossas respostas às demandas de nossa vida cotidiana. Dessa forma, o social ocupa uma posição central ao analisarmos o organizar e Cooper (2007) explica que a base para a organização humana existir são os trabalhos de órgãos sociais e os sentidos humanos, não sendo a organização, assim, a soma das intenções e propósitos conscientes dos membros individuais, que são normalmente considerados como constituidores do tecido social em organizações humanas.

É por assumir que o organizar ocorre no cotidiano a partir de práticas de sujeitos participantes de coletividades que proponho a minha tese de a imigração de brasileiros na Dinamarca se manifesta cotidianamente por meio de práticas sociais que são organizadas por dispositivos operados pelas coletividades em lógicas situacionais, a partir da conveniência. Nesse sentido, apresento no próximo tópico a abordagem baseada em prática, que embasa a análise ontológica do fenômeno.

## 2.2. A ABORDAGEM BASEADA EM PRÁTICA

Introduzi anteriormente nesse trabalho que o conceito-base de prática que utilizo é o conceito apresentado por De Certeau (2018) de que práticas são as nossas “maneiras de fazer” cotidianas ou as operações de usuários no seu dia a dia, que estão supostamente “entregues” à passividade e disciplinamento. Todavia, De Certeau (2018) defende que o estudo das práticas cotidianas não é um retorno à individualidade de sujeitos, mas sim uma forma de atomismo social do qual a prática pode ser redutível, o que é consoante com as demais teorias da prática. Nesse sentido, De Certeau (2018) afirma que a sociedade é constituída de certas práticas que organizam as instituições normativas e que



existem muitas outras práticas que permanecem “menores”, ainda que de forma presente, não organizando diretamente discursos ou preservando processos.

Reckwitz (2002) defende que há diferença entre “prática” e “práticas”, com base na língua alemã, que possui uma diferença útil entre *Praxis* e *Praktik*. Para Reckwitz (2002), a Prática (*Praxis*), no singular, representa um termo enfático que descreve a ação humana como um todo, enquanto Práticas (*Praktik*) diz respeito à teoria das práticas sociais e consiste no comportamento rotinizado, que é composto de vários elementos interconectados entre si, sendo esses elementos: as formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, coisas materiais, um saber fazer, estados de emoção e conhecimento motivacional.

Para ilustrar essa diferenciação entre prática e práticas, mesmo que não seja perceptível de forma explícita na língua portuguesa, apresento como exemplo a prática da administração e as práticas de administração. Quando me refiro à prática da administração, digo respeito à dimensão da ação humana como um todo no processo de administração, ou seja, o administrar.

No entanto, quando consideramos as práticas de administração, consideramos que a administração possui práticas sociais e contém comportamentos rotinizados de diversas dimensões, como, por exemplo, na situação de implementação de uma metodologia previamente estruturada no gerenciamento de uma instituição, em que há outras práticas sociais influenciando no processo. Pessoas produziram esse material previamente, a instituição implementou os procedimentos e funcionários que já estavam acostumados com uma rotina tiveram que se adaptar às novas orientações.

As práticas de administração são, portanto, o composto de maneiras de fazer que organizam constantemente a atividade administrativa em si. Ambos os empregos da palavra prática dizem respeito ao administrar, mas com diferentes dimensões de ocorrência/análise. Ainda que exista essa diferenciação de significado de prática, essa delimitação no português não é determinística em relação ao modo que usamos a palavra prática, pois essa diferenciação se estabelece principalmente numa dimensão heurística, não havendo hierarquização desses usos.

Dessa forma, a prática endereçada nesse trabalho é a prática social, em que há manipulação de forças e politização das práticas (DE CERTEAU, 2018), não demandando, portanto, análise do fenômeno como um bloco indissociável, mas sim a

compreensão de como praticar o cotidiano por meio das inúmeras lutas e relações de força que compõem o fenômeno em foco.

Ao me referir às lutas e relações de força no cotidiano levo em consideração a afirmativa de Buchanan (2000) de que a teoria de práticas táticas e estratégias de Michel de Certeau oferecem uma noção alternativa de poder como um modelo organizante baseado na lógica situacional. É importante mencionar que práticas táticas e estratégias são confrontacionais, ainda que sejam associadas, tendo Buchanan (2000) afirmado que as táticas atribuem poder numa posição até então considerada como desempoderada, o que representa uma oportunidade de trabalho para a teoria foucaultiana, embasada na existência de poder e resistência.

Um exemplo de emprego da perspectiva baseada em prática a partir de Michel de Certeau na pesquisa organizacional é o estudo de Oliveira, Mendes e Lopes (2019), que por meio de uma pesquisa etnográfica da Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás buscaram compreender como práticas de organização do evento influenciam a organização do município. Como resultados, as autoras apresentaram que a organização das festas, ainda que ocorra de forma temporária, se articula com trocas socioeconômicas entre Estados, moradores locais e turistas, sendo evidenciada por meio dessas relações a concepção do espaço da cidade e da comunidade.

Temos, portanto, até o momento, que a prática, menor componente da vida social numa abordagem baseada em prática e o seu estudo demandam associação do “fazer” com o cotidiano, possibilitando as práticas serem apreendidas por meio das maneiras de fazer dos indivíduos no seu dia a dia. Nesse sentido, Gherardi (2011) afirma que o saber e o fazer são fenômenos inextricavelmente emaranhados, mas ainda que haja um movimento no campo científico para unificar e sintetizar Estudos Baseados em Práticas (EBP), duas orientações parecem ser os pontos em comuns dessas diferentes abordagens, que são a concepção de prática como objeto de análise e o pressuposto da prática como epistemologia.

Para Feldman e Orlikowski (2011), não é possível se obter previsões no sentido convencional a partir das generalizações provenientes da teoria produzida com práticas, visto que essas podem fornecer somente princípios capazes de explicar e guiar a ação. Tais princípios articulam relações e “encenações” particulares que oferecem “*insights*” para compreensão de outras situações, sendo essas baseadas no contexto e no histórico (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Para Reckwitz (2002), o indivíduo, que é um agente corporal e mental, age como portador de uma prática, sendo, portanto, também portador de modos rotinizados de entender, saber-fazer e desejar. De fato, o indivíduo porta várias práticas ao mesmo tempo, que não necessitam estar conectadas, como, por exemplo, o fato de interpretarmos as coisas involuntariamente, com base em nossas experiências passadas, mas que compõem nosso ser e querer por meio da memória.

Dessa forma, a prática assume na vida cotidiana de sujeitos a própria dimensão do seu vivenciar, operado por meio de inúmeras práticas que são interconectadas, mas ainda assim dispersas entre as entidades e coisas materiais envolvidas em nossa sociabilidade. Como exemplo concreto dessa afirmativa, podemos pensar na condução de um carro, ato que, além de utilizar saberes anteriormente adquiridos, demanda um carro, que é uma coisa material, autorizações do sistema legal, como documentação de condutores, e a prática de condução em si.

Outrossim, Reckwitz (2002) afirma que as práticas são elementos interconectados entre si, entre eles atividades corporais, formando um comportamento rotinizado. Nessa perspectiva, a prática de dirigir é uma prática social multifragmentada, inter-relacionada com coisas materiais e que ocorre para muitos cotidianamente, o que é coerente com as teorias abordadas até o momento.

Até esse ponto busquei discutir a vida social organizada a partir de uma abordagem baseada em prática, que é ontologicamente processual. Essa concepção norteará a apreensão de aspectos do fenômeno imigração na análise do material empírico produzido. No próximo tópico tratarei da questão da materialidade e como coisas materiais compõem a prática social.

### **2.2.1. O fazer com coisas materiais**

Primeiramente, considero oportuno fazer a diferenciação entre materialidade e coisas materiais. Denomino de coisas materiais os objetos físicos que são componentes de nossas práticas cotidianas, o que é consoante com o pensamento de Reckwitz (2002), que afirma que objetos são componentes necessários para muitas práticas. O autor explica

que objetos podem ser indispensáveis para constituição de uma prática, tanto quanto as atividades corporais e mentais que são essenciais para que um sujeito possa praticar algo.

Já a materialidade possui um sentido mais amplo do que fisicalidade, ligada à composição da matéria, tendo Harman (2016) afirmado que popularmente o interesse por objetos no meio acadêmico é confundido pelo interesse materialista, sendo essa temática associada a explicar algo histórico, contingente, socialmente construído e que envolve práticas culturais. Destaco a arqueologia como uma área que conduz discussões mais amplas acerca dessa temática (BENNET, 2012; WITMORE; 2014; HARMAN, 2016), por meio de movimentos sólidos na discussão da temática, como o movimento dos “novos materialistas”.

No que diz respeito à materialidade na prática, Reckwitz (2002) trata essa temática por meio de dois componentes: o corpo e as coisas. Reckwitz (2002) afirma que a teoria da prática possui uma maneira diferente de ver o corpo, sendo a prática social o produto do treinar o corpo de determinada maneira, devido à natureza da prática ser também composta por atividades corporais rotineiras, resultando no fato de que quando aprendemos uma prática aprendemos, de uma certa maneira, a sermos corpos.

Concretamente, um exemplo de prática pela qual aprendemos a ser corpo é ao nos vestirmos, uma vez que há significados atribuídos socialmente nas vestimentas, que são parte da nossa face pública (MAYOL, 2019) quando nos deslocamos no espaço urbano. Na abordagem baseada em prática, portanto, a materialidade diz respeito ao corpo, que permite que indivíduos por meio de atividade corporal possam praticar, enquanto coisas materiais são referentes aos objetos físicos que possam estar envolvidos na prática.

No exemplo da vestimenta, as roupas são as coisas materiais envolvidas na prática e a vestimenta “performada” representa a materialidade da prática de se vestir. Nesse sentido, Reckwitz (2002) defende que uma prática pode ser considerada como a “performance” de corpos humanos, conduzida de forma regular e hábil.

Além disso, atividades mentais e emocionais rotineiras também são, em algum nível, atividades corporais, o que levam Reckwitz (2002) a sustentar a afirmativa de que se as práticas são o lugar do social, conseqüentemente as performances corporais são o lugar do social e da “ordem social”, pois essas performances que dão ao mundo dos humanos sua ordem visível. Para Geiger (2009), o corpo também está atrelado ao conhecimento, pois o conhecimento é criado em um processo de prática que envolve atividades da mente e do corpo de forma simultânea, de modo que o conhecimento reside

nas práticas e não pode ser separado do corpo que o pratica, além de sempre envolver os sentidos e juízos estéticos do praticante.

Dessa forma, coisas materiais não são somente entidades posicionadas ao acaso na nossa vida cotidiana. Reckwitz (2002) afirma que quando determinadas “coisas” são elementos essenciais para certas práticas, não se pode reivindicar prioridade das relações sujeito-sujeito sobre as relações sujeito-objeto no processo de produção e reprodução da ordem social. Um exemplo da relação sujeito-objeto na imigração é a fiscalização de fronteiras em que ocorre checagem de documentação dos passantes pelos agentes do Estado local, sendo o passaporte uma coisa material essencial para se concretizar a imigração internacional em muitas nações. Nesse exemplo não há normalmente a priorização da relação sujeito-sujeito, uma vez que dispositivos legais organizam esse processo. Ainda assim, na entrada em um país, pode ser necessário que a relação sujeito-sujeito passe a ser preponderante, uma vez que superada a questão documental, dado que os agentes de fronteira podem requisitar informações a respeito do deslocamento por meio da prática de comunicação.

Tendo em vista que maioria das práticas sociais é composta por relações rotineiras entre diversos agentes, compostos de corpo-mente, e objetos, Reckwitz (2002) também conclui que não é necessário um elo entre a observabilidade da ordem social e a intersubjetividade, uma vez que o social também é localizado nas práticas em que agentes únicos lidam com objetos, tornando essas coisas lugar do social, pois são componentes das práticas sociais.

Nesse sentido, além de coisas materiais serem o lugar do social, a perspectiva de De Certeau (2018) também considera que há uma “fabricação” de significados em práticas associadas a coisas materiais, sendo esse fenômeno trabalhado pelo autor por meio de uma metáfora de produção e consumo à prática de assistir televisão. De Certeau (2018) afirma que o aparelho de televisão transmite imagens que são representações fabricadas por sistemas de “produção”, em que há o comportamento de passar horas em frente do aparelho, sendo importante a verificação de significados que são advindos dessas práticas. O comportamento de assistir televisão, portanto, segundo De Certeau (2018), deve ser endereçado para que se descubra o que o consumidor cultural “fabrica” a partir desse tempo dispendido na prática de assistir televisão, como por exemplo no caso de uma família de imigrantes, ao fazerem uma receita de comida local após ter aprendido em um programa de culinária. Ainda, outras questões relacionadas à materialidade

também podem ser motivadoras dessa prática de cozinha, uma vez que muitas vezes os ingredientes utilizados pela culinária local são de mais fácil acesso e mais baratos do que os ingredientes empregados na culinária do país de origem da família.

Dessa forma, assumimos que práticas cotidianas, bem como arranjos materiais, são dotados de significados e não estão entregues ao acaso, pois a existência social é marcada por resistências e lutas de poderes. Ao fazerem um estudo sobre sociomaterialidade, poder e redes de ações no organizar do artesanato de artesãs de Maceió, capital de Alagoas, Silva e Silva (2019) afirmam que a perspectiva certeuniana considera que a resistência não possui um lugar de poder estabelecido, mas sim embates entre lugares de poder que se entrecruzam, sendo esses embates referidos pelos autores com lugares de poder privilegiados na sociomaterialidade do artesanato. Essa construção teórica a respeito do poder na análise do estudo de Silva e Silva (2019) ressalta a natureza situacional da ocorrência de fenômenos sociais com base na perspectiva de Michel de Certeau.

Nesta temática, Carrieri, Papadopoulos, Quaresma Junior e Silva (2021) abordam a resistência como ontológica ao conceberem a resistência como prática de criar uma posição material em seu trabalho que busca re-examinar a relação entre poder e resistência ao pesquisar a reconstrução do Mercado de Vila Rubim na cidade de Vitória, Espírito Santo. Segundo os pesquisadores, o termo ontologia da resistência foi utilizado para descrever práticas políticas cotidianas que reconstróem o tecido material de espaços urbanos diretamente, como na situação retratada no estudo em que comerciantes não conseguiram reverter o plano de reconstrução do mercado Vila Rubin como uma atração turística com área comercial aberta, mas conseguiram se re-inserir nessas novas condições para reestabelecer seus meios de subsistência.

Em vista à dimensão ontológica da materialidade em práticas sociais, avanço para o próximo tópico, onde endereçarei a temática do cotidiano. Ao trabalhar as práticas cotidianas, que são politizadas, apresento teoricamente a menor dimensão de análise desse estudo, que são as práticas cotidianas. Por considerar a imigração como experienciada diariamente por meio das inúmeras práticas cotidianas envolvidas na sociabilidade de imigrantes, o próximo tópico será fundamental para avançarmos na constituição do constructo teórico que embasa a presente pesquisa.

### 2.3. AS PRÁTICAS NO COTIDIANO

No contexto acadêmico, os estudos marxistas compõem um campo que tem se dedicado a estudar o cotidiano. Para Heller (2008), a vida cotidiana é vivida por todos, independentemente de seu cargo na divisão do trabalho intelectual e físico, dado que ninguém pode se identificar com sua atividade humano-genérica de forma que possa se desligar totalmente da cotidianidade. Assim, a vida cotidiana é a vida do indivíduo inteiro, o que significa que a pessoa participa da vida cotidiana com todos seus aspectos individuais e de personalidade, colocando em funcionamento todos seus sentidos, habilidades, capacidades intelectuais, paixões, sentimentos, ideias e ideologias (HELLER, 2008).

Nessa perspectiva, Heller (2008) defende que a vida cotidiana é a esfera da realidade à qual os indivíduos mais se prestam à alienação, devido à possibilidade de a atividade cotidiana não ser consciente, ainda que suas motivações sejam normalmente efêmeras e particulares. Lefébvre (1968) também afirma que a cotidianidade é o principal produto de uma sociedade dita organizada e que o cotidiano não é um espaço-tempo abandonado deixado à liberdade e à razão, havendo o controle do desejo e aperfeiçoamento do cotidiano de modo que é possível pensar em um domínio sobre um espaço organizado a partir dele.

Portanto, segundo Heller (2008), o indivíduo é “devorado” por suas funções na vida cotidiana e pode se orientar na cotidianidade por meio do simples cumprimento adequado dessas funções. Em relação às funções cotidianas dos indivíduos, Carvalho (2012) alega que o Estado e a produção capitalista fazem a vida cotidiana ser, de certa forma, um espaço modelado para converter humano em um “robô”, capaz do consumismo dócil e voraz em prol da eficiência produtiva, que resulta na abdicação de sua condição de sujeito e cidadão.

Segundo Carvalho (2012), historicamente poucos pesquisadores se dedicavam a estudar a vida cotidiana e o tópico era trabalhado principalmente por historiadores em registro de uma determinada época histórica e por romancistas. De acordo com Carvalho (2012, p. 23):

A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos dias: é levantar-se nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar de crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver

televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre etc... Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige do que a consciência.

Carvalho (2012) afirma que a vida cotidiana é a vida de todos os dias e de todas as pessoas, que é notada e apresentada de forma diversa em suas diversas faces, englobando as inter-relações e atividades rotineiras de todos os dias. Na linguagem coloquial corriqueira, constantemente nos referimos ao cotidiano meramente como uma dimensão temporal, e Netto (2012) discorre que, em sua insuprimibilidade ontológica, o cotidiano não se mantém em uma relação seccionada com a história, pois o cotidiano não se descola do histórico. Outrossim, Netto (2012) apresenta que o cotidiano é um dos níveis constitutivos da história, representando o nível em que a reprodução social se realiza na reprodução dos indivíduos enquanto tais.

No entanto, devido à abordagem empregada nesse trabalho com base em De Certeau (2018), considero que o cotidiano não é um campo entregue à disciplina e à passividade. O cotidiano, para De Certeau (2018), é o que nos mantém de forma intencional dentro do nosso caminho, no sentido de ser nosso todo dia e nossa vida diária, havendo a existência do hábito. Segundo Franco e Oliveira (2016), a teoria de prática de De Certeau apresenta o cotidiano como algo que nos obriga a constantemente jogar no sistema e com o sistema para que entre os interstícios das práticas possamos reapropriar o cotidiano e nos colocarmos como sujeitos de nossas histórias. Nesse sentido, Franco e Oliveira (2016) defendem que o cotidiano também pode ser compreendido como processo devido ao constante movimento produzido pelos jogos políticos advindos das práticas cotidianas.

O conceito de cotidiano que nos foi apresentado por Michel de Certeau no primeiro volume de *A Invenção do Cotidiano* se diferencia ontologicamente da visão marxista na agência do sujeito, enquanto praticante, por também permitir uma atuação com base na oportunidade. Para De Certeau (2018), a retomada ao conceito de cotidiano é importante para que possamos obter um panorama para além dos modos de operar e modos de ação que tivemos contato nesse primeiro volume.

Nesse âmbito, Leite (2010) afirma que para De Certeau o cotidiano é composto por procedimentos, sendo sua perspectiva heterodoxa caracterizada por não definir o cotidiano por suas regularidades sociais, mesmo que o cotidiano possa ser formado por recorrências, o que representa um rompimento da definição de cotidiano como rotinização, abrindo lugar para se conceber o cotidiano como movimento. À vista disso,



Leite (2010) destaca que o cotidiano em De Certeau representa uma ruptura total do binarismo conceitual entre estrutura e ação, dado que o foco não é em investigar as determinações estruturais na nossa ação cotidiana, mas sim na análise da vida cotidiana que possui seus lances táticos e situacionais nas artes de fazer, que são as práticas.

A vida cotidiana é composta por variados elementos e práticas, que podem ser individuais ou coletivas, sendo essas práticas despercebidas por vezes aos nossos olhos, pois sua apreensão demanda vivenciar a realidade do fenômeno por meio das formas que indivíduos “fazem” seu cotidiano (GOUVÊA; ICHIKAWA, 2015). Ademais, Leite (2010) explica que entender o cotidiano como composto por práticas subverte parâmetros conceituais que associam o cotidiano a rotinas e regularidades, uma vez que as práticas em De Certeau enfatizam a característica inerente do cotidiano como algo composto por disputas e rupturas.

Ao fazerem um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores no Oeste do Paraná, Gouvêa e Ichikawa (2015) discorrem que apreenderam um jogo de interesses entre os envolvidos na cooperativa, demonstrando interesses pessoais dos praticantes, o que faz a “realidade” diferir do discurso da coletividade de que se é objetivado somente o “crescimento coletivo”. Para apreensão desses aspectos, as autoras fizeram uso da observação participante e conduziram entrevistas com sujeitos envolvidos na feira, sendo ressaltada a importância dos detalhes dessa vivência cotidiana, uma vez que frases ditas de maneira aparentemente aleatórias ao longo da pesquisa podem adquirir sentidos relevantes que orientam a análise do fenômeno.

De Certeau (2018) também nos informa que o cotidiano não é um fenômeno completamente invisível e que o segundo volume da obra *A Invenção do Cotidiano* tem como objetivo trabalhar uma perspectiva mais importante do que explicar os modos de operar e agir, que foi feito no primeiro volume, buscando, assim, traçar os entrelaçamentos desses modos de operar e de ação. Machado, Chropacz e Bulgacov (2020) afirmam que De Certeau utiliza o termo “invenção” no título de sua obra para se referir à concepção do indivíduo comum como uma pessoa ativa que transforma as práticas e altera seu funcionamento, sendo o consumo do indivíduo referido como apropriação, com conotação de agência.

Todavia, De Certeau (2018) explica que o objetivo da obra *Invenção do Cotidiano* só pôde ser executado de forma limitada e parcial, evidenciando os efeitos marcados por pessoas comuns. Ainda, De Certeau (2018) afirma que esse tipo de pesquisa não busca

transformar pessoas comuns em “objetos para análise” dentro de suas atividades, mas sim a articulação da relação entre o estranhamento e a familiaridade. Dessa forma, a pessoa comum não reproduz simplesmente o cotidiano e, segundo Machado, Chropacz e Bulgacov (2020), o foco da pesquisa social com essa base teórica é o indivíduo que constrói cotidianamente processos organizativos, que também são conduzidos pelos próprios indivíduos comuns, por meio de suas experiências e maneiras de fazer.

Um exemplo de pesquisa que leva em consideração as práticas cotidianas na constituição de fenômenos é o trabalho de Vilas Boas e Ichikawa (2020), que buscou compreender como ocorrem as práticas cotidianas de trabalhadores alagoanos que atuam como cortadores de cana-de-açúcar em usinas no Paraná. Nesse estudo, Vilas Boas e Ichikawa (2020) afirmam que a prática de conveniência é utilizada pelos migrantes como forma de obter um novo uso ao consumo da representação negativa de alagoanos, de forma que esses sujeitos pudessem ser vistos com “outros olhos” pela comunidade local. Nesse sentido, as autoras descrevem que há um interesse desses migrantes em territorializar esses espaços, sendo essa territorialização alcançada por meio do esforço desses sujeitos em cumprir a convenção coletiva tácita desses lugares, de forma que a “não exclusão” ocorre ao se aceitar e praticar as regras da nova territorialidade.

Nesse sentido, o processo de estranhamento e familiaridade também se dá por meio de práticas sociais no cotidiano, que não ocorrem ao acaso. Assumo, portanto, que há uma lógica de funcionamento organizada a partir das inúmeras práticas cotidianas de indivíduos e por meio desse trabalho proponho investigar a operação dessa lógica ao considerar que nossas operações muitas vezes se organizam em dispositivos de controle fundamentados pela prática de conveniência. Em vista disso, apresento no próximo tópico o conceito de dispositivo de poder, que proponho ser operado por meio de relações estabelecidas entre sujeitos de uma coletividade em lógica situacional mediada pela conveniência.

#### 2.4. O DISPOSITIVO E A CONVENIÊNCIA

Até o momento apresentei características da abordagem baseada em prática na apreensão da vida social, que considero como composta por práticas cotidianas,

manifestas ora por táticas, ora por estratégias, nas diferentes formas de operações de pessoas comuns que fazem parte da massa da sociedade. Ainda que as práticas cotidianas sejam aparentemente entregues à compulsoriedade do cotidiano, neste trabalho empenho-me em buscar lógicas situacionais que demonstrem as “regras”, ou lógicas de funcionamento a partir das quais as práticas se orientam, pois, segundo De Certeau (2018, p. 41):

Pode-se supor que essas operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos de usar, e, portanto, desprovidas de ideologias ou de instituições próprias, obedecem a regras. Noutras palavras, deve haver uma lógica dessas práticas.

No que diz respeito aos aparelhos que sobressaem perante as práticas em alguns momentos, Foucault informa que, em primeiro lugar, o que se busca captar com o termo aparelho<sup>3</sup> (*apparatus*) é um conjunto heterogêneo formado por discursos, instituições, leis, medidas administrativas, declarações científicas, entre outros componentes que juntos representam o que é “dito” e o “não dito” no dispositivo (GORDON, 1980). Nesse âmbito, Deleuze (1990) discorre que o dispositivo é um conjunto multilinear de “linhas” que delimitam sistemas homogêneos por conta própria, como objeto, sujeito e linguagem, associados às três grandes instâncias distinguidas por Foucault: Saber, Poder e Subjetividade. Esses elementos heterogêneos e interconectados resultam na existência de um “jogo”, que Foucault (2016) afirma ser responsável pela mudança de posição e funções dos elementos. Dessa forma, o dispositivo para Foucault é o próprio sistema de relações que são estabelecidos por esses elementos, sendo o objetivo da pesquisa do teórico justamente identificar a natureza da conexão desses elementos heterogêneos (GORDON, 1980).

Foucault (2016) também afirma que o dispositivo possui sua formação, que ocorre em um determinado momento histórico, embasada na tentativa de responder a uma urgência. Nesse sentido, Foucault (2014) demonstra que alguns dispositivos são voltados para o futuro, pelo menos na sua idealização, de modo que dispositivos organizam práticas para “bloquear” a repetição da prática considerada delituosa. Por conseguinte, o dispositivo possui uma função estratégica que é dominante (FOUCAULT, 2016).

---

<sup>3</sup> Na obra *Power/Knowledge Selected Interviews and Other Writings*, organizada por Gordon (1980), Michel Foucault é indagado na entrevista *The confession of the flesh* sobre qual é o significado ou função metodológica do termo dispositivo, sendo utilizado o termo “*general apparatuses*” como o equivalente ao termo original em francês “*dispositifs d’ensemble*”.

Nesse momento é importante conduzir algumas distinções sobre estratégia e tática entre as conceitualizações a partir de Michel Foucault e de Michel de Certeau. Segundo Castro (2004), Foucault distingue três sentidos do termo estratégia: 1) escolha de meios pautados na racionalidade para alcançar um fim; 2) maneira como um jogador se porta a partir do que considera como comportamento provável dos outros jogadores; e 3) conjunto de procedimentos para privar o inimigo do combate, visando a vitória. Esses sentidos, para Castro (2004), se resumem na assertiva de que estratégia é a escolha de “soluções vencedoras”.

O sentido de estratégia de Foucault possui uma aproximação ontológica da prática do tipo estratégia trabalhada por De Certeau. Assim como Foucault, De Certeau (2018) associa a estratégia ao controle de formas e possibilidade de privar um sujeito de sua autonomia de decisões. Em ambas conceitualizações há um jogo de forças, seja por meio da análise politizada das práticas a partir de De Certeau, seja por meio da concepção das relações de poder estabelecidas, com base na literatura de Foucault. Neste âmbito, Foucault (2016) afirma que o poder não existe concretamente, uma vez que a ideia de o poder ser emanado a partir de um ponto determinado não é capaz de explicar a pluralidade do fenômeno.

Sendo assim, Foucault (2016) afirma que o poder é efetivamente o “feixe” das relações mais ou menos organizadas e coordenadas (muitas vezes mal coordenadas). Foucault (2016) explica ainda que a ideia do poder emanado a partir de um determinado ponto faz-se útil se o objetivo é construir uma teoria do poder, pois é necessário focar a análise a um determinado momento para conceber sua gênese e sua consequente dedução.

No que diz respeito à tática, Castro (2004) afirma que Foucault utiliza o termo em sua literatura por muitas vezes com inspiração a partir da técnica da tática militar. A tática, nesse sentido, é um dispositivo de saber e poder que pode ser transferida para outra situação em que há confronto entre forças (idem, *ibidem*). Tal conceitualização também aproxima a utilização de Foucault do termo empregado no contexto de práticas por De Certeau (2018), em que na existência de oportunidade um sujeito pode aproveitar o momento para exercer sua manipulação de forças em um contexto de estratégia. Isso significa que a prática tática está essencialmente associada à disputa de poder, ainda que não seja capaz de subverter à estratégia, que é manipulada pelos sujeitos dominantes.

É possível, portanto, aproximar a operação de dispositivos com a teoria baseada em prática trabalhada por Michel de Certeau (YAMAMOTO; ICHIKAWA, 2021), uma

vez que práticas táticas e práticas estratégicas possuem relações marcadas por relações de força, operadas na cotidianidade, mesmo nas práticas consideradas convencionalmente como não produtoras de cultura, como cozinhar. Tendo em mente que para Michel Foucault o poder é operado nos lances situacionais, existe a possibilidade de amplas variações, mudanças de posições e modificações de funções em um dispositivo (GORDON, 1980). Dessa forma, em observância aos modos de operar de pessoas comuns em seu cotidiano, proponho teoricamente nesse estudo que seja necessária a apreensão de dispositivos operados por lógica de conveniência ao se tentar buscar uma formalidade das práticas.

Para embasar essa proposição, apresento, primeiramente, o conceito de conveniência de Mayol (2019), que é explicado como o compromisso que cada pessoa firma, em um espaço organizado, de renunciar aos seus impulsos individuais em prol da coletividade e, nesse caso, o indivíduo obtém como “lucro” os benefícios simbólicos advindos da coletividade. Faço o emprego do conceito conveniência por meio de uma generalização teórica, dado que ele foi desenvolvido em um contexto de vida social no bairro, que Mayol (2019) define como “organização coletiva de trajetórias individuais”, no qual moradores se encontram diariamente para suprir suas necessidades cotidianas, demonstrando a sociabilidade do organizar do bairro. Nesse sentido, Mayol (2019) discorre que cada morador é signatário de um contrato social consentido pelo indivíduo em relação ao bairro, obrigando-se a se esforçar para que a vida cotidiana seja possível.

Segundo Mayol (2019), a conveniência impõe aos participantes engajados em espaços organizados uma ética de comportamentos intuitivamente mensurável, que distribui sobre um eixo organizador de juízos de valores informações sobre a “qualidade” das relações humanas, além de exercer a verificação social dos comportamentos. Quando Mayol (2019) menciona qualidade, ele quer dizer não de um “*know-how*” social, mas sim de um “saber viver com”, no âmbito do contato para com o outro. Sendo assim, a conveniência demonstra seu caráter social, pois ela se manifesta e atua sobre a convivência social de indivíduos, sendo que Mayol (2019) afirma que a conveniência é a gestão simbólica da face pública de cada pessoa a partir do momento que estamos “na rua”.

Para Mayol (2019), os sinais que são escondidos no corpo emergem na superfície do corpo, como no rosto e a mão, sendo estes a face pública do usuário. O autor ainda afirma que o corpo é uma “memória sábia” que realiza o registro dos sinais de

reconhecimento e que para se manter “conveniente” é preciso saber jogar o “perde-ganha” do espaço, uma vez que o benefício aumenta quando o sujeito sabe renunciar, dado que não se pode exigir imediatamente todos os benefícios almejados.

Dessa forma, Mayol (2019) afirma que a conveniência atua como uma normatização que possibilita que sujeitos que agem de acordo com as regras possam recolher benefícios simbólicos, enquanto os que não se submetem às suas normatizações estão sujeitos aos prejuízos impostos. No mesmo sentido, o espaço organizado, em sua natureza social (REED, 1996), demanda um esforço para que seu cotidiano seja possível, devido à sua característica normativa e abstrata, residindo no campo dos comportamentos e instituições de seu domínio.

Assim, a conveniência se organiza na relação de forças e nos lances situacionais, podendo essas manipulações de forças também serem analisadas sob a óptica da microfísica do poder, que, segundo Foucault (2014), é a concepção do poder como uma estratégia e não uma propriedade. Foucault (2014) afirma que na microfísica do poder a estratégia é concebida a partir das disposições, manobras, táticas, técnicas e funcionamentos que estão estabelecidas na relação. À vista disso, o poder mais se exerce do que possui, não configurando um privilégio adquirido por um grupo dominante, mas sim o efeito do conjunto de seu posicionamento estratégico. Foucault (2019) ainda defende nesse âmbito que investigações sobre o poder devem se dirigir menos para uma “teoria” sobre o poder e mais para uma “analítica” do poder.

Dessa forma, o dispositivo é ontologicamente incompatível com a universalidade, tendo Deleuze (1990) descrito que todas as linhas envolvidas no fenômeno são processos singulares e variáveis, não havendo coordenadas constantes e fixas. Cada dispositivo é, portanto, uma multiplicidade em que processos operam em “devir”, de forma distinta de outros dispositivos (DELEUZE, 1990). Por consequência da singularidade de manifestação de cada dispositivo devido a sua multiplicidade de processos, recorro à operação da conveniência como embasamento da análise dispositivos em sua manifestação por meio de práticas cotidianas.

Para a apreensão da conveniência, Mayol (2019) apresenta o entendimento de que os seus sinais são perceptíveis apenas com o tempo, por meio de esboços, toques de linguagem fragmentados e não articulados, sinais estes que explicam a complexidade das relações envolvidas no espaço público. Ainda, Mayol (2019) discorre que a conveniência fundamentalmente possui estereótipos que por meio da apresentação do corpo são uma

manipulação da distância social. Segundo o autor, os estereótipos se expressam na premissa de “até onde se vai para não se ir longe demais”, sendo requisitos para manutenção do contato estabelecido pelo costume, possuindo ao mesmo tempo o objetivo de não cair na dependência de uma familiaridade exageradamente íntima. Nesse sentido, Lorentz (2016) afirma que a tolerância é uma estratégia utilizada em discursos modernos racionalizados para definir a aceitação do outro, sendo a aceitação calculada e condicionada. Sendo assim, a tolerância não significa aceitar a diversidade de forma incondicional, representando, portanto, uma hospitalidade condicionada, em que a diversidade é aceita por meio do cálculo das diferenças com base nos estereótipos.

Mayol (2019) também nos apresenta que cada participante de espaços organizados deve aderir um sistema de valores e comportamentos previamente definidos e que devem permanecer “atrás de uma máscara” desempenhando seu papel. Quando se leva em consideração o comportamento, também é ressaltado o corpo como principal suporte dos sujeitos para execução da sua atribuição social (idem, ibidem). Um exemplo concreto que podemos citar sobre o comportamento manifestado pelo corpo é o sorriso, sendo sua presença ou ausência o que definirá a atribuição do rótulo de “simpático” a determinado indivíduo.

Mas não são somente aspectos do nosso corpo que manifestam nossos comportamentos previamente definidos. A roupa também se apresenta como uma produtora de comportamentos estereotipados, em que o social se apresenta por meio da definição do que é apropriado para se vestir, garantindo, assim, o reconhecimento da pessoa em qualquer lugar (id., ibid.). Um exemplo concreto dessa situação é o uniforme, que atua também como uma ferramenta de demarcação dos sujeitos em uma instituição, sendo um desdobramento resultado dos valores e comportamentos reiterados pelo coletivo ao decorrer do tempo.

Além disso, Mayol (2019) ressaltava a função simbólica do corpo e seus acessórios, que desempenham papel principal no evento concreto de apresentar publicamente o seu “eu”, levando em conta que a conveniência propende a basear uma ordem de equivalência para que o que é recebido seja proporcional ao dado. Nesse jogo de dar e receber, a quantidade de palavras trocadas pode demonstrar a qualidade da relação e, nesse sentido, o consenso e o reconhecimento atuam de forma conjunta, sendo o consenso uma espécie de “termômetro” para medirmos quais são nossos ganhos e o reconhecimento um

processo desempenhado pela conveniência pelo qual cada pessoa sabe o que está “em jogo” (MAYOL, 2019).

Nesse sentido, o que está em jogo é a nossa sociabilidade, tendo Mayol (2019) afirmado que a norma é forte o suficiente para realizar a exclusão social de sujeitos considerados “excêntricos”, sendo essa norma a manifestação de um contrato que possui também uma compensação positiva, que é a possibilidade de coexistência de pares não vinculados previamente, mas que são regidos pela norma, o que obriga cada pessoa a se moldar e realizar a manutenção do “coletivo público”, tornando espaços possíveis para todos. Cada participante dos espaços sociais deve, portanto, aderir um sistema de valores e comportamentos previamente definidos e que devem permanecer “atrás de uma máscara” desempenhando seu papel, sendo o corpo o principal suporte dos sujeitos para execução da sua atribuição social (idem, *ibidem*).

À vista disso, faço a assertiva que em nosso dia a dia somos envoltos de dispositivos, praticados e/ou embebidos em discursos, atuando no organizar coletividades de acordo com suas especificidades, efetivando-se por múltiplas operações que são praticadas com base na lógica da conveniência, estabelecendo-se em um movimento situacional que reflete a formalidade dessas práticas. A prática, dessa forma, é social devido à sua característica relacional e possui uma lógica mediada pela conveniência, sendo essas relações estabelecidas por um processo que Foucault chama de “sobredeterminação funcional”, uma vez que cada efeito ou ação, intencional ou não, entra em ressonância ou contradição com outros efeitos (GORDON, 1980). A sobredeterminação funcional, portanto, é um conceito que está associado aos lances situacionais cotidianos (DE CERTEAU, 2018), de forma que vida social é constituída a partir das inúmeras práticas que são empregadas por pessoas comuns no seu dia a dia e pelos efeitos de ressonância ou contradição gerados por essas práticas.

Conforme reproduzido no livro organizado por Gordon (1980), Foucault considera que o dispositivo possui um tipo de gênese, destacando dois momentos importantes. Primeiramente, há a influência predominante de um objetivo estratégico e o outro momento é a constituição do aparato, que é “habilitado” a continuar existindo nesse duplo processo de ressonância ou contradição. Tendo em vista que, segundo Deleuze (1990), o dispositivo é composto por duas dimensões: curvas de visibilidade (referente ao “não-dito”); e curvas de enunciação (referente ao “dito”), é desdobramento pensar em



dispositivos como resultados de práticas, que são sociais, operadas sob um objetivo estratégico comum articulado em dimensões discursivas e materiais (dito e não-dito).

No que diz respeito à composição da coletividade que opera convenientemente dispositivos de controle a partir de suas práticas cotidianas, De Certeau (2018) ressalta que, apesar de existir uma marginalização de uma maioria da sociedade, que são as pessoas comuns, essa maioria “silenciosa” não é homogênea, pois é detentora de expressiva pluralidade, sendo a marginalização relacionada principalmente à produção de cultura. À vista disso, é preciso ter cuidado para não considerarmos que exista uma cultura generalizadora para a massa da sociedade, pois De Certeau (2018) ressalta que a massa da população não é homogênea, ainda que pessoas estejam ligadas por uma espécie de comunicação obrigatória e por funcionamentos relacionados a situações sociais e relações de força.

Nesse sentido, De Certeau (2018) afirma que um trabalhador imigrante, ao assistir televisão, não possui o mesmo espaço de crítica ou de criação que um nacional comum daquele país, ainda que estejam inseridos muitas vezes na mesma coletividade, demonstrando que dispositivos semelhantes podem possuir jogos com relações de forças díspares. Isto posto, no próximo tópico discorrerei sobre as margens de operações no cotidiano de pessoas comuns, levando em consideração que a normatização social organizada a partir de múltiplas práticas pode ter suas operações influenciadas por questões raciais e de gênero.

## 2.5. MARGENS DE OPERAÇÃO DOS IMIGRANTES: RAÇA E GÊNERO COMO CATEGORIAS ANALÍTICAS

A pesquisa social com abordagem baseada em práticas a partir da literatura de De Certeau (2018) demanda que diferenciemos as “ações” que se efetuam em redes de pessoas comuns para que sejam estabelecidas distinções entre margens de manobras disponíveis aos sujeitos de acordo com as conjunturas em que operam suas práticas do dia a dia. Dessa forma, para apreender as culturas populares de imigrantes brasileiros na Dinamarca preciso verificar como as relações de forças desiguais são articuladas nos dispositivos de seu cotidiano. Para De Certeau (2018), a cultura frequentemente legitima

a razão do mais forte, sendo a cultura politizada por meio de práticas cotidianas quando os mais fracos utilizam-se de táticas e engenhosidades para gerar benefícios do mais forte.

Um exemplo dessa manipulação de forças é o estudo de Silva e Fantinel (2021) sobre práticas festivas marginalizadas, que demonstra que existe uma macropolítica cultural que afasta pessoas comuns da centralidade no organizar das festividades pesquisadas. Ainda assim há possibilidades de “golpear” o sistema por meio de ações em seu próprio mecanismo, o que ressalta a existência das micropolíticas envolvidas nos processos de organização (SILVA; FANTINEL, 2021).

Associada à questão das “margens de operação” disponíveis a cada praticante, durante a pesquisa de campo houve indução a partir do material empírico sobre a necessidade de trabalhar as categorias analíticas de gênero e raça, pois foram relatadas experiências de racismo e assédio sexual na prática de imigração de brasileiros na Dinamarca. À vista disso, nesse tópico apresentarei algumas discussões sobre gênero e raça que auxiliarão as análises do material empírico produzido.

A utilização do termo raça em Estudos Organizacionais no Brasil foi problematizada por Teixeira, Oliveira e Carrieri (2020), por ser um conceito a ser combatido em termos biológicos, pois, enquanto humanos, possuímos uma única raça. No entanto, Teixeira, Oliveira e Carrieri (2020) afirmam que silenciar o termo raça é silenciar também o conjunto de produções sociais às quais ele está envolvido, sendo necessário compreender que essa temática é base da constituição organizacional. Neste âmbito, segundo Conceição (2016), sociedades antigas e contemporâneas têm distinguido e fixado grupos em papéis sociais diferentes, sendo a fronteira racial responsável pela separação de grupos específicos de pessoas. A categorização de grupos sociais imputa qualidades distintas para cada ator de cada grupo, sendo essa diferença pautada e fundamentada na pressuposição de uma supremacia de um segmento humano frente a outro (CONCEIÇÃO, 2016).

Em vista disso, Teixeira, Oliveira e Carrieri (2020) sugerem que raça seja recuperada como categoria analítica, pois no cotidiano, principalmente nas atividades laborais, as questões biológicas da raça ainda estão presentes na constituição de relações sociais e são utilizadas para justificativa de como podem e/ou devem ser “tratados” os corpos de pessoas negras. Os resultados da pesquisa que tratarei mais à frente no trabalho demonstraram que ser mulher negra brasileira tem influência nas relações estabelecidas no cotidiano dessas imigrantes na Dinamarca devido à representação sexualizada e

racializada que europeus têm sobre brasileiras. Como resposta às situações desagradáveis motivadas por racismo e assédio sexual, as imigrantes narraram recorrer a táticas de proteção de acordo com a oportunidade na situação, pois nem todas as relações de força possibilitam uma resposta direta sem que perdas sejam imputadas às praticantes.

De forma contextualizada, ao abordar a questão da mulher negra no trabalho e nos Estudos Organizacionais, Conceição (2016) afirma que essa concepção demanda pressupostos básicos para essa análise: assunção de que a sociedade brasileira, bem como as demais coletividades humanas, tem em sua composição grupos distintos de pessoas; e a concepção de que sexo e raça são importantes limítrofes da determinação do lugar que agrupamentos devem ocupar no mundo do trabalho, assim como na sociedade, levando em consideração que grupos sociais refletem valores e comportamentos da ordem social maior.

Conceição (2016) também explica que existem mecanismos sócio-organizacionais responsáveis pela manutenção de desigualdades raciais, de forma que não é somente falta de qualificação que impede mulheres negras de ocupar posições mais valorizadas em organizações formais, ainda que a diferença educacional tenha caído entre negros e brancos, bem como entre mulheres e homens. Dessa forma, a desigualdade social tem sido operada por dispositivos de racialidade no contexto americano desde o período colonial escravagista, em que a mulher negra trabalhava em lavouras e era forçada a produzir sob a ameaça do açoite (DAVIS, 2016).

Todavia, ainda que a constante ameaça do açoite aparente ser mais relevante do que questões relacionadas a gênero, mulheres escravizadas sofriam de forma diferente, porque eram também vítimas de abuso sexual e de outros maus-tratos bárbaros que eram focalizados às mulheres (idem, ibidem). Davis (2016) destaca que nessa relação escravagista era priorizada a busca de ganhos, pois quando era lucrativo, exploravam-se as mulheres como homens, desprovendo os indivíduos de gênero, mas quando havia a possibilidade de as explorar e punir de um modo “cabível” apenas às mulheres, as mulheres negras eram reduzidas exclusivamente à sua “condição de fêmea”.

Mesmo após o período em que o sistema de produção era baseado na escravização, as mulheres negras raramente foram “somente donas de casa” no continente americano, pois assim como seus companheiros, as mulheres negras co-assumiam a responsabilidade de provedoras da família (id., ibid.) em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica. Davis (2016) afirma que da mesma forma que suas irmãs brancas, as mulheres negras

foram responsáveis por cozinhar, limpar, alimentar e educar inúmeras crianças, mas que diferentemente de mulheres brancas da classe média, que podiam ter o apoio econômico privilegiado de seus maridos, as mulheres negras não dispunham de tempo e energia para se especializar na vida doméstica. Destaco a importância dessa discussão para o discorrer teórico desse trabalho devido às especificidades que ser mulher negra representa nas práticas cotidianas dessas pessoas, uma vez que contexto brasileiro foi fortemente marcado pelo colonialismo e uma imigrante do continente americano perpassa por diferentes construções identitárias no seu viver cotidiano que são resultados de inúmeros processos que fizeram a manutenção da desigualdade ao longo da história do seu local de origem.

Em contexto situado, recorro à teoria interseccional com objetivo de apreender as identidades por meio das práticas performadas em sociabilidades e inter-relações de indivíduos envolvidos no fenômeno de deslocamento. A interseccionalidade, segundo Akotirene (2019), busca analisar quais condições estruturais atravessam corpos e quais “posicionalidades” podem reorientar significados subjetivos desses corpos. No âmbito epistemológico da discussão, aponto a teoria interseccional como norteadora auxiliar nas construções das assertivas teóricas, levando em consideração que a interseccionalidade impede “aforismos” hierarquizantes ou comparativos de identidade por meio de “somas de identidades” (AKOTIRENE, 2019).

Nesse sentido, segundo Brown (2020), muitos autores da temática de identidade consideram que identidades são fenômenos processuais, sendo possível conduzir estudos que enderecem seus objetivos em apreender em diversos níveis de análise como identidades enquadradas em níveis diferentes se informam e se interconectam. Para Brown (2020), é importante estudar a matéria de identidades porque a identidade é essencialmente incorporada nos diferentes processos e resultados individuais/coletivos do nosso cotidiano social.

Alinhado epistemologicamente com a abordagem baseada em prática de De Certeau (2018), Souza (2021) afirma que identidades no pós-estruturalismo são concebidas como produção dentro de formações discursivas que são situadas em lugares históricos e institucionais específicos, sendo ressaltado que as várias formas identitárias de indivíduos não são caracterizadas como dóceis ou domesticadas, uma vez que sempre há possibilidade de emergirem identidades que praticam de forma ativa. Por conseguinte, ao considerar as categorias analíticas de raça e gênero, é possível apreender nuances da

operação de dispositivos que podem exercer forças de intensidade diferente de acordo com a pessoa.

Em sua pesquisa com empreendedores negros Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro, Santos e Oliveira (2020) concluem que é necessário que a concepção de raça como categoria social constituída como base de processos organizativos seja apreendida em diversos contextos sociais para compreensão do fenômeno, de forma que fiquem evidenciadas as singularidades dos processos sociais. Os autores também questionam se existem contextos em que a sexualidade torna mais marcante do que o critério racial, o que ressalta a necessidade de compreender mais profundamente como o racismo estrutural opera socialmente, sendo necessária a intersecção com questões de gênero, que tratarei adiante.

Segundo Kilomba (2020), “raça” e gênero são inseparáveis, pois as pessoas experienciam ambos os aspectos, uma vez que construções racistas se baseiam em papéis de gênero, bem como o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo, conforme abordei anteriormente ao retratar a questão da mulher negra no continente americano. Ribeiro (2019) informa, nesse âmbito, que no imaginário coletivo brasileiro é propagada a imagem de que mulheres negras são “fáceis” e “naturalmente sensuais”, o que é utilizado inclusive para se justificar abusos. É necessário, portanto, entendermos como essas estruturas de opressão são organizadas.

Ontologicamente a Interseccionalidade permite observar o movimento estruturado pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado em seus inúmeros desdobramentos, em busca de perceber quem são as pessoas realmente afetadas por matrizes de opressão (AKOTIRENE, 2019). Dessa forma, a Interseccionalidade trata-se da experiência racializada, pois certas pessoas são pertencentes a grupos marcados pela sobreposição identitária, o que faz Akotirene (2019) reforçar sobre a importância de se analisar todos os sentidos da diversidade de gênero, sexualidade, geografias incorporadas e marcações que são subjetivas.

Para Akotirene (2019), a interseccionalidade diz respeito à identidade da qual participa o racismo que é interceptado por outras estruturas. Devemos, portanto, nos atentar às especificidades de cada circunstância ao se analisar os diferentes acontecimentos da pesquisa de campo, ao se fazer uso da abordagem interseccional, pois diferentes estruturas podem possuir diferentes funcionamentos. Essa ressalva se faz importante nesse trabalho, pois, segundo Akotirene (2019), a branquitude na Europa é um

sistema de poder distinto do caso de brasileiro, o que demanda perceber onde começa e onde termina o racismo, a xenofobia, a discriminação regional e as outras opressões dotadas de significado de modo contextual.

O mesmo vale para questões de gênero, uma vez que o que é considerado como masculino e feminino no ocidente pode não ter a mesma significação no oriente, ressaltando a relevância de se levar em conta os processos sociais que cercam nossas percepções pessoais. Indivíduos são essencialmente nexos socioculturais de relacionamentos que foram moldados através do tempo, de forma que suas identidades e características não lhe são atribuídas previamente ao seu envolvimento com os outros (NAYAK; CHIA, 2011).

À vista disso, Nayak e Chia (2011) afirmam que práticas e relações socioculturais precedem a individualidade e que os próprios indivíduos devem ser entendidos a partir da forma que relações sociais e agrupamentos de eventos são manifestadas. Ainda, Reckwitz (2002) explica que para muitas práticas é indispensável levar em consideração as atividades mentais, corporais e os objetos envolvidos, o que amplifica a margem da forma de pesquisar gênero.

Ao trabalharem gênero como dispositivo de poder, Teixeira, Mesquita e Costanzi (2019) afirmam que o gênero é feito e desfeito por meio de processos de subjetivação que são regulados por normas sociais, que são performadas, não possuídas, o que ressalta a dimensão prática do “fazer-ser” gênero. Para Reed (1996), a teoria e a análise organizacional normalmente não fornecem reconhecimento às estruturas e processos permeados por questões de gênero, relações de poder e práticas.

Nesse sentido, Ferreira et al. (2015) fizeram um trabalho bibliométrico sobre estudos que tratam do tema gênero e diversidade nos Estudos Organizacionais e mostram como resultado que os avanços na temática ainda permanecem em um nível utópico nas organizações formais, dado que empresas ainda possuem a visão capitalista como preponderante ao se tratar de gênero e diversidade.

Entretanto, em uma revisão da produção científica desenvolvida nos Estudos Organizacionais acerca da sexualidade, Pompeu e Souza (2017) classificaram os principais temas abordados nas publicações brasileiras em sete categorias: 1) resistência, poder e sexualidade; 2) a heteronormatividade nas organizações; 3) homofobia e cultura organizacional; 4) identidade sexual e homofobia; 5) propostas de não discriminação de LGBTs; 6) espaço e socialização sexual; e 7) crítica aos estudos produzidos na academia.

Pompeu e Souza (2017) também apresentaram diferentes perspectivas pelas quais a sexualidade pode ser trabalhada, como a abordagem sexológica que trabalha a primazia do biológico no campo sexual e a abordagem feminista que tem foco nos processos de gênero que atravessam a sexualidade. Todavia, Baggio (2017) afirma que a heteronormatividade é o discurso dominante em organizações humanas e que pessoas que fogem desse padrão sofrem discriminação tanto física quanto simbólica em seu cotidiano. Desse modo, a qualidade de vida dessas pessoas é condicionada pela vulnerabilidade de seu posicionamento social não voluntário, de modo que sua mobilidade social é limitada aos modelos de vida estabelecidos em sociedades altamente estratificadas (DUTRA, 2013).

O que abordei até agora é condizente com a afirmativa de Dutra (2013) de que na imigração há uma explícita identidade profissional feminina estabelecida, que dita quais tarefas são “apropriadas” para mulheres, sendo normalmente tarefas que envolvem cuidado dos outros e em setores considerados “femininos”, como venda, confecção e cozinha. Por conseguinte, a imigração por mulheres se apresenta como um fenômeno diferente da imigração de homens, dado que, segundo Dutra (2013), mulheres são os principais agentes ativos no envio de remessas financeiras por imigrantes para seus países de origem, levando em conta o crescente número de famílias monoparentais, que fortalece o fenômeno de “feminização da pobreza”.

Sendo assim, Dutra (2013) afirma que não é possível estudar a vida de mulheres imigrantes sem levar em conta a interseccionalidade na constituição de seu ser. Neste seguimento, Dutra (2013) informa que a dimensão profissional na experiência migratória das mulheres é marcada pela segregação no mercado de trabalho, de modo que imigrantes são restringidas a determinadas tarefas.

Condizente com esse processo compulsório, Mayol (2019) afirma que, por ser uma prática de um espaço público, a conveniência não poderia deixar de levar em conta as “diferenças dos sexos” na sua normatização. Ressalto que o termo “sexo” utilizado na obra *A Invenção do Cotidiano II* (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2019) não é diferenciado explicitamente do termo gênero, o que é coerente com o momento em que a obra foi desenvolvida. Mayol (2019) afirma que a conveniência faz com que todas as manifestações sociais são atributos de uma manifestação sexuada, em que cada sujeito exerce o papel previsto pela sua “definição sexual” nos limites impostos pela conveniência. A definição sexual nesse caso diz respeito à compulsoriedade externa que

tenta reger sobre como indivíduos praticam sua identidade, definindo o que é “próprio a homens e mulheres”.

Desta maneira, utilizei nessa pesquisa um enfoque baseado no contexto de cada indivíduo, pois a singularidade pode fornecer um ponto de partida para o entendimento dos desdobramentos específicos gerados pela norma social sobre a operação de sujeitos. É com enfoque na necessidade de alcançar esse entendimento que encerro o constructo teórico desse trabalho.

Proponho, teoricamente, portanto, que a imigração é um fenômeno que é organizado cotidianamente pelas maneiras de fazer dos imigrantes, que são articuladas com dispositivos operados pelas coletividades que participam. Por haver margens de manobras e possibilidades de “reinvenção” de seu cotidiano, os sujeitos se relacionam com os dispositivos de controle em lógica situacional com base na conveniência, sendo levado em conta que raça e gênero são categorias analíticas que influenciam diretamente o “jogo” de forças que é operado nos diferentes espaços.

Antes de avançar para a parte empírica desse trabalho, trabalharei certos aspectos ontológicos e epistemológicos dos referenciais aos quais recorri. No próximo tópico focarei a discussão nas abordagens que permeiam as teorias aqui tratadas, de modo que fique em evidência o caminho que trilhei para interpretar e dialogar com as diferentes vertentes teóricas utilizadas nessa parte do trabalho.

### 3.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS ONTOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS DO ESTUDO

Nesse tópico buscarei fazer algumas aproximações e distanciamentos entre as abordagens epistemológicas das teorias que compõem o constructo teórico desse trabalho, assim como trabalhar as ontologias que as envolvem, com intuito de entender as complexidades envolvidas de forma não determinista, mas que possibilitem conversar essas teorias. Para tanto, iniciarei a discussão com considerações sobre a ontologia e epistemologia da prática.

Primeiramente, a despeito da mencionada teoria da prática, Reckwitz (2002) defende que ela é um tipo de teoria cultural, mas que, ao contrário das outras formas de



teoria cultural, a teoria baseada na prática situa o social em um “lugar” diferente, sendo esse lugar as próprias práticas. Isso significa que os estudos baseados em prática consideram a prática como a menor unidade da análise social.

Para Elkjaer e Brandi (2014), a compreensão baseada em prática não distingue corpo, consciência, fatos, valores, objetivo, subjetivo, individual e organização porque a unidade de análise é a prática, a exemplo da teoria da aprendizagem organizacional baseada em prática, que considera que a aprendizagem não começa no indivíduo, mas sim na participação e na prática de uma prática. Todavia, adotar uma abordagem baseada em prática não significa que se deixe de levar em conta a existência dos componentes acima mencionados, mas sim que o foco de apreensão do fenômeno é a prática e que é preciso procurar descobrir como essa relação se dá no contexto de ocorrência do fenômeno.

Segundo Feldman e Orlikowski (2011), a teoria geral da prática considera que as ações cotidianas são resultadas dos contornos estruturais que a vida social possui. Nesse sentido, Reed (1996) ressalta que estruturas e mecanismos considerados pertencentes do nível macro podem determinar as lutas por poder em nível micro, uma vez que práticas organizacionais podem produzir e reproduzir formas institucionais. Reed (1996), nesse sentido, afirma que os aspectos das estruturas de dominação que governam espaços organizados podem ser complementados pelo foco em processos micropolíticos que viabilizam o alcance do poder por meios paralelos aos regimes estabelecidos.

Em nível epistemológico, Elkjaer e Buch (2015) afirmam que a filosofia pragmática é parte da inspiração à teoria de prática, levando em consideração suas similaridades. Elkjaer e Buch (2015) defendem que, assim como o pragmatismo, a teoria de prática enfatiza uma explicação de caráter não representacionista e não dualista da atividade humana. Nesse aspecto, Meneghetti (2007) afirma que o pragmatismo é uma doutrina em que ideias são instrumentos de ação, de forma que sua utilidade é decorrente dos efeitos práticos gerados pela aplicação prática ou, em outras palavras, na consolidação da ação.

Entretanto, Elkjaer e Buch (2015) defendem que o pragmatismo e a teoria de prática são decorrentes de diferentes tradições filosóficas e intelectuais, tendo a literatura vagamente associado às tradições como possuidoras de parentesco intelectual. O pragmatismo, segundo Simpson (2009), surgiu entre meados do século XX e possuía como compromisso o desenvolvimento de uma filosofia da ciência que fosse informada pela experiência e por práticas humanas, tendo seu pensamento sido construído ao entorno

da premissa de que somos todos participantes ativos em nossos mundos sociais e que por meio da nossa participação que continuamente construímos e reconstruímos os significados sociais que moldam nossas ações e nossos pensamentos.

No que diz respeito às práticas em contexto organizacional, Geiger (2009) afirma que o que chamamos de abordagens baseadas em prática no campo de Estudos Organizacionais são uma tentativa de aproximar os fenômenos organizacionais dos acontecimentos “reais” dos espaços organizados, de modo que seja possível compor um conhecimento que questione sua natureza objetiva, cognitivista e abstrata, abrindo espaço para um conhecimento com caráter subjetivo e emocional, gerando, assim, um potencial de percebermos a natureza em um contexto destacado.

Estudos baseados em práticas, assim como o pragmatismo, são abordagens da época pós-moderna. De Moraes (1996) apresenta o pensamento pós-modernista como uma contraposição às propostas do iluminismo de construir sistemas de pensamento de forma racional para planejar de maneira duradoura a ordem social e política. Della Fonte (2010) discorre que o pensamento pós-moderno possui em sua agenda elementos para tangenciar perspectivas díspares, dado que o pós-modernismo contém um ceticismo na produção de conhecimento que se considera como constituidor do real, por meio de suas representações e esquemas conceituais.

Todavia, segundo Meneghetti (2007), no campo científico pós-moderno há um afastamento da abordagem pragmática no que diz respeito à separação entre teoria e prática, pois alguns teóricos do movimento pós-modernista estabelecem uma separação entre esses elementos, havendo uma recusa da teoria. Em contrapartida, apesar do pragmatismo focar seu interesse na prática, não há uma recusa completa da teoria na abordagem, ainda que esta ocupe uma posição secundária na construção do conhecimento (MENEGETTI, 2007).

Nesse trabalho utilizo uma abordagem baseada na prática trabalhada por Michel de Certeau, o que implica na associação da teoria com a prática, sendo a prática de pessoas comuns a unidade de análise principal. Associadamente, no que diz respeito à relação entre teoria e prática baseada em De Certeau, há uma construção teórica decorrente das práticas apreendidas numa pesquisa de campo. No entanto, De Certeau (2018) considera que é possível somente captar “feixes” ou pedaços da vida cotidiana. A vida cotidiana acontece a partir de inúmeros processos e operações de sujeitos e entidades, sendo possível apenas captar lances e momentos do seu decorrer.

Epistemologicamente, destaco a aproximação do pensamento de Michel de Certeau com o pensamento pós-estruturalista, percebido por meio dos embates entre os caminhos trilhados e defendidos pelo autor (FARIA; SILVA, 2017). É importante ressaltar, no entanto, que Michel de Certeau, que foi um pensador do século XX, não se restringiu a abordagens teóricas específicas de algum campo do conhecimento, uma vez que sua aproximação com o pensamento pós-estruturalista é articulada com concepções de outras áreas do conhecimento, como filosofia e sociologia (idem, ibidem).

Ainda, no segundo volume de “Invenção do Cotidiano” (DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2019) consta outro eixo teórico importante para esse estudo, a noção de conveniência de Pierre Mayol. Giard (2019) nos informa que Mayol foi parte dos três círculos colaborativos que Michel de Certeau organizou para conduzir seu complexo programa de pesquisa, sendo a obra final o resultado de experiências concretas de diversos meios acadêmicos.

O segundo volume da obra, conforme explicam Faria e Silva (2017), foi um complemento que buscou conduzir reflexões sobre como as práticas são articuladas, avançando nas reflexões de Michel de Certeau no primeiro volume, que discorria sobre o fazer do cotidiano em nossas práticas do dia a dia são envoltas de passividades e transgressões. Frente ao exposto, é desdobramento considerar que a atuação de Pierre Mayol no segundo volume da obra de Michel de Certeau é “compatível” com a perspectiva pós-estruturalista, seguindo a tradição do primeiro volume.

O pós-estruturalismo, segundo De Moraes (1996), é parte da matriz do discurso pós-moderno, em que o pós-modernismo é um termo mais abrangente, assumindo o pós-estruturalismo como um subconjunto de tendências teóricas, sociais e culturais. Não obstante, o pós-estruturalismo possui uma agenda própria que busca estabelecer uma mudança de eixo, movendo o foco da realidade para a linguagem como agente constitutivo da consciência humana e da produção social do sentido (DE MORAES, 1996). Paula, Maranhão e Barros (2009) também nos explicam que o pós-modernismo e o pós-estruturalismo são movimentos diferentes, seja em suas raízes filosóficas, seja nas suas intenções, partilhando somente algumas elaborações.

Segundo Alcoff (2016), o movimento pós-modernista tornou possível novas formas e lentes de diagnosticar a opressão e criticar a dominação, oferecendo perspectivas baseadas na identidade e na singularidade. Nessa perspectiva, De Moraes (1996) afirma que o pós-modernismo questiona o sentido de considerar a racionalidade como fonte do

progresso e como um local privilegiado da verdade e do conhecimento objetivo e sistemático, além de criticar a ideia de que a teoria reflete a realidade. Ainda, De Moraes (1996) aponta que teóricos pós-modernos demonstram suas pautas na linguagem da diferença e particularismo, acreditando serem ilusórias as formas institucionalizadas de poder, em especial os macropoderes, uma vez que esses teóricos consideram a realidade social como uma rede capilar de micropoderes, enfatizando a micropolítica e a multiplicidade de lutas fraturadas.

Paula, Maranhão e Barros (2009) diferenciam o pós-modernismo do pós-estruturalismo ao considerar que o pós-modernismo representa uma ruptura com o modernismo, englobando um estilo e uma ideologia, enquanto o pós-estruturalismo busca responder ao estruturalismo por meio da superação de alguma de suas premissas, principalmente pelo resgate do relato histórico, embora conserve alguns preceitos. Nessa perspectiva, o mundo real e a realidade seriam nada mais do que um constructo ou resultado do sistema de linguagem particular ao qual pertencemos (DE MORAES, 1996).

Paula, Maranhão e Barros (2009) elaboram sua crítica ao pós-estruturalismo argumentando que o movimento contribui para certa descrença na potencialidade do sujeito devido ao seu condicionamento às estruturas preexistentes, ressaltando também que essa posição epistemológica possui uma tolerância ao relativismo e que essa tolerância pode ser utilizada por pesquisadores que se aproveitam do pluralismo do movimento para não se comprometer com o projeto da crítica. Desta forma, Paula, Maranhão e Barros (2009) acreditam que o trabalho acadêmico não comprometido com a elaboração de uma crítica motivada na administração pode resultar em um “gerencialismo engajado”, que possui propósitos políticos que visam a acomodação das pessoas “em seus devidos lugares”.

Ainda, Paula, Maranhão e Barros (2009) acreditam que o “fazer acadêmico como prática” resgata uma antiga oposição entre a teoria e a prática, o que reforça o preconceito social em relação à teoria, em prol de uma busca por ferramentas e técnicas que sejam de utilidade na vida cotidiana. Paula, Maranhão e Barros (2009) explicam que não é possível pensar na prática sem a teoria, que exerce o papel de buscar sistematicamente explicar e compreender o mundo real por meio de conceitos, a partir do conhecimento gerado pela experiência, que é o empirismo científico. Deste modo, não é possível transformar as práticas sem uma avaliação crítica da realidade social (idem, ibidem) que demanda um conhecimento teórico, o que é coerente com a teoria de Michel de Certeau.

Por considerar o que acontece no cotidiano como base constitutiva do conhecimento teórico, segundo Machado, Fernandes e Silva (2017), é necessário um rigor epistemológico no seguimento da constituição da teoria social de modo que seja permitido um olhar à heterogeneidade do cotidiano. Neste âmbito, é preciso que as pesquisas com base na literatura de Michel de Certeau levem em consideração a multiplicidade de vozes no cotidiano, buscando entender como estratégias e táticas se entrelaçam de forma plural no organizar de coletividades (idem, ibidem).

Ainda, por pressupor que cada sujeito no seu dia a dia possui uma margem de operação de acordo com seu processo de constituição identitária, recorro à Interseccionalidade como pressuposto epistemológico ao considerar a racialidade e gênero como categorias analíticas (TEIXEIRA; OLIVEIRA; CARRIERI, 2020) do material empírico produzido. Para Akotirene (2019), a Interseccionalidade busca oferecer instrumentalidade teórica e metodológica para apreensão da inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, que afetam pessoas por meio da associação de aparatos coloniais modernos, classe, raça e gênero. Essa escolha teórica e epistemológica foi decorrente de indução do material empírico durante o período de campo, uma vez que não foi possível analisar as experiências do cotidiano de cada participante sem levar em consideração suas margens de operação e seus lugares de fala.

Assim, ao elaborar esse tópico eu busco reconhecer a pluralidade de abordagens e perspectivas epistemológicas e ontológicas que atravessam as teorias que compõem o constructo teórico desse trabalho. Ao longo do tópico busquei dialogar com algumas das abordagens manifestadas ao longo desse estudo e concluo essa parte afirmando que não é possível encaixar esse trabalho em um constructo epistemológico fechado. Alternativamente procurei demonstrar como essas teorias podem se conversar, demonstrando similaridades (e diferenças) em suas ontologias, bem como na sua construção histórica.

Considero, no entanto, que um ponto central de convergência entre as teorias utilizadas nesse trabalho é a ontologia do fenômeno, em que a prática social é o eixo central, sendo a prática operada em campos de disputas organizados a partir de lógicas situacionais. Epistemologicamente isso significa que me esforcei em apreender primeiramente a prática, tentando contextualizar sua ocorrência com auxílio dos instrumentos de pesquisa como bloco de notas e diários de campo, para então articular esse conteúdo com a operação de dispositivos de conveniência.

Diante do exposto, avanço para parte empírica do trabalho, que possibilitará visualizar mais concretamente as questões levantadas nessa primeira parte do trabalho. A partir do próximo tópico apresento os caminhos metodológicos percorridos para operacionalização da pesquisa empírica dessa pesquisa, de modo que sejam delineados os procedimentos recorridos para apreensão do fenômeno.

#### 4. EM DIREÇÃO AO CAMPO

A partir desse tópico tratarei os procedimentos metodológicos trilhados nessa pesquisa. Por considerar a imigração como prática social e adotar uma perspectiva baseada em prática a partir da teoria de Michel de Certeau, a escolha dos procedimentos metodológicos precisou estar alinhada com o objetivo da pesquisa e com as especificidades da pesquisa de cultura popular. Neste âmbito, De Certeau (2018) explica que a pesquisa das práticas cotidianas busca explicitar “combinatórias de operações” por meio da apreensão de culturas populares, de modo que sejam privilegiados modelos de ações que são característicos de pessoas comuns.

A cultura popular, segundo De Certeau, Jameson e Lovitt (1980), diz respeito à subversão da ordem efetiva das coisas por meio de táticas “populares”, de forma que poderes dominantes e discursos ideológicos são transpassados através das práticas de indivíduos no seu dia a dia. Nesse aspecto, é por meio de aproveitamento de oportunidades que sujeitos conseguem fazer do cotidiano o espaço de sua arte (de fazer), o que constitui por si um modelo de operação que valoriza as operações de pessoas comuns.

Dessa forma, segundo De Certeau e Giard (2019), ao considerarmos uma cultura como praticada, é preciso valorizar três aspectos: a oralidade; o operatório; e o ordinário ou comum. A valorização desses aspectos é um auxílio no reconhecimento de que a “criatividade prática” e “atos da vida cotidiana” são a cultura popular, que é a “nossa cultura” (DE CERTEAU; GIARD, 2019, p. 335).

Consequentemente, para a escolha metodológica e para a análise desse estudo eu procurei focar nesses três aspectos, valorizando primeiramente a comunicação oral, que De Certeau e Giard (2019) explicam também ser social, uma vez que a comunicação exige uma correlação de gestos e de corpos, o que evidencia a dimensão material da interação, sendo a comunicação intercambiada com vozes, sotaques, constantemente marcada pela inspiração e afetos, bem como expressões faciais.

O segundo aspecto, a operatividade, diz respeito às operações dos sujeitos, de forma que a manifestação da cultura aconteça por meio de diversas operações em séries que ocorrem em função de objetivos e de relações sociais, não se resumindo à simples informação sobre a cultura (DE CERTEAU; GIARD, 2019). Nesse âmbito, De Certeau e Giard (2019) afirmam que as práticas cotidianas, que são as diferentes operações que

engajamos em nosso dia a dia, também são relativas às relações de força que fazem a estruturação do campo social e do campo do saber. Por fim, o terceiro e último aspecto se refere ao ordinário, o comum, que De Certeau e Giard (2019) afirmam se tratar da diversidade fundamental de situações, interesses e contextos, sendo estes fatores componentes da cultura ordinária, que permanece oculta sob uma aparente repetição de atos e objetos no cotidiano das pessoas.

Outrossim, a apreensão de dispositivos regidos pela lógica de conveniência também ocorreu por meio do registro das múltiplas práticas cotidianas em que os imigrantes se envolvem, pois a cultura popular pode ser metaforizada como “campo de batalha”, onde relações se estabelecem em “via dupla”, em que uma ação praticada com base na estratégia pode resultar em reações marcadas pela tática de acordo com a situação. Nós atravessamos inúmeros “campos de batalha” em nosso cotidiano e, por essa razão, é coerente conceber que no cotidiano da imigração também existam várias culturas populares.

Para que fosse possível o registro desses inúmeros momentos cotidianos de manifestação das culturas populares, a metodologia que escolhi para operacionalização da pesquisa foi a etnografia. Em uma definição inicial, segundo Fetterman (2008), etnografia é o modo de descrever um grupo ou cultura, em que o pesquisador etnográfico se coloca em campo com o interesse em entender e descrever uma cena social/cultural a partir dos sujeitos internos. Seguindo o processo da pesquisa etnográfica, Rocha e Eckert (2008) afirmam que à medida que nos inserimos no cotidiano do grupo social estudado, a prática da pesquisa etnográfica aprofunda e se estabelece como uma forma de se pesquisar a vida social, junto com seus valores éticos e morais, além de apreender os códigos de emoções, intenções e motivações que direcionam a conformação em determinada sociedade.

Sobre a etnografia enquanto método, Geertz (1999) ensina que sua tarefa é fornecer narrativas e cenários para refocalizar nossa atenção para compreensões sobre o um mundo cheio de estranhamentos que são irremovíveis e não podem ser mantidos à distância. Em relação a esses estranhamentos, Rocha e Eckert (2008) afirmam que a pesquisa etnográfica impõe ao pesquisador o deslocamento de sua própria cultura para sua inserção dentro do fenômeno, que é observado por meio de sua participação efetiva nas formas de sociabilidade pelas quais a realidade se apresenta ao pesquisador.



Dessa forma, o local de pesquisa escolhido foi a Dinamarca, onde conduzi a pesquisa etnográfica com imigrantes brasileiros estabelecidos no país entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, período em que fui recebido como doutorando visitante na *Aarhus University*. A Dinamarca, país escandinavo cuja língua oficial é o dinamarquês, está localizada próxima aos outros dois países escandinavos (Noruega e Suécia), sendo a Dinamarca composta por uma península principal chamada *Jylland*, pela ilha de *Fyn* e pela ilha de *Sjælland*, onde está localizada a capital, Copenhague.

A Dinamarca é um país membro da União Europeia desde 1973 e possui, aproximadamente, 5,37 milhões de habitantes, dos quais cerca de 395 mil pessoas são imigrantes (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA DINAMARCA, 2022). Com 12,5% da população possuindo o *status* de imigrante, a Dinamarca tem proporcionalmente mais imigrantes internacionais como parcela da população total do país do que a média da União Europeia, que é de 11% (ONU, 2019). Essa diferença é ainda maior, comparativamente à média mundial, que é de 3,5% (ONU, 2019).

Minha história com a Dinamarca começou 10 anos antes dessa pesquisa, quando fui intercambista de ensino médio patrocinado pelo Rotary Internacional<sup>4</sup>, sendo recebido em *Vejle*, interior da península de *Jylland*. Nessa época, eu residi durante um ano em três famílias anfitriãs dinamarquesas, por períodos de quatro meses em cada casa, e frequentei a escola pública local (Figura 3), onde as aulas eram ministradas em dinamarquês. Esse ano na Dinamarca foi o meu primeiro contato com a imigração internacional, enquanto imigrante.

---

<sup>4</sup> O Rotary Internacional é uma associação de, aproximadamente, 46 mil clubes que estão localizados em diversas cidades ao redor do mundo (ROTARY INTERNACIONAL, 2022). O Rotary Internacional, que conta com mais de 1,4 milhão de associados, estabelece ações sociais em nível regional e internacional, sendo o intercâmbio de longa duração do Rotary um de seus programas mais conhecidos, em que jovens de, aproximadamente, 16 anos são patrocinados por um clube para serem recebidos em um clube de outro país por um período de um ano. Esses jovens residem em casas de nacionais do país e frequentam a escola local do clube anfitrião.

**Figura 3 – Rosborg Gymnasium & HF**



Fonte: da pesquisa.

De início, em 2010, eu precisei utilizar a língua inglesa para minha comunicação cotidiana, enquanto tive aulas intensivas de dinamarquês oferecida pelo Rotary da Dinamarca, associados a cursos oferecidos pelo *Sprogcenter* (Centro de Línguas) de *Vejle*, que é uma instituição educacional bancada pelo governo dinamarquês para atuar no ensino da língua dinamarquesa para estrangeiros residentes no país. Todas as aulas de idiomas foram patrocinadas pelo Rotary ou fornecidas gratuitamente pelo Estado. Após aproximadamente sete meses no país, quase todas minhas interações com nacionais do país no meu dia a dia eram conduzidas em dinamarquês, sendo o inglês um idioma auxiliar para momentos de limitação no vocabulário.

Apesar de ter crescido em um núcleo familiar de imigrantes, com o êxodo rural por parte materna e imigração internacional por parte paterna, o experienciar da imigração sempre me foi de maneira mais “indireta”, pois mesmo sendo nascido e criado no Brasil, minha ascendência asiática ressaltava a minha “diferença” perante os outros usuários dos ambientes que frequentei cotidianamente. No geral, considero que minha nacionalidade brasileira era sempre condicionada à situação que eu estava inserido, a exemplo de

situações burocráticas, em que não havia contestação dos direitos de cidadão brasileiro. Em outras situações, minha identidade estava associada ao arquétipo de “japa”, sendo que em quase todo meu percurso escolar no Brasil fui chamado de “japa” socialmente e em diversos momentos fui questionado sobre aspectos físicos relacionados à minha ascendência, por meio de perguntas se eu conseguia enxergar tendo olhos fechados ou sobre tamanho de minhas partes íntimas, sendo perguntas feitas mesmo quando eu era criança.

Nos últimos anos tenho refletido sobre minha própria racialidade, ao acompanhar alguns debates que têm sido conduzidos em redes sociais (vide Instagram: @amarelitude) sobre Pacto Narcísico Subalterno, que considera que pessoas amarelas no Brasil possuem posição funcional na hierarquia racial estabelecida pelo nosso sistema colonial, podendo os amarelos “usufruir de bens materiais e simbólicos” que são de exclusividade da branquitude, enquanto permanecermos úteis para manutenção do sistema de desigualdade. Todavia, não há uma completa inserção de descendentes asiáticos na sociedade hegemônica, o que é evidenciado pelos relatos<sup>5</sup> disponibilizados na mídia sobre hostilidade contra asiáticos no início da pandemia de COVID-19 em 2020, demonstrando que a aceitação social de amarelos na sociedade brasileira é uma tolerância convenientemente manifestada.

Os debates sobre racialidade de asiáticos que acompanhei também questionavam a figura do “bom asiático”, que é construída sobre a narrativa de que as oportunidades são iguais para todos, sendo uma técnica de argumentação social por meio da afirmativa de que asiáticos conseguiram por “mérito próprio” conquistar estabilidade financeira no Brasil e que outras pessoas podem conseguir também, se houver esforço. Essa argumentação menospreza e desrespeita todas as especificidades dos diferentes fluxos migracionais que ocorreram no Brasil, principalmente no que diz respeito à escravização de pessoas africanas e indígenas que, por meio do deslocamento compulsório marcado por extrema violência, tiveram suas vidas e de seus descendentes intensamente impactadas ao longo dos últimos séculos.

Ressalto, portanto, a minha racialidade nesse trabalho, pois em diversos momentos minha experiência na Dinamarca se mostrou também influenciada pela minha

---

<sup>5</sup> Segundo o Folha de São Paulo (NAKAMURA; TERAQ, 2021), entre fevereiro de 2020 e maio de 2021 a central de denúncias do Ibrachina (Instituto Sociocultural Brasil-China) registrou 97 queixas de ataques racistas realizados contra pessoas amarelas.

ascendência, que inicialmente era abordada por dinamarqueses por meio de questionamento sobre a origem do meu sobrenome. Para exemplificar concretamente essa relação racializada com os dinamarqueses, cito um fato que ocorreu dois anos após o término do meu intercâmbio, quando os meus colegas de turma dinamarqueses se formaram e me inseriram nas páginas do anuário da escola. Neste relato estava escrito que minha turma achou estranho quando me conheceram, porque eu era um intercambista brasileiro, mas “parecia chinês”. Esse fato ressalta que a imigração está corporeificada nos sujeitos e, portanto, é coerente pensar que a imigração será experienciada diferentemente de acordo com a matriz de opressão na qual o sujeito está inserido.

Tais estranhamentos relacionados a questões raciais também perduraram durante o meu período de pesquisa em 2020 na Dinamarca, quando percebi durante o primeiro confinamento da epidemia de COVID-19 que as pessoas se afastavam de mim de modo desproporcional nos corredores do mercado, em comparação ao distanciamento praticado com outros dinamarqueses. Durante essa experiência, eu, convenientemente, permaneci calado. Provavelmente meu julgamento na hora considerou que haveria mais perdas no apontamento do comportamento do que ignorar o fato. Essa escolha pela passividade foi automática, somente percebida após elaboração da situação com minha orientadora. Isso reforça que no nosso dia a dia pequenos momentos que poderiam passar despercebidos devido ao contínuo decorrer do cotidiano estão dotados de significados e que práticas estão organizadas de alguma forma, inclusive em lógica de conveniência

A etnografia, portanto, é uma metodologia que possibilita a produção de materiais empíricos que registrem comportamentos ao ponto de apreender a prática da imigração em seu processo de organização, sendo a imigração o fenômeno embebido em nossas inúmeras práticas cotidianas. O método etnográfico, segundo Clifford (2008), faz uso de formas fragmentárias nos procedimentos de pesquisa, sendo a “experiência etnográfica” a construção de um mundo comum de significados a partir de processos intuitivos como sentimento, percepção e inferências, obtendo, assim, interpretações estáveis a partir desses processos. Dessa forma, no exemplo do mercado, a coletividade se manifestou de forma sutil por meio da prática do afastamento físico, sendo o comportamento desses sujeitos possivelmente orientado com base na memória cultural que, segundo De Certeau (2018), é a informação já disponível nos indivíduos com base em suas operações, oralidades e práticas comuns anteriores. Além da memória cultural, possivelmente

influíram questões como medo da pandemia, que teve início no território chinês, e associação desse fato com aspectos físicos da minha descendência asiática.

No que diz respeito à operacionalização da pesquisa etnográfica, Rocha e Eckert (2008) afirmam que o método etnográfico é definido pelas técnicas de entrevista e observação participante, buscando uma inserção do pesquisador nas tramas da vida social investigada. Segundo DeWalt e DeWalt (2011), a observação participante consiste no pesquisador fazer parte de atividades diárias do sujeito de pesquisa, bem como participar de seus rituais, interações e eventos de grupos de pessoas como forma de aprender os aspectos tácitos e explícitos em suas rotinas cotidianas e sua cultura.

Sobre a duração da etnografia, Fetterman (2008) orienta que o tempo ideal para que haja uma imersão do pesquisador seria entre 6 meses e um ano, podendo ser mais. Durante esse período de pesquisa, Hammersley e Atkinson (2007) afirmam que o pesquisador deve participar de atividades no cotidiano de pessoas durante um período prolongado, observando os acontecimentos, o que é dito, perguntando em entrevistas informais e formais, além de reunir materiais disponíveis que possam ajudar a investigação.

Durante o período de pesquisa também busquei a apreensão das práticas operadas cotidianamente. Neste âmbito, Ferraço (2007) explica que a própria forma de conceber o cotidiano impacta na pesquisa, sendo sugerido que passemos a pensar o cotidiano como redes de fazer-saberes que são tecidas pelos sujeitos cotidianos, além de ser destacado que é importante ter em mente que essas redes não estão no cotidiano, pois elas são o cotidiano.

Nesse sentido, DeWalt e DeWalt (2011) argumentam que é importante compreender que a observação participante envolve dois processos: 1) participação ativa, por meio do envolvimento do pesquisador nas atividades cotidianas dos participantes da pesquisa para obter apreensão das regras culturais para o comportamento; e 2) observação eficaz, que demanda a “visualização” do máximo possível em qualquer situação, incluindo a observação do arranjo físico, das pessoas nos espaços, atividades, interação entre as pessoas e comunicação verbal e não verbal dos sujeitos. A observação participante, conforme explica Clifford (2008), possibilita um contínuo movimento entre o interno e externo dos acontecimentos, havendo, portanto, a captação de sentido dos acontecimentos e gestos, além de permitir situar os significados apreendidos em contextos mais amplos.

Nessa parte do trabalho busquei introduzir o campo em que essa pesquisa se concretizou, bem como da metodologia utilizada. Passarei a discorrer no próximo tópico sobre os primeiros procedimentos de inserção no campo e sobre como foi o processo de aproximação da primeira *gatekeeper* da pesquisa.

#### 4.1. CONHECENDO AS PRIMEIRAS INFORMANTES

Em janeiro de 2020 tive meu primeiro contato com uma imigrante brasileira durante essa pesquisa, a quem referirei como Manuela<sup>6</sup>. Manuela trabalhava na equipe da limpeza na minha universidade anfitriã e foi-me apresentada logo na primeira semana pelo meu supervisor na universidade, sendo nosso contato inicial limitado a algumas conversas sobre como é ser imigrante na Dinamarca.

Para o início da pesquisa etnográfica Rocha e Eckert (2008) propõem que o pesquisador se insira no universo da pesquisa por meio das “saídas exploratórias”, adotando uma atenção ao contexto e aos acontecimentos do espaço observado, de modo que emergjam no pesquisador indagações sobre como a realidade social do fenômeno é construída. Nos primeiros dias na universidade Manuela me levou para conhecer os arredores da universidade, me explicando em português o funcionamento dos diferentes espaços, além de ter me explicado como realizar a separação do lixo. Nosso contato era amigável e tínhamos bastante assunto, mas como toda relação social, foi necessário estabelecer uma confiança ao longo do período em campo.

Logo, com a continuidade de nossa interação eu perguntei se Manuela teria interesse de participar da pesquisa, mas ela demonstrou certo receio de ser entrevistada formalmente. A sociabilidade se mostrou um ponto essencial para todos os momentos dessa pesquisa, sendo interessante ressaltar que em muitos contatos iniciais tive a sensação de que havia uma desconfiança das pessoas sobre quem era a minha pessoa.

Com a Manuela, especificamente, eu percebi que nossa interação ficou mais fluida após ela notar o livro *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba, em minha mesa. Nesse dia Manuela me perguntou sobre o conteúdo do livro e, ao conversarmos mais, foi-me

---

<sup>6</sup> Todos os nomes dos participantes da pesquisa foram alterados de forma que seja garantido seu anonimato.

dito: “eu não sabia que você gostava de gente pretinha como nós”. A partir desse momento passamos a conversar sobre o Movimento Negro brasileiro e compartilhei alguns artigos sobre remanescentes quilombolas no Brasil, após o interesse demonstrado por parte de Manuela.

Depois disso a gente acabou conversando mais e a Manuela demonstrou que estava bem empenhada em me ajudar encontrar pessoas, apesar de eu sempre ter a impressão, até por causa de algumas falas dela, de que ela acha que a história dela não é interessante o suficiente para auxiliar minha pesquisa. Ainda assim, ela começou a encontrar pessoas que poderiam me ajudar.

(Diário de campo, 03 de março de 2020)

Nesse âmbito, havia uma interação cotidiana com Manuela, mas não pude entrevistá-la formalmente durante o período da pesquisa, sendo que agendamos um dia para fazer a entrevista, mas Manuela na véspera informou que estava muito ocupada. Após esse dia não insisti no convite, para evitar ser invasivo ou gerar desconforto. No entanto, além de Manuela representar a primeira *gatekeeper* do campo, nós tivemos múltiplos momentos de troca de informação que podem ser consideradas entrevistas informais.

Nesse sentido, Spradley (2016) informa que para muitos trabalhos etnográficos uma parte considerável de material empírico é proveniente de observações participantes e muitas conversas casuais e amigáveis. Minhas conversas com Manuela ocorriam predominantemente em português, mas nossa comunicação também ocorreu em dinamarquês em alguns encontros no dia a dia, em que Manuela demonstrava a urgência em continuar o seu trabalho. Manuela reside há muito tempo na Dinamarca e, pelo que me foi relatado, boa parte de suas interações cotidianas ocorrem em dinamarquês. Dessa forma, o dinamarquês, por vezes, se manifestava automaticamente e quando a fala em dinamarquês era notada por Manuela, ela parava a conversa e dizia: “por que estamos falando em dinamarquês? Vamos falar em português.”

Nós também estabelecemos uma comunicação escrita em *Post-its*, nos quais escrevíamos recados um para o outro. Manuela deixava colado em minha mesa no escritório e eu deixava as respostas coladas na porta de sua sala. Esse exemplo demonstra práticas cotidianas elaboradas socialmente em prol da comunicação, fazendo uso de coisas materiais para concretizar a prática.

No início de março, Manuela me passou o contato de Ana, uma amiga brasileira sua, também imigrante na Dinamarca, que estava disposta a ser entrevistada. Após entrar em contato com Ana, marcamos a entrevista, mas alguns dias após precisamos cancelar

devido ao primeiro isolamento geral que entrou em vigor na Dinamarca devido à pandemia de COVID-19, que se agravava.

Dois dias depois que eu marquei a entrevista começou a avançar o COVID-19 aqui na Dinamarca. A universidade fechou as portas. A universidade tinha decidido fechar na sexta-feira, dia 13 de março, mas na própria quarta-feira à noite, no dia 11, a primeira-ministra fez um pronunciamento falando que fecharia os serviços públicos do país, com indicação para que se fizesse *home office*.

(Diário de Campo, 14 de março de 2020)

A pandemia de COVID-19 trouxe implicações para a pesquisa empírica, sendo necessária a readaptação dos procedimentos no campo de forma que fossem contornadas as limitações que o período pandêmico impôs ao cotidiano na Dinamarca. Durante o período do primeiro isolamento, devido à impossibilidade de fazer pesquisa presencialmente com imigrantes brasileiros, eu continuei as atividades de pesquisa acompanhando dois grupos no *Facebook* voltados para imigrantes brasileiros na Dinamarca, configurando-se em um meio de comunicação e troca de informações entre pessoas que se estabeleceram no país.

Nesses grupos, os participantes postavam suas dúvidas e comentários sobre acontecimentos no Brasil e na Dinamarca. Eu permaneci acompanhando as postagens de ambos os grupos durante todo o período da pesquisa empregando observação não participante.

Assim como outros espaços sociais, um grupo de *Facebook* também é um campo de relações e disputas, manifestadas muitas vezes por comentários mais ríspidos, contendo crítica sobre a postura do imigrante, como, por exemplo, alguém repreender outro participante do grupo por morar há muitos anos no país e não falar dinamarquês o suficiente para entender algum processo legal cuja orientação se encontra disponível em *sites* do governo em dinamarquês. Posteriormente, alguns informantes da pesquisa confidenciaram que tinham receio de publicarem *posts* no grupo, por medo da reação dos participantes, enquanto outros ressaltaram a importância do grupo, pois muitas dúvidas são tiradas com base na experiência de outros imigrantes brasileiros.

O sentimento de hesitação ou receio em publicar é também indício da operação de dispositivos regidos pela lógica da conveniência, uma vez que o controle social da face pública dos sujeitos, ainda que manifestada em ambiente *online*, é importante simbolicamente para relação estabelecida pela coletividade. A conveniência opera na coletividade e Mayol (2019) afirma que o coletivo é o lugar social em que um



comportamento prático é induzido de modo que todos os usuários se ajustem ao processo geral do reconhecimento, bem como cada um cede uma parte de si mesmo à jurisdição do outro.

Todavia, ao mesmo tempo em que temos essa sociabilidade manifestada por meio da coletividade, Mayol (2019) afirma que para que alguém usufrua do estoque de relacionamentos no espaço organizado, é preciso que essa pessoa evite “ser notado”, pois é interessante que o indivíduo manifeste o mínimo desvio pessoal em relação aos estereótipos admitidos, em prol de uma padronização de comportamentos. Todo desvio explícito ao admitido afeta a integridade simbólica de espaços organizados como um todo, levando em conta que a complexidade social em uma “organização coletiva de trajetórias individuais” não é considerada por Mayol (2019) como compatível com a transgressão.

Sobre o fenômeno da transgressão da conveniência, Mayol (2019) afirma que há normas que são fortes o suficiente para realizar a exclusão social de sujeitos considerados “excêntricos”, sendo essas normas a manifestação de um contrato que possui também uma compensação positiva, que é a possibilidade de coexistência de pares não vinculados previamente, mas que são regidos pelas normas, o que obriga cada pessoa a se moldar e realizar a manutenção do “coletivo público”, tornando esses espaços coletivos possíveis para todos.

À vista disso, o grupo de imigrantes no *Facebook* possui manifestação no espaço virtual, que é um campo de práticas, sendo essa coletividade regida por certas práticas que organizam o ambiente, de acordo com o pacto social implícito estabelecido e renovado cotidianamente. Outro fator que possivelmente influencia o comportamento do grupo é o fato da Dinamarca possuir uma fiscalização de imigração austera e o ambiente online do grupo é um ambiente público. Dessa forma, procedimentos ilegais explicitados em publicações eram fortemente repreendidos, dado que alguns participantes do grupo afirmavam que órgãos de fiscalização do país monitoram esses grupos.

Ainda assim, o ambiente servia de espaço para debates sobre questões legais da imigração, como, por exemplo, no caso da carta convite para emigração. Alguns *posts* do grupo relatavam que o Estado dinamarquês estava enviando uma carta oferecendo dinheiro para que imigrantes estabelecidos legalmente no país retornassem para sua terra natal. Durante o período em campo houve participantes da pesquisa que afirmaram que algum conhecido recebeu essa carta e que o Estado da Dinamarca considerava mais barato financiar o retorno desses imigrantes para seus países de origem, do que os ter na

Dinamarca. Essa “carta convite” demonstra que há uma classificação do Estado sobre quais imigrantes são “rentáveis” para o país. Mais à frente retornarei a questão sobre quem o Estado dinamarquês prioriza para permanecer no seu território.

Todavia, a não explicitação da imigração ilegal no grupo do *Facebook* não significa que ela não ocorra. Durante o período de campo houve informante que assumiu ter se legalizado no país por meio de casamento falso. A pessoa informou que pagava para que uma pessoa dinamarquesa se casasse oficialmente e representasse estar em um casamento com a pessoa imigrante até que as autoridades parassem de fiscalizar. Durante esse período de fiscalização o Estado dinamarquês envia agentes para residência da pessoa para verificar se o casal de fato reside junto. Além disso, os agentes fazem ligações em momentos aleatórios para verificar se a pessoa imigrante se encontra em casa.

Eu reforço que, por questões éticas, descaracterizei a menção no parágrafo anterior sobre a imigração ilegal de forma que o anonimato dos informantes seja totalmente preservado. Esse compromisso ético se deve para que a integridade dos participantes da pesquisa seja preservada, buscando evitar que qualquer vulnerabilidade seja gerada por essa pesquisa.

Diante do comportamento do grupo de *Facebook*, passei a considerar que para me inserir no espaço social de outros imigrantes eu precisaria me atentar às normatividades já operadas pela coletividade. Posteriormente, percebi que para que pudesse aprofundar a pesquisa eu precisaria estabelecer vínculos de confiança com os sujeitos, que me relataram ter receios com “recém-chegados” no país, pois há muita fofoca na comunidade local e algumas tentativas de golpe.

Eu acredito que foi extremamente importante a minha proximidade com a Manuela, eu ter falado da minha vida. Se não houvesse essa identificação provavelmente eu não teria conseguido o contato e a indicação dela com a Maria. Maria me disse que a Manuela falou bem de mim e que isso quebrou umas barreiras de contato. A impressão que tenho é que ser imigrante brasileiro apresentado por outra imigrante já residente no país acabou facilitando essa entrada.

(Diário de Campo, 29 de maio de 2020)

Sendo a comunicação o nosso primeiro contato, eu explicito para cada participante as intenções da pesquisa logo de início, estando aberto a tirar dúvidas e apresentando termo de consentimento para participação no caso das entrevistas formais. Também eram disponibilizados os meus dados de contato, buscando estabelecer uma transparência na nossa interação.

Essa primeira interação era um processo de (re)conhecimento, pois eu era um sujeito até então estranho às suas vidas cotidianas, mas ainda assim despertava um reconhecimento com base no fato de eu também ser um imigrante brasileiro na Dinamarca durante aquele período. Nesse sentido, no próximo tópico descreverei como o vínculo de confiança foi sendo estabelecido com os informantes ao longo da pesquisa.

#### 4.2. ESTABELECENDO VÍNCULO COM INFORMANTES E PROSPECÇÃO DE ENTREVISTAS

Por causa do fechamento repentino da universidade por medidas sanitárias do Estado dinamarquês, nossos equipamentos como *notebook*, monitor e livros estavam nos escritórios no momento do fechamento. Na semana seguinte, ao ir buscar esse equipamento fora de horário comercial, encontrei no meu escritório um cartão de visita de uma pessoa, junto com uma nota de Manuela informando que sua amiga Maria também havia concordado em ser entrevistada.

Nesse meio tempo, quando fui pegar o *notebook*, tinha um cartão que a Manuela deixou na minha mesa, com o contato de uma amiga dela que também poderia ser entrevistada. Eu enviei *e-mail* para essa amiga, me apresentando, falei brevemente que a Manuela havia fornecido o contato, perguntando se ela autorizava ser entrevistada.

(Diário de Campo, 20 de março de 2020)

Ainda que não houvesse previsões concretas de reabertura das atividades presenciais da universidade, o que incluía a pesquisa *in loco*, entrei em contato com a Maria por *e-mail*. Após alguns dias Maria me respondeu, com algumas perguntas sobre a pesquisa e forneceu seu número de telefone para que eu lhe telefonasse.

Nesses três primeiros meses de pesquisa me foi confirmado pelo campo que seria necessário um empenho nas minhas interações com os possíveis informantes da pesquisa para que fosse estabelecido um vínculo de confiança. Para alguns, o vínculo se deu por meio de indicação. Para outras pessoas, o vínculo de deu por compartilhamento da minha história, havendo a identificação de similaridades, como no caso de Maria, demonstrado abaixo. Por estar atualmente finalizando sua graduação, Maria demonstrava curiosidade e conhecimento sobre procedimentos de pesquisa.

E ela pediu para conversar comigo primeiro por ligação. Por questões próprias, ela queria sentir mais confiança conversando com a pessoa por ligação. Ela disse que queria sentir minha energia. Eu liguei um dia para ela e a gente ficou aproximadamente 40 minutos no telefone conversando. Ela pediu para eu explicar a pesquisa, perguntou se eu tinha hipóteses, qual que era minha questão de pesquisa, falou um pouco de sua vida e do seu trabalho. Durante a ligação ela foi bem agradável e falava com formalidades. Ela ainda ofereceu para encontrar outras pessoas para me ajudar na pesquisa, porque ela achou a temática interessante. Depois desse contato, a gente ainda trocou *e-mail* duas vezes, sendo me solicitado o termo de consentimento, o que eu lhe enviei.

(Diário de Campo, 16 de abril de 2020)

Na apresentação de informantes por intermediários houve um movimento aglutinador de “bola de neve” no que diz respeito à prospecção de pessoas a serem entrevistadas, como foi o caso de Pedro, cujo contato foi fornecido por Sandra, sendo Sandra previamente indicada por Fernanda, e Fernanda apresentada por um professor brasileiro que também passou um período na *Aarhus University*. Nesse âmbito, Spradley e McCurdy (1972) afirmam que qualquer pessoa pode ser um intermediário na localização de informantes, ressaltando que a prospecção por meio de intermediários oferece uma vantagem importante, que é confiança no pesquisador derivada da confiança que o informante tem em relação ao intermediário.

Segundo Spradley (2016), a entrevista etnográfica é composta por uma série de conversas amigáveis nas quais o pesquisador introduz lentamente novos elementos para auxiliar informantes responderem como informantes. Desse modo, elaborei um roteiro-guia de entrevista (Anexo I) para me auxiliar no processo das entrevistas, tanto formais quando informais. Elaborei o roteiro em formato de tópicos endereçando diversas práticas e atividades do dia a dia das pessoas, como lugares onde a pessoa já residiu ou sobre quem é responsável pela limpeza no ambiente familiar. O intuito do roteiro era auxiliar na organização de informações que eu buscava acessar e para orientar a condução da entrevista, de forma que as práticas cotidianas na imigração fossem ressaltadas.

No início de todas as entrevistas eu pedi para que os entrevistados contassem sobre sua história de vida. A escolha por iniciar as entrevistas pela história de vida dos sujeitos foi numa tentativa de fornecer ao sujeito a escolha de que informações seriam compartilhadas de acordo com seus processos próprios de rememoração cultural. Ao todo, três das entrevistas só permaneceram no tópico da história de vida dos entrevistados, uma vez que as entrevistas de Mariana, Maria e Pedro tiveram tantas informações sobre seus cotidianos e experiências enquanto imigrantes que não foi preciso recorrer aos tópicos do roteiro.

Com a reabertura do país em maio, pude marcar minhas primeiras entrevistas, sendo todas realizadas entre maio e setembro de 2020. Por medidas de segurança, durante o período de campo, eu fiz quatro testes de COVID-19 em centros de testagem do governo dinamarquês para garantir que era seguro continuar a conduzir a pesquisa.

Ainda, as entrevistas presenciais ocorreram em locais, abertos ou fechados, que possibilitassem o distanciamento social de acordo com a regulamentação estabelecida pelas autoridades na época. Nas duas entrevistas que foram feitas em locais abertos em maio foi perceptível o desconforto das entrevistadas com a temperatura, que estava por volta dos 14 graus celsius em dias de sol.

Provavelmente a temperatura de onde você faz a entrevista interfere de alguma forma o conduzir dela, o quanto a pessoa está a falar ou não, por causa do desconforto que sente, principalmente para nós brasileiros, que crescemos com clima quente. Tanto Francisca quanto Ana reclamaram do frio da Dinamarca quando estávamos nas áreas externas, mas também disseram que a gente não tinha muita escolha por causa do COVID-19.

(Diário de Campo, 21 de maio de 2020)

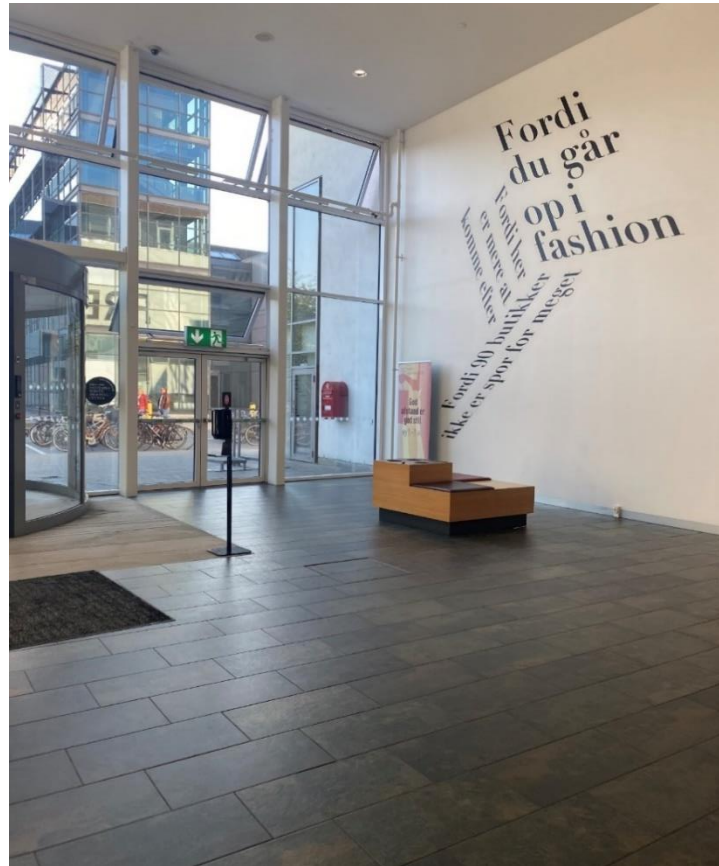
Na Figura 4 é possível ver o parque onde entrevistei Francisca, em um dos bancos públicos disponíveis. Nossa entrevista ocorreu amigavelmente, mas o frio, intensificado pelo vento, nos deixou por diversos momentos desconfortáveis. A entrevista de Ana, que ocorreu na semana anterior à entrevista de Francisca, também foi feita em um banco semelhante, mas na área comum de seu condomínio.

**Figura 4 – Local Aberto de Entrevista**



Fonte: da pesquisa

A partir dessas experiências de local aberto, dei preferência para entrevista em lugares públicos fechados, como num banco público de um Shopping Center, onde fiz a entrevista da Marcia (Figura 5). Esses espaços, apesar do barulho sonoro que interfere nas gravações, propiciaram um maior conforto térmico durante nossa conversa, possibilitando também que respeitássemos o distanciamento social. Outros lugares que conduzi entrevistas foram cafeterias, área comum da universidade e na mesa de jantar da residência dos participantes, de acordo com suas disponibilidades. Também houve três entrevistas que foram realizadas *online*.

**Figura 5 – Local Fechado de Entrevista**

Fonte: da pesquisa

Formalmente, tive oportunidade de entrevistar 15 pessoas (Tabela 1). As entrevistas tiveram duração média de 52 minutos e foram conduzidas em português, ainda que o idioma dinamarquês permeasse a comunicação por alguns momentos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, o que resultou em um total de 187 páginas de transcrições.

Uma vez que as entrevistas estavam transcritas, enviei todos os arquivos para validação dos entrevistados. Todos os participantes entrevistados leram e assinaram o termo de consentimento de participação antes da entrevista e posteriormente foram oferecidas as opções de excluir, adicionar ou alterar informações do conteúdo transcrito. No geral, não houve modificações no conteúdo original da entrevista, tendo alguns participantes enviado explicações ou informações adicionais ao que foi registrado.

**Tabela 1 - Características dos entrevistados**

	<b>Informante</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Motivador Imigração</b>	<b>Tempo na Dinamarca</b>	<b>Grupo Etário</b>	<b>Status de Subsistência</b>
<b>1</b>	Vanessa	Casada	Decisão Própria	3 anos	20 - 29	Empregada Reconhecida
<b>2</b>	Francisca	Divorciada	Casamento	14 anos	30 - 39	Empregada Invisibilizada
<b>3</b>	Marcia	Casada	Casamento	12 anos	30 - 39	Empreendedora
<b>4</b>	Carlos	Casado	Casamento	9 anos	30 - 39	Empregado Reconhecido
<b>5</b>	Luciana	Casada	Decisão Própria	4 anos	30 - 39	Empreendedora
<b>6</b>	João	Casado	Casamento	1 ano	30 - 39	Empregado invisibilizado
<b>7</b>	Adriana	Casada	Casamento	5 anos	40 - 49	Subsistência por conta de outrem
<b>8</b>	Aline	Casada	Casamento	5 anos	40 - 49	Empregada Reconhecida
<b>9</b>	Pedro	Solteiro	Decisão Própria	27 anos	40 - 49	Empregado Reconhecido
<b>10</b>	Mariana	Casada	Decisão Própria	2 anos	40 - 49	Subsistência por conta de outrem
<b>11</b>	Maria	Divorciada	Casamento	24 anos	50 - 59	Empreendedora
<b>12</b>	Ana	Divorciada	Casamento	27 anos	50 - 59	Subsistência por conta de outrem
<b>13</b>	Fernanda	Divorciada	Casamento	31 anos	50 - 59	Empreendedora
<b>14</b>	Sandra	Divorciada	Casamento	30 anos	50 - 59	Empregada Invisibilizada
<b>15</b>	Antonia	Casada	Casamento	36 anos	50 - 59	Empreendedora

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para auxiliar a produção de material empírico, também registrei em formato de notas de campo e diário de campo as interações ao longo da pesquisa, principalmente nas observações participantes. Maria foi a pessoa que mais acompanhei as suas atividades cotidianas. Ao todo, foram vinte ocasiões que tive oportunidade de participar do dia a dia de Maria, incluindo quatro dias em que acompanhei seu trabalho. Fizemos também duas visitas a sua amiga brasileira que residia em Roskilde, cidade localizada a cerca de 40 quilômetros de Copenhagen. Ademais, tivemos momentos de acompanhamento de seus estudos e de lazer, como no dia em que fomos ao Parque Tivoli assistir a uma apresentação de *ballet* (Figura 6).



**Figura 6 – Apresentação de ballet nos Jardins do Tivoli**



Fonte: da pesquisa

Maria foi uma das *gatekeepers* do campo por ter me apresentado outros cinco informantes, sendo seu apoio essencial para o decorrer dessa pesquisa. Inicialmente indicada por Manuela, Maria permaneceu em contato comigo após ter feito sua entrevista formal. Com o tempo, nós conversávamos por chamadas, semanalmente, quando dialogávamos sobre a imigração na Dinamarca e Maria apresentava seu posicionamento, que era embasado, principalmente, nas experiências que teve em sua atividade laboral.

Então a gente marcou primeiro num domingo, só que no final de semana mesmo a gente conversou e ela disse que não seria possível realizar a entrevista no domingo porque a filha dela teria que fazer o exame de COVID-19, uma vez que ela estava com alguns sintomas e no dia seguinte voltaria para as aulas, com a reabertura da fase dois no país. E por isso a gente não pôde fazer a entrevista no domingo. Marcamos na segunda, ontem, no dia 18, às 16:00 na estação *Nørreport*, localizada no centro de Copenhague e de lá nós tentamos entrar na biblioteca mais próxima. Maria parecia conhecer bastante o local e conversava com as pessoas em dinamarquês. Por estar aberta somente para retirada e entrega de livros, da biblioteca a gente foi para um café. Um lugar

muito agradável. Ele reabriu recentemente e tinha uma mesa num canto afastada das outras mesas com dois lugares, de fácil acesso.

(Diário de Campo, 19 de maio de 2020)

Depois de sua entrevista e de termos nos encontrado algumas vezes, perguntei para Maria se poderia acompanhar seu trabalho algum dia e ela prontamente aceitou. Na semana seguinte iniciei o acompanhamento das atividades, após obter autorização dos alunos e de seus pais sobre a minha presença na aula, pois Maria trabalhava como mentora escolar, principalmente para crianças de famílias estrangeiras. Acompanhei a aula em quatro residências, sendo duas famílias brasileiras, uma família da Nigéria e uma família de Camarões.

Nesse sentido, O'Doherty e Neyland (2019) também informam que a etnografia tem sido cada vez mais usada em estudos organizacionais devido à sua capacidade de contribuir para nossa compreensão das lutas de poder e da desigualdade estabelecida entre grupos que batalham nas operações nos ambientes por meio da observação de práticas estabelecidas em diversos ambientes, como o espaço de trabalho. Além das rotinas de Maria e Manuela, também participei por algumas horas da rotina de trabalho de Antonia em seu restaurante, obtendo material empírico sobre práticas de trabalho no país, que foram corroborados com os relatos de experiências laborais das entrevistas.

Após o período de campo, organizei em pastas físicas todos os consentimentos com as transcrições aprovadas e elaborei planilhas no Excel para o registro de uma relação de encontros com as informantes da pesquisa para realizar as observações participantes, que, junto com os dois blocos de notas elaborados na pesquisa de campo e diários de campo, compuseram o *corpus* empírico sobre o qual efetuei a análise desse trabalho. Na próxima parte do trabalho discorrerei sobre os procedimentos de análise do material produzido.

#### 4.3. PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA ANÁLISE

Para análise do material empírico fiz o uso da técnica interpretativa da etnografia baseada em Spradley e McCurdy (1972), que oferecem a possibilidade de trabalhar elementos básicos de conhecimento cultural por meio de categorias, sendo o interesse do

pesquisador direcionado em obter definições de componentes a partir de pedaços de informação ou atributos, que são componentes constituidores de significado em categorias culturais. Deste modo, busquei em um primeiro momento apreender práticas cotidianas nas diferentes atividades do dia a dia dos informantes da pesquisa e para operacionalizar esse processo eu reli todas as transcrições, destacando operações comuns narradas por meio da oralidade.

Após essa primeira revisão do material empírico produzido, obtive 231 trechos de entrevistas que, por minha interpretação, auxiliada pelos blocos de notas e diários de campos, se referiam a práticas cotidianas. Posteriormente organizei esses 231 trechos em 24 categorias de práticas cotidianas. Esse processo de categorização não era concreto ou com definições fechadas, ocorrendo muitas vezes a ligação entre diferentes práticas no mesmo processo, como na experiência racista que Aline teve com seus colegas de trabalho, que se referiam a uma festa na casa de um colega negro como *Black Friday*, em que a prática de comunicação, a prática de trabalho e prática de discriminação com base na racialidade foram manifestadas de forma conjunta.

Além de envolver a prática de comunicação no espaço de trabalho, o exemplo acima está envolto de diversas outras questões que englobam racialidade, relações de gênero e conveniência, tendo em vista que, convenientemente, não houve uma repressão de colegas dinamarqueses ao racismo manifestado de forma oral. Ao mesmo tempo, Aline, mulher negra, brasileira e imigrante, não se sentiu em segurança de responder diretamente ao fato, ainda que o incômodo tenha sido internalizado.

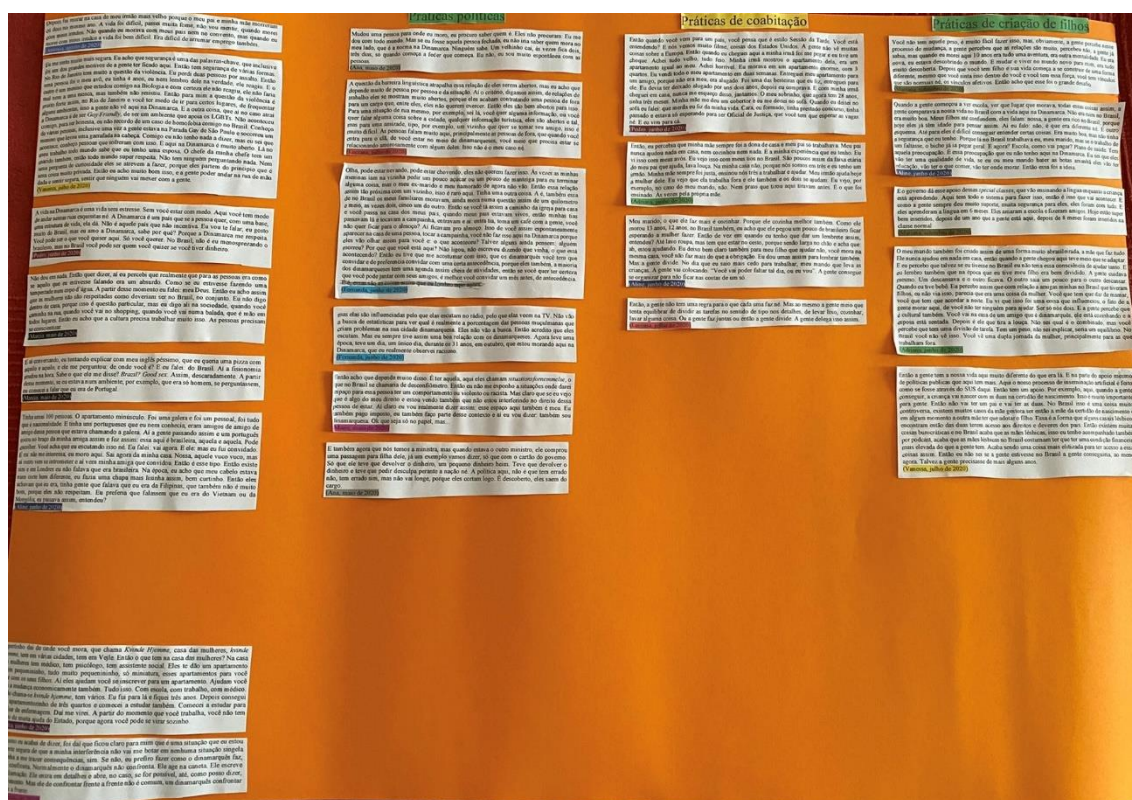
Todavia, o silêncio de Aline no momento de ocorrência do racismo não significa que esse caso ficou esquecido frente aos outros acontecimentos cotidianos, pois essa situação gerou uma reflexão em Aline que a levou a se preparar para poder se posicionar de forma mais segura. Por meio de lances situacionais, Aline descreveu que consegue taticamente responder a outras posturas preconceituosas, como quando rebateu um colega de nacionalidade portuguesa que associou brasileiros a crimes de patrimônio, o qual obteve como resposta: “não é o meu país que saiu roubando ouro de outros países por aí”.

Dessa forma, o silêncio frente a uma situação não aceitável como o racismo também é uma prática social operada pelo dispositivo de conveniência instituído pela coletividade predominantemente branca, que não sente os danos de “piadas” racistas. Todavia, práticas táticas também operam contra dispositivos operados de forma conveniente, sendo os momentos de oportunidade utilizados por imigrantes para

estabelecer limites e respeito, também por meio de processos orais, talvez enunciados também com tom de brincadeira, mas que possuem significados, como a resposta de Aline para o colega de Portugal.

Nesse sentido, a categorização de práticas cotidianas auxilia no processo de entendimento de fenômenos sociais. Spradley e McCurdy (1972) informam que a categorização é o tratamento de diferentes objetos e eventos “como se fossem equivalentes”, mas que, obviamente, culturas são mais que listas de categorias, sendo o categorizar uma forma de classificar e organizar a experiência etnográfica, pois, caso não seja feito esse processo, podemos ficar muito focados nas singularidades de cada evento. Assim, cada trecho de entrevista, junto com os registros de notas e diários de campo, são um componente do significado total designado a uma categoria, possibilitando, portanto, organizar o conhecimento num sistema de significados advindos da interpretação do material (SPRADLEY; MCCURDY, 1972).

Figura 7 – Cartolina utilizada no processo de categorização



Fonte: da pesquisa

Por fim, realizei uma segunda seleção de trechos de entrevista e utilizei folhas de cartolina (Figura 7) na organização dos trechos com as respectivas práticas. Nesse processo, ordenei as 24 práticas em 8 categorias, posteriormente reorganizadas em cinco práticas sociais principais, que descrevem ocorrências operadas em lances situacionais e práticas empregadas coletivamente por meio de dispositivos que também são manifestos em nossas interações. Dessa forma, algumas das práticas apreendidas anteriormente foram reordenadas para outras práticas com as quais estavam relacionadas, como foi o caso da prática religiosa que foi incorporada em outros temas correlatos. Além disso, outras práticas como a de criação de filhos não foram inseridas nesse trabalho, pois considerei que a temática necessitaria de um aprofundamento que não seria possível de se alcançar nesse trabalho.

Em suma, apresento nesse trabalho cinco práticas sociais da prática de imigração de brasileiros na Dinamarca. Por meio das práticas sociais apreendidas faço a análise de situações em que a prática social da imigração é constituída cotidianamente, com foco na apreensão da operação de dispositivos de conveniência. Por conseguinte, após explicitados os procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa, apresento a seguir os resultados obtidos a partir das categorias de práticas alcançadas.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

A imigração, enquanto fenômeno, pode ser decorrente de diversos motivos, como vontade de ter novas experiências, busca por melhores oportunidades profissionais, mudança para residir junto com cônjuges que são nacionais de outros países ou deslocamento forçado por algum desastre natural ou guerra. A partir do momento em que a pessoa completa o deslocamento e habita um lugar diferente ao seu de nacionalidade, temos a categoria imigrante empregada para se referir ao *status* de sujeito deslocado internacionalmente.

Do ponto de vista da mobilidade, imigrantes fazem uso de práticas em diferentes níveis de ocorrência, tendo Cresswell (2006) classificado a prática da imigração em nível internacional, nacional e pendular, em que o primeiro nível diz respeito ao deslocamento entre países, o segundo é referente ao deslocamento entre diferentes regiões do mesmo país e o último nível está relacionado à mobilidade cotidiana entre cidades para fins estudantis, de trabalho e de lazer. Para exemplificar essa diferenciação, cito o caso de Maria, participante da pesquisa, que mora na Região Metropolitana de Copenhague e realiza suas atividades estudantis em outra cidade, cerca de 35 quilômetros da capital, fazendo esse percurso diariamente de trem (Figura 8). Nesse exemplo, Maria é uma imigrante que passou por um deslocamento internacional, já é naturalizada na Dinamarca por tempo de residência e é uma imigrante pendular, pois pratica suas atividades cotidianas em outra cidade.

**Figura 8 – Trem Intercidades da Região Metropolitana de Copenhagen**



Fonte: da pesquisa

Levando em consideração a centralidade da mobilidade no fenômeno da imigração, dou início à exposição dos resultados desse trabalho no próximo tópico ao trabalhar as práticas de deslocamento de imigrantes. Dessa forma, abordo além da dimensão física do deslocamento, englobando as inúmeras práticas e entidades materiais associadas ao deslocamento, pois, para se deslocar, pessoas operam com/por meio de materialidade, como meios de transporte ou o próprio corpo. Por conseguinte, analisar a mobilidade nos auxiliará a vislumbrar também a prática da imigração.

## 5.1. AS PRÁTICAS DE DESLOCAMENTO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS

Para muitos, a Dinamarca foi o primeiro destino internacional em seu processo migratório, mas para uma parte dos participantes da pesquisa, o país não foi sua primeira experiência de imigração entre países. Assim como na experiência de Ana relatada abaixo, mais da metade das pessoas que entrevistei residiram em outro país antes de se estabelecerem na Dinamarca.

Foi difícil porque eu conheci o meu marido na França. Eu pensava que a gente ia morar na França. O objetivo era voltar para França, mas aí foi ficando, o trabalho foi ficando, aí foi mudando também de país. Fomos para Finlândia. Aí volta, aí vai ficando. Aí tem os filhos, aí já não pode mais viajar, tem escola. Aí vai ficando, vai ficando e estou aqui até hoje. Mas é difícil a adaptação, porque na época que eu cheguei era muito frio. Não foi fácil não, é muita coisa nova para aprender. Em qualquer lugar, até no país da gente mesmo, a gente vai ter dificuldade, até mudando de cidade né.

(Ana, maio de 2020)

No que diz respeito às experiências prévias de mobilidade, a Europa possui uma característica singular de ser um continente de tamanho próximo ao do Brasil, mas que possui a facilidade de deslocamento de pessoas dentro do continente por conta da União Europeia (UE). Nesse contexto, imigrantes brasileiros que já se nacionalizaram em outro país da UE possuem livre deslocamento nos países do bloco, sendo a imigração internacional dentro do continente facilitada.

Além disso, a vivência em outros países, como no caso da Maria, que morou na Alemanha antes de imigrar para Dinamarca, são fatores constituintes das práticas atuais da imigrante, ressaltando sua história de vida e seu conhecimento prévio no experienciar da imigração. Especificamente para Maria, que já falava alemão ao chegar na Dinamarca, o contato anterior com uma língua anglo-saxônica também influenciou seu processo de aprendizagem da nova língua. Consequentemente, toda experiência acumulada ao longo de seus deslocamentos faz parte de sua constituição enquanto indivíduo.

Normalmente, eu lhe digo, não vai jamais imaginar que você já tinha uma história, já tinha um conhecimento, mas que você não concordava e você veio procurar algo melhor aqui. Mas não que você era um zero. Porque na verdade o nome de um imigrante ele não é um zero. Não um zero, porque o zero, ele é zero. Então se for analisar que esse indivíduo teve a coragem de sair e começar novamente a vida, então ele não era um zero. Algum conhecimento, algum gás já tinha dentro desse indivíduo, não?

(Maria, maio de 2020)



Conforme endereçou Maria, essa experiência prévia à imigração internacional ao afirmar que o imigrante não é um “zero”, que ele viveu algo que o motivou a imigrar, o que evidencia o envolvimento da mente e do corpo de forma simultânea, de modo que o conhecimento que reside nas práticas não pode ser separado do corpo praticante, como afirma Geiger (2009).

Durante as entrevistas informais e momentos observação participante, também me foi relatado que a Dinamarca não é o destino final de muitos imigrantes, que imigraram para outros países, como Península Ibérica ou outros países da Escandinávia, por diferentes motivos, sejam melhores oportunidades ou em busca de proximidade com a cultura brasileira, no caso de Portugal. Nesse aspecto, Francisca, Luciana e Vanessa manifestaram desejo de se mudarem eventualmente para Portugal, devido à qualidade de vida oferecida no país, apesar de haver um salário médio menor.

Além da imigração internacional na composição prévia de experiências de imigrantes brasileiros, a imigração nacional se destaca como um dos primeiros contatos mais diretos com a mobilidade. O Brasil, com seu território de proporções continentais, é um local marcado fortemente pela migração nacional, fato também enunciado nos resultados da minha pesquisa com imigrantes haitianos no Brasil. Dessa forma, ao tratar deslocamentos anteriores à chegada na Dinamarca com os participantes da pesquisa, a migração nacional estava fortemente marcada em suas experiências, como relatado abaixo por Adriana.

Eu tive oportunidade de trabalhar nessa cidade. Tive outras experiências. Aí eu conheci o mundo. De lá eu fui morar em São Paulo e também consegui trabalho lá. São Paulo é perto da minha cidade, 80 quilômetros de São José dos Campos, mas é outra cidade. Muito grande, muita gente. Foi muito legal, tive experiência de dirigir em São Paulo. Eu achava que eu nunca iria dirigir em São Paulo. Nossa, muitas outras coisas. Eu sempre tinha viajado com minha família, mas nunca viajado sozinha. Aí eu aprendi andar de ônibus, metrô. Viajar de uma cidade para outra de ônibus por horas, de avião, com mais facilidade. Depois comecei a trabalhar e foi bom, foi legal. Foi uma experiência muito boa. Acho que eu sou o que sou graças às experiências que eu tive. Eu vejo que eu mudei também. Foi muito bom.

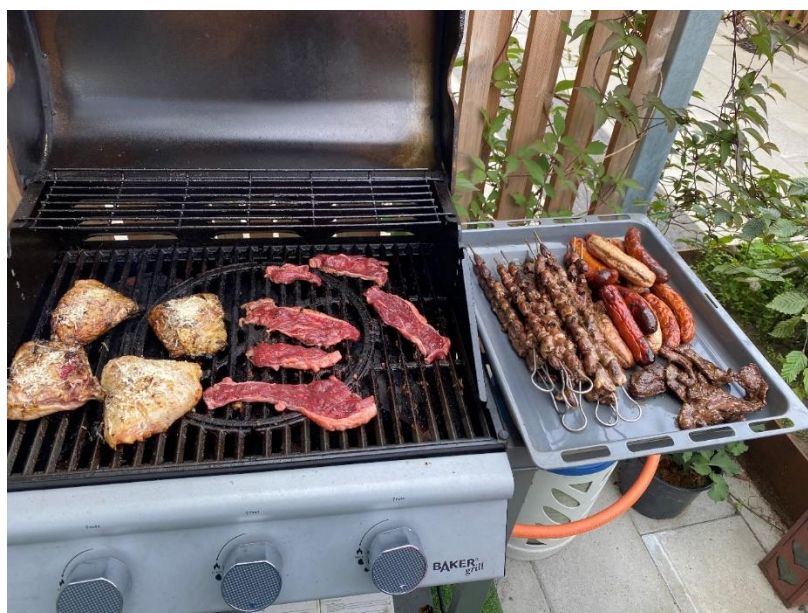
(Adriana, junho de 2020)

Dessa forma, a experiência de migração nacional de Adriana, bem como outras práticas como o seu deslocamento cotidiano por diferentes meios de transporte são o que fazem Adriana “ser o que é”. À vista disso, um indivíduo é imigrante ao ter praticado a imigração, experienciado socialmente o que é ser uma pessoa deslocada, sendo o saber e fazer inextricavelmente emaranhados, o que é característico da prática (GHERARDI,

2011). Corroborando, Vanessa também afirmou durante a pesquisa que não pode menosprezar os anos em que viveu no Brasil, pois são “bagagens” que leva consigo e que afetam o seu cotidiano.

Para exemplificar o saber ser da imigração, recorro à prática cotidiana do cozinhar em um encontro de amigos por meio do exemplo do churrasco brasileiro oferecido por Vanessa e Luciana (Figura 9), que encontraram coração de galinha e guaraná à venda em um supermercado dinamarquês e me convidaram a ir a sua casa na nossa hora livre para confraternizarmos.

**Figura 9 – Churrasco brasileiro oferecido por Vanessa e Luciana**



Fonte: da pesquisa

Ao cozinhareм comida tradicional brasileira no seu cotidiano em outro país, além de demonstrar a ação corporal através de práticas sociais que são dotadas de significados, como o cozinhar para alguém, há uma manipulação de coisas materiais, que pode englobar desde o sistema logístico que possibilita o acesso à comida estrangeira na Dinamarca até os ingredientes manipulados para se obter uma comida típica de sua cultura. Dessa forma, o coração de galinha, ingrediente conhecido da culinária brasileira, faz parte também das práticas sociais da imigração, uma vez que essa coisa material foi um dos motivos que desencadeou um encontro de sujeitos imigrantes.

Assim como ser brasileiro tem influência no cotidiano de imigrantes na Dinamarca, a experiência prévia de deslocamento nacional no Brasil também é constituidora de saberes e fazeres que orientam os indivíduos em outros momentos semelhantes. A exemplo de Marcia, que se mudou do interior de São Paulo para capital do estado, a migração nacional no Brasil em busca de melhores oportunidades também foi uma experiência em comum para mais da metade dos entrevistados para essa pesquisa.

Em São Paulo, os planos seriam: eu vou me estabilizar e quando eu tiver assim, condições econômicas, meus planos seriam fazer uma faculdade. E a vida de São Paulo é aquela coisa, você trabalha muito, ganha pouco e gasta o dinheiro todo. Então eu tinha um trabalho bacana, mas morando, se você mora mais no centro, a parte mais longe, você conhece São Paulo? Por exemplo, eu morava em Pinheiros, porque eu não conhecia outro lugar. Quando eu fui, fui morar com minha irmã que já morava ali. Então eu não conhecia periferia, não conhecia as opções de aluguéis mais baratos, então acabei ficando por ali. E ali, a questão econômica é aquela coisa, você trabalha para viver.

(Marcia, maio de 2020)

A ordem social que regia a vida de Marcia durante o período em que residiu em São Paulo foi ressaltada em sua entrevista como um período difícil de sua vida, pois o tempo empregado nas suas atividades laborais, bem como o deslocamento para seu lugar de trabalho ocupavam a maior parte de seu tempo. Essa organização do seu dia a dia (NAYAK; CHIA, 2011) impossibilitava o seu ingresso no ensino superior. A vida social, ainda que organizada, possui momentos de reordenamento da ordem já instituída por meio de lances situacionais, conforme explicado por De Certeau (2018) e, nesse sentido, uma chefe de Marcia, ao saber de seu desejo de cursar uma faculdade, ofereceu uma bolsa de 50% de um curso superior, o que representava para Marcia uma oportunidade para cursar Direito, que já era de seu desejo. Todavia, posteriormente a carga pesada do dia a dia de Marcia auxiliou na sua decisão por imigrar para Dinamarca para residir com seu companheiro, que é dinamarquês. Apesar de não ser expulsa formalmente do Brasil, ao ter a opção de imigrar, Marcia optou por residir na Dinamarca devido à baixa qualidade de vida que experienciava no Brasil. Essa busca por melhora na qualidade de vida foi ressaltada por boa parte dos entrevistados como motivador da imigração e é evidência de que o Estado brasileiro tem repellido muitos de seus nacionais, que recorrem ao deslocamento internacional como catalizador de mudança.

Então era assim, 4 horas de transporte para eu me movimentar de onde eu morava para onde eu estudava e depois para onde eu trabalhava. Então era uma vida bem puxada. Teve um período da minha vida que eu dormia, acho que um máximo de 5 horas por dia, porque estudando, trabalhando, tinha que ir para

cama muito tarde e tinha que levantar muito cedo para estar na faculdade 8 horas da manhã. E depois que eu comecei a trabalhar também, era mais assim, transporte, e São Paulo, transporte assim lotados, entende? Ônibus em que você entra assim e se sente como se você tivesse em uma lata de sardinha. Não tinha assim essa energia, vontade de outras atividades depois do trabalho. Minha vida era sair de casa, faculdade, estudar, fazer todos exercícios, ou trabalhos em grupo e cama para ir dormir. Quando eu comecei a trabalhar era estudo, trabalho, casa. Eu não tinha energia para sair, para ir a um cinema, ir a um teatro, para bater papo.

(Fernanda, junho de 2020)

O deslocamento intermunicipal para concretização de atividades cotidianas é uma realidade experienciada por brasileiros desde antes da imigração internacional, sendo que antigos moradores de grandes regiões metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro, que possuem mais habitantes que o país inteiro da Dinamarca, relataram que o deslocamento pendular é um grande consumidor do “tempo livre” dos sujeitos quando ainda residiam no Brasil. O tempo de deslocamento em grandes cidades brasileiras, como relatado acima por Fernanda e Marcia, também se mostrou como um ponto de flexibilidade para imigrantes no que diz respeito à forma como suas vidas são conduzidas.

Na conjuntura de imigrantes brasileiros que já residiam em outro país do bloco e possuem uma nacionalidade europeia, foi relatado que a escolha de se estabelecer na Dinamarca foi devido às condições oferecidas pelo Estado de bem-estar social para nacionais europeus, como, por exemplo, o ensino superior gratuito, que muitas vezes é combinado com auxílio financeiro do Estado para as despesas básicas durante o período de estudo. Além disso, a possibilidade de acesso à saúde pública, ainda que mais limitado do que se comparado ao SUS, representa outro fator atrativo de imigrantes brasileiros-europeus residentes de outros países da EU se mudarem para Dinamarca.

A depender da idade e da situação de cada um, muitos imigrantes possuem cônjuges e/ou filhos, sendo o processo também estruturado pelas demandas dessas pessoas envolvidas no deslocamento, o que influencia a escolha do lugar a se morar de acordo também com a possibilidade de inserção dos filhos na comunidade local. Destaco, dessa forma, que muitas vezes a imigração internacional se torna um processo majoritariamente coletivo para brasileiros na Dinamarca, demandando um cuidado maior na garantia do bem-estar dos filhos no deslocamento e estabilização no país anfitrião.

O deslocamento internacional é um dos principais processos da composição da prática da imigração internacional, tendo em vista que é a prática chave para existência do fenômeno. Nesse enquadramento, as escolhas possíveis nesse processo irão definir

muitos outros aspectos das vidas dos imigrantes no início da experiência, como, por exemplo, o local onde fixará residência, que implicará diretamente outras práticas, como o acesso ao lugar de trabalho e à escola de seus filhos.

Todavia, devido à imigração não ocorrer somente no deslocamento, ainda que seja parte essencial para existência do fenômeno, a imigração é o composto de todas as práticas que, combinadas e realizadas de forma sucessivas, propiciam a vivência cotidiana do indivíduo em um país diferente do seu de origem. Nesse aspecto, a vida cotidiana, que é a vida de todos os dias e de todas as pessoas (CARVALHO, 2012) ocorre para todos, mesmo no deslocamento.

O cotidiano do imigrante, dessa forma, é composto por diversas práticas, marcadas pela cultura popular da imigração, tendo o imigrante normalmente comportamentos marcados pela memória cultural já experienciada anteriormente ao processo migracional. Conforme relatado abaixo por Marcia, a mudança de país impactou diretamente o seu dia a dia, pois foi necessário “construir uma vida” na Dinamarca.

E aí a minha vida mudou completamente. Eu vim a passeio, conheci meu marido, atual marido. Aí eu voltei e a gente ficou naquela coisa de contato até eu decidir ir e tentar realmente ter uma vida aqui né, construir uma vida aqui. E aí quando você chega em outro país, você começa tudo do zero. Porque primeiro você tem que ser alfabetizada, como você entrasse na pré-escola de novo, para fazer tudo aquilo para você estar pronta para poder ir para uma faculdade. Então foi aquele processo, aprender o idioma, me sentir mais segura.

(Marcia, maio de 2020)

Todavia, o começar do zero não possui o mesmo ponto de partida para todos os imigrantes. Nesse aspecto, cada sujeito possui uma margem de manobra para suas práticas cotidianas (DE CERTEAU, 2018), de acordo com suas condições socioeconômicas prévias. Os aportes financeiros e legais de cada imigrante implicarão no processo de estabelecimento no país, levando em consideração que imigrantes que possuem seu processo de legalização facilitado, com condições de arcar com o processo, possuem maiores facilidades ao se estabelecerem no país, enquanto para outros é necessário um empenho maior no processo de legalização.

Essa diferença de possibilidade de operar é demonstrada explicitamente no caso dos imigrantes brasileiros que participaram da pesquisa e informaram que já possuíam nacionalidade europeia previamente à imigração para Dinamarca. Dessa forma, ao obterem documentação mais rapidamente e possuírem facilidade de acesso ao auxílio social do Estado, como isenção de anuidade escolar e auxílio de moradia, imigrantes

brasileiros-europeus podem se focar no período inicial em outras práticas do fenômeno da imigração, como aprender a língua do país.

Em contrapartida, outros participantes relataram que seus processos de imigração ocorreram de forma dispersa, como no caso de Pedro, que era concursado como nutricionista no Brasil e que relatou ter decidido imigrar para Dinamarca de uma hora para outra, sem possuir caminhos legais diretos para esse processo. Ainda que pareça um processo simples, Pedro enfrentou diversos obstáculos no caminho para se legalizar, pois o não planejamento prévio do deslocamento gerou implicações na hora de obter autorização de residência no país, sendo necessário buscar um enquadramento de visto que possibilitasse sua permanência no país.

Devido à necessidade de Pedro em se legalizar para poder permanecer no território, bem como obter melhores condições de trabalho, no período inicial da imigração Pedro teve que focar suas práticas cotidianas em prol da sua regularização. Nessa temática, no próximo tópico apresentarei as práticas de legalização, que no caso da Dinamarca é um fator importante para imigrantes, uma vez que pessoas não legalizadas enfrentam diversos obstáculos na procura de trabalho, estando inclusive sujeitas a responderem processos de deportação, que podem levar ao encarceramento, conforme relatei na introdução deste trabalho.

## 5.2. PRÁTICAS DE LEGALIZAÇÃO

A prática de imigração internacional, apesar de ser ligada ao deslocamento, inicia-se muitas vezes antes da mobilidade internacional em si. Isso levando em consideração a chegada no país propriamente, ainda que embaixadas também sejam consideradas território estrangeiro. Nesse sentido, considero que, enquanto pesquisador com *status* de imigrante, a minha experiência etnográfica com a prática da imigração na Dinamarca teve início 7 meses antes da chegada efetiva ao país, quando tive que passar pelo processo de solicitação de autorização de residência temporária na embaixada da Noruega em Brasília, que é responsável pela emissão dos vistos da Dinamarca para brasileiros.

A legalização de imigrantes é uma etapa importante da prática de imigração, pois seu *status* (legal ou ilegal) definirá os acessos aos direitos e proteções da pessoa imigrante

no país anfitrião. Se impedido de exercer sua cidadania, o indivíduo que pratica a imigração se encontra em uma situação de acentuada vulnerabilidade, pois seus direitos serão afetados por esse contexto, como na não possibilidade de acesso ao sistema público de saúde. O conjunto de instituições, leis e medidas administrativas que versam sobre a autorização de residência são componentes do dispositivo (GORDON, 1980) legal que organiza a imigração na Dinamarca por meio da operação desses elementos heterogêneos para que atuem na regulamentação e no controle da entrada de estrangeiros no país.

A necessidade de documentação para poder se inserir na sociedade anfitriã pode, portanto, levar imigrantes a recorrerem a métodos alternativos para regularização de sua imigração, como, por exemplo, na obtenção de residência em outro país da EU, ou por meio do casamento falso. A residência não habitual é um tipo de autorização de residência existente em alguns países da EU, em que o imigrante não é obrigado a estar no país anfitrião durante todo o período da autorização.

Foi relatado no campo que alguns imigrantes brasileiros de outros países do bloco residem na Dinamarca, país onde exercem atividades laborais de forma informal, enquanto suas autorizações eventualmente podem ser convertidas em cidadania por tempo de residência no país emissor. Dessa forma, uma vez cidadãos europeus, esses imigrantes podem se legalizar na Dinamarca diretamente na *Kommune* local, órgão semelhante às prefeituras do Brasil. Ainda que o dispositivo legal da imigração na Dinamarca opere em prol do bloqueio de práticas consideradas delituosas, há a possibilidade de jogos de força dentre a estrutura de poder de acordo com a situação de cada pessoa, o que evidencia a visão ontológica de Foucault (2016) de que o poder não é emanado de um ponto determinado, pois é o reflexo de relações estabelecidas, o que permite a existência de pessoas que subvertem o dispositivo regulador da mobilidade por meio de capitalização de oportunidades, como diria De Certeau (2018).

Por mais que os dispositivos legais da imigração na Dinamarca operem no controle de entrada no país, a Dinamarca possui especificidades na atuação desse controle, pois seu território não tem fiscalização de todos os passantes de suas fronteiras por causa da União Europeia (UE). Ainda assim, o acesso de imigrantes ilegais ao país é limitado geograficamente, uma vez que possui fronteira seca somente com o norte da Alemanha, sendo sua outra fronteira internacional estabelecida pela ponte com a Suécia no Canal de *Örestad*, sendo a viagem entre a Dinamarca e Suécia efetuada, principalmente, de carro ou trem (Figura 10). Dessa forma, para que imigrantes brasileiros

cheguem ilegalmente à Dinamarca, normalmente é necessário que essas pessoas passem por controle de entrada em outras unidades do bloco.

**Figura 10 – Viagem de Trem no Canal de Örestad**



Fonte: da pesquisa

Brasileiros possuem autorização de visitarem o Espaço *Schengen* por até 90 dias sem necessidade de visto e as entrevistas informais no período em campo demonstraram que algumas pessoas entraram no país com autorização de turismo e se legalizaram eventualmente através do casamento com dinamarqueses. Dos participantes da pesquisa, três informantes relataram terem se legalizado por “caminhos alternativos” ao oficial, sendo essa prática de legalização dependente da oportunidade, característica da prática com base na tática (DE CERTEAU, 2018). Em consequência, imigrantes brasileiros conseguiram “driblar” o dispositivo de legalização por meio da astúcia de subversão, como, por exemplo, ao manter as aparências de residir com uma pessoa dinamarquesa que é paga para auxiliar na obtenção de cidadania por meio do casamento.

No entanto, a prática de legalização por casamento falso, que a princípio tem sua origem na oportunidade, efetivando-se por meio da tática, pode vir a se configurar como uma prática estratégica, caso os sujeitos envolvidos nesse processo assumam o próprio



processo de se legalizar na Dinamarca. Ao controlarem a situação, ainda que por um caminho “alternativo”, os imigrantes podem estabelecer uma prática estratégia que joga com o dispositivo de legalização.

Maria me informou que o processo de legalização de cônjuges de dinamarqueses no momento da pesquisa demandava que os cônjuges dinamarqueses depositem uma quantia de 100 mil coroas dinamarquesas (aproximadamente 86 mil reais) sob tutela do Estado, sendo essa quantia uma forma de “caução” obrigatória para que seja autorizada a residência do cônjuge estrangeiro no país. Essa demanda é uma reação do Estado dinamarquês para evitar casamentos falsos realizados no país em prol de obtenção de cidadania, o que é condizente com a afirmativa de Foucault (2016) de que o dispositivo possui em sua formação a tentativa de responder a uma urgência causada por uma prática delituosa. Por conseguinte, o dispositivo de legalização na Dinamarca por meio de suas redes estabelecida entre os elementos do fenômeno, como leis e procedimentos burocráticos, consegue readaptar seus processos em busca da sua efetividade.

A reação do Estado às práticas operadas em resistência ao dispositivo legal demanda que os imigrantes fiquem atentos ao aparelho legal do país em busca de novas chances de obterem a residência. Além disso, por haver processos materializados e custos financeiros, pessoas com menos acessos a bens materiais encontram maiores dificuldades em sua legalização e, por efeito, seu acesso ao mercado de trabalho é prejudicado, impactando outras práticas envolvidas na prática da imigração, como a prática de habitação. Dessa forma, às pessoas comuns que não possuem condições sociomaterial para efetivar sua imigração dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Estado dinamarquês, cabe jogar nas margens de oportunidade presentes em seu cotidiano caso, queiram ser imigrantes na Dinamarca.

Nesse aspecto, em diversos momentos é evidenciada a desigualdade sociomaterial dos imigrantes brasileiros, pois a Dinamarca seleciona quais imigrantes devem permanecer no país de acordo com seu retorno financeiro para o país. Pessoas que se encaixam no perfil desejado pelo país têm seu processo facilitado, pois as empresas arcam com os custos do processamento da documentação e o país possui sistemas de análise de vistos com base no tipo de atividade exercida pelo imigrante, dado que profissionais em falta no país são priorizados na concessão de autorização de residência.

Os custos financeiros da imigração, que podem chegar a custar por volta de 7 mil reais por pessoa somente para o processamento da documentação, são o instrumento mais

eficiente do dispositivo legal para barrar a imigração de pessoas “não desejadas”. No decorrer das próximas práticas também serão apresentadas outras características dos sujeitos que são priorizados para serem imigrantes na Dinamarca, características estas perceptíveis por meio do vislumbre das nuances do sistema que regula a questão no país.

Além dos custos financeiros de documentação, os custos iniciais da imigração ainda englobam passagem, caução de aluguel e compra de móveis caso o imóvel não seja mobiliado, que conjuntamente impossibilitam o processo de imigração legal para Dinamarca para pessoas que não podem arcar com esses custos. Juntos a esses custos financeiros ainda se juntam custos emocionais e físicos que envolvem o deslocamento, tanto na despedida do país natal quando na chegada no país anfitrião.

No meu caso, por estar dotado de carta convite de uma universidade dinamarquesa para um período como doutorando visitante, o processo para legalização foi facilitado. Apesar de precisar desembolsar aproximadamente 10 mil reais em 2019 para arcar com todos os custos das autorizações de residência para mim e meu esposo, o nosso processo não era o mais dispendioso no que diz respeito ao processo de legalização na Dinamarca, como comparado aos custos de obtenção de autorização de residência por meio do casamento, atualmente.

O dispositivo legal da imigração na Dinamarca possui outras operações para além da emissão documental de autorização de residência. Ao contrário do meu ano como intercambista de ensino médio em 2010 na Dinamarca, quando minha passagem nos aeroportos no caminho ocorreu sem impedimentos, possivelmente por eu estar vestido com o uniforme do Rotary Internacional, dessa vez a imigração, enquanto adulto, estava sujeita a outros controles.

Estes controles foram enunciados logo na entrada do país, quando eu e meu marido fomos os únicos do voo parados para realização de fiscalização de nossas bagagens, o que me trouxe a percepção de que agentes de imigração da Dinamarca baseiam suas práticas de controle da imigração com base na racialidade incorporada dos sujeitos, de forma que é feita distinção imediata de um nacional de imigrantes internacionais. Não obstante, havia também uma diferenciação de imigrantes internacionais não europeus, pois imigrantes franceses e alemães que estavam no voo não foram parados.

A percepção de que alguns nacionais dinamarqueses se guiam em algumas de suas práticas cotidianas com base na raça, eventualmente foi confirmada pelas entrevistas

formais, principalmente as de Maria, Antonia e Aline, que relataram sofrer no dia a dia algumas práticas de discriminação racial por serem negras. Ainda, todos entrevistados da pesquisa que não são brancos relataram em algum momento que experienciaram alguma situação desagradável, possivelmente motivada inicialmente por sua raça, sendo evidente um racismo acentuado contra pessoas negras e pessoas de ascendência árabe.

De vez em quando eu ouço muita coisa quando eu pego ônibus. Tem velhos, por exemplo, quando você vai se aproximando que seguram a bolsa. Pensam, assim que você vê a corzinha, pensam que é ladrão né. Infelizmente já passei por muito problema com racismo aqui. Chamando a minha filha de rato, “vai para casa, sua colorida, fica parindo rato”. Era bem feio. E na verdade, no início, eu ia para casa chorando, porque “o que eu estou fazendo aqui quando eu estava bem no meu país”? Entendeu? Mas quando eu comecei a aprender a falar dinamarquês eu comecei a responder. E quando a gente dizia que era brasileiro já mudava. Acho que eles gostam de brasileiros né, porque já sorriam. Mas tenho várias amigas que sempre estão se queixando que quando pega metrô a pessoa levanta, sai de perto. Ou fica dizendo: vai embora, você está fazendo o que aqui? Vai para o seu país, a Dinamarca não é para preto não. Entendeu? Então é assim.

(Antonia, agosto de 2020)

Para além dos dispositivos legais de um território, temos também outros dispositivos operados convenientemente no cotidiano de coletividades. O afastamento físico no transporte público abordado na entrevista de Antonia é um comportamento racista, atuando nos dispositivos organizadores da coletividade, sendo constituídos com base na raça e dotados de significados. A raça, segundo Costanzi e Mesquita (2021), atribui significado às práticas cotidianas, junto com o gênero, possibilitando que o racismo reflita em dispositivos de poder a partir de práticas individuais como afastamento e silenciamento.

A fala abaixo de Maria traz para o concreto a manifestação de um dispositivo operado pela conveniência, ao narrar uma situação em que presenciou um funcionário da empresa de trem ser desrespeitoso e agressivo com um jovem imigrante que estava sem a passagem:

Não era uma situação agradável, era desrespeito e nada fizeram. Fizeram que não tinham escutado e simplesmente me pegaram e me colocaram fora e o trem foi embora. Quando eu reclamei à empresa de trem eles disseram que não conseguiam ver o vídeo e que sentiam muito, mas não podiam fazer nada. E ali realmente foi uma situação extremamente constrangedora. Dias depois eu peguei o trem no mesmo horário e estava vendo uma passageira que constantemente pegava esse mesmo horário e eu perguntei: mas você estava no trem poucos dias atrás e por que você não fez nada? Por que você não falou nada? E ela disse: mas é, ia fazer o que? Ele estava sem o *ticket*. Então foi muito constrangedor sentir isso e se foi pela nacionalidade ou pela cor, é difícil dizer, mas foi uma situação constrangedora.

(Maria, agosto de 2020)

O silenciamento da outra passageira que presenciou a cena racista foi conivente ao comportamento do funcionário da empresa de trem, tanto por não intervir na postura agressiva do funcionário perante o jovem, quanto por também se silenciar ao ver Maria ser expulsa do trem por interceder na situação. A passageira percebeu a situação constrangedora, mas ainda assim, em seu contexto situacional praticou convenientemente o silêncio, optando por corroborar com a estratégia de operação do dispositivo de poder exercido pela “autoridade” do funcionário. Ao escolher pelo silêncio a passageira também escolheu em não encarar as perdas do lance situacional como Maria experienciou.

Dessa forma, elementos “ditos” e “não-ditos” interconectados (FOUCAULT, 2016) em processos de “devir” (DELEUZE, 1990) exerceram um controle no espaço do trem, sendo manifestados pela ação do fiscal e pela reação de Maria, que associadas ao silenciamento conveniente (MAYOL, 2019) dos demais sujeitos presentes na situação foram componentes de um dispositivo em operação. Ademais, outras práticas estavam envolvidas nesse processo, como o deslocamento diário para atividades estudantis de Maria, o que destaca a importância de apreender práticas cotidianas nos relatos de informantes da pesquisa, uma vez que, analisadas em conjunto, possibilitam apreender significados atribuídos e a organização das interações sociais dos sujeitos.

Apesar do racismo que imigrantes brasileiros experienciam em seu cotidiano, Antonia expressou que, quando os dinamarqueses ficam cientes de sua nacionalidade brasileira, sua reação é positiva. Nesse sentido, Maria afirma que o dinamarquês possui a representação de que a cultura brasileira é uma cultura amigável.

A raça, enquanto categoria analítica (TEIXEIRA; OLIVEIRA; CARRIERI, 2020), possui delineamentos específicos na sociedade dinamarquesa, conforme relatado abaixo por Pedro:

Então, por exemplo, se eles virem um brasileiro, é um brasileiro, um estrangeiro. Se eles virem um cubano, é olha lá um cubano. Agora se eles virem um árabe, seja de qual país ele seja, eles falam: ó um muçulmano. Você está entendendo? Um muçulmano. Então há e não é de cor. Por exemplo, um muçulmano nascido aqui na Dinamarca, tenho muitas amigas muçulmanas, ele ainda é muçulmano. Não é como se fosse um filho de um brasileiro, que é nascido na Dinamarca. Ele é dinamarquês, porque ele vai aprender a cultura dinamarquesa, ele vai aprender a brasileira, mas ele vai ser dinamarquês. O muçulmano não. Nascido na Europa, ele vai ser muçulmano, com a cultura muçulmana, usando paninho na cabeça, não comendo carne de porco e não se misturando com dinamarquês.

(Pedro, junho de 2020)

Pedro, que se autoidentifica como negro, afirma que o racismo da Dinamarca também é operado com base na religião de imigrantes. Nesse tópico, Pedro discorre que

a questão identitária na Dinamarca é especificamente sensível com muçulmanos, enquanto grupos migratórios. Aline, que reproduziu o discurso do dispositivo racial da Dinamarca, também afirmou que imigrantes muçulmanos se destacam por não se integrarem com dinamarqueses, sendo sugerido que eu tomasse cuidado com eles, pois esses imigrantes eram “agressivos”. O discurso negativo sobre muçulmanos é comum na comunidade dinamarquesa e desde a minha época de intercâmbio no ensino médio é uma fala recorrente em momentos de interação.

Dinamarqueses, que demonstram grande apego à sua cultura, ficam incomodados com aspectos da cultura muçulmana, sendo alguns fatos ressaltados na apreensão da diferença, como o não consumo de carne de porco, que é um dos ingredientes base da culinária cotidiana dinamarquesa (Figura 11). Desse modo, por meio de “piadas” ou críticas diretas, os dinamarqueses demonstram cotidianamente o incômodo pela presença de grupos muçulmanos, que são sempre referidos como o Outro.

**Figura 11 – Prato tradicional dinamarquês conhecido como *Flæskesteg***



Fonte: da pesquisa

Essa operação coletiva demonstra a conveniência operando na repressão do que se “não convém” e que “não se faz”, buscando filtrar e banir comportamentos intoleráveis para coletividade (MAYOL, 2019), demonstrando que a conveniência pode também operar em prol de posturas intolerantes. Num plano de conveniência, Mayol (2019) afirma que indivíduos devem demonstrar o mínimo desvio possível, a fim de usufruir dos benefícios da coletividade, o que é uma tarefa “praticamente” impossível para boa parte dos imigrantes, que portam em seu corpo sua racialidade, que pode ser desencadeadora de situações racistas.

Nesse sentido, os brasileiros também carregam no seu corpo e na sua vestimenta toda a pluralidade identitária de um país de proporções continentais com histórico de exploração colonial e deslocamento forçado de pessoas escravizadas. Assim como imigrantes árabes que mantêm aspectos culturais em suas práticas cotidianas, imigrantes brasileiros possuem em seus acessórios uma materialidade relacionada às suas práticas corriqueiras, como a prática de se vestir, conforme relatado abaixo por Ana:

Então isso incomoda, porque o dinamarquês não é assim de se arrumar né. Mas tipo assim, eu incomodo, porque eu vou de salto. Eu só estou de sandália quando eu estou na clínica, mas meu dia a dia é sapato alto o tempo todo. Lógico que agora eu manerei mais um pouco, baixei um pouquinho mais, mas é eu. É, tipo assim, tem que estar maquiada. Tem que estar com cabelo arrumado. Sou eu, mas não é para as outras pessoas, é para mim mesma.

(Ana, maio de 2020)

A percepção de Ana sobre o incômodo que sua vestimenta gera nos dinamarqueses demonstra sua percepção da gestão simbólica de sua face pública que, segundo Mayol (2019), é parte do processo de se manter conveniente no jogo de “perde-ganha” das relações cotidianas. Dessa forma, práticas como a de se vestir tornam parte do jogo situacional organizado em dispositivos que buscam controlar a coletividade por meio de qualificação e verificação social de comportamentos. O fato de Ana continuar utilizando esses acessórios, ainda que incomode dinamarqueses com quem interage, demonstra que dispositivos operados coletivamente de forma conveniente podem ser subvertidos de acordo com a situação, sendo que dispositivos que tentam controlar aspectos individuais como vestimenta de imigrantes não impõem perdas tão grandes como a subversão de dispositivos legais.

Conforme relatado abaixo por Pedro, o sistema legal dinamarquês prioriza sujeitos que são convenientes ao país, que no ponto de vista do aparelho legal é mensurado a partir da capacidade contributiva de cada imigrante.

Aí eu recebi uma permanência especial, porque eles avaliam naquela época se você tem uma educação, certo? Se você aprendeu a língua e se você trabalhou o período todo. Se você não fez nada dessas três coisas, então você não está adaptado para viver aqui. Eles arrumavam mais ainda para colocar você para fora. Mas se você é trabalhador... porque o que acontece aqui na Dinamarca é: é melhor ter você como um cozinheiro do que ter você como lavador de prato. Por quê? Porque um cozinheiro paga muito mais impostos do que um lavador de prato. Você está entendendo? Então eles te dão e te tiram. Você está entendendo? A verdade é essa.

(Pedro, junho de 2020)

À vista disso, a prática de legalização se articula com as práticas econômicas e de trabalho, em que pese que o governo dinamarquês prioriza pessoas com ensino superior, contribuição tributária e produtividade econômica na concessão do direito de permanência no país. A legalização da imigração, seja de forma prévia ao deslocamento, seja diretamente no país, é um processo disperso em diversos momentos do cotidiano dos imigrantes, desde a preparação da documentação para atender os requisitos do processo de autorização de residência até o exercício de atividade remunerada para arcar com os custos financeiros da legalização.

Dessa forma, se legalizar na imigração também é uma prática social marcada por lances situacionais que fazem uso da oportunidade para obter “ganhos” dentro das margens de operação de cada sujeito, como evidenciado nas diferentes formas de se legalizar no país. Tendo em vista que tanto a autorização prévia quanto a manutenção de residência na Dinamarca demandam comprovação de meios de subsistência, no próximo tópico trabalharei práticas econômicas e de trabalho, que são práticas importantes da concretização da prática da imigração de brasileiros na Dinamarca.

### 5.3. PRÁTICAS ECONÔMICAS E DE TRABALHO

No que diz respeito a atividades laborais, durante meu período em campo pude perceber que os imigrantes brasileiros operavam de acordo com cada situação com base no seu *status* legal de imigração. Exemplifico essa afirmativa com o caso de Luciana, que residiu na Dinamarca em dois períodos, primeiramente com visto de estudante de ensino superior e na segunda vez como cônjuge de cidadã europeia.

Nas nossas oportunidades de contato, Luciana relatou que em diversos períodos na sua imigração teve que trabalhar em regime de “bicos”, que são trabalhos de carga

horária parcial. Na Dinamarca esse tipo de vaga de emprego é comum, sendo referidas como empregos *part-time* (trabalho de meio experiente).

Pessoas que trabalham em regime parcial são pagas por hora e o país não possui salário-mínimo definido, uma vez que há um salário base socialmente aceito, que é por volta de 110 coroas dinamarquesas a hora (aproximadamente 88 reais no momento da pesquisa), e o piso de remuneração normalmente é definido por acordos sindicais. Cabe ressaltar que, embora o salário por hora aparente ser alto quando convertido para a moeda brasileira, os custos de subsistência no país acompanham o valor, sendo comum aluguéis de quartos custarem mensalmente entre 4.000 e 6.000 *Kroner* (Coroas Dinamarquesas), o que representa uma margem de aproximadamente R\$3.200 - R\$4.800.

Dessa forma, salários em regime parcial tendem a não ser suficientes para arcar com contas mensais de imigrantes no país, conforme relatado abaixo por João:

Um mês que eu ganhei muito, que eu trabalhei muito, eu trabalhei muito nesse primeiro emprego, foi quase nada. Foi metade de uma renda de aluguel. Ou seja, o dinheiro que eu trabalhei o mês inteiro deu para pagar metade do aluguel. Era muito cansativo e aquilo lá foi desgastando. Desgastando, desgastando e desgastando. Então o dono da casa por acaso veio falar de um local que estava contratando vários imigrantes. Aí eu submeti e consegui um emprego.

(João, dezembro de 2020)

A Dinamarca possui uma renda mínima universal garantida para os cidadãos dinamarqueses, quando não possuem um rendimento suficiente para se manter no país. Todavia, os imigrantes sem cidadania no país geralmente não são abrangidos por esses benefícios e, dessa forma, o trabalho em regime parcial, que para muitos foi a única oportunidade de inserção no mercado de trabalho, representa também uma vulnerabilização desses indivíduos.

O “liberalismo” gerado pela falta de legislação trabalhista na Dinamarca representa uma oportunidade de exploração de mão-de-obra de imigrantes por meio de contratos que não oferecem uma estabilidade laboral, sendo esses indivíduos cobrados constantemente por produção, em cargas de horário rotativas. Isso ocorre porque a carga de horário parcial permite a definição da rotina de trabalho de acordo com a necessidade da empresa, conforme relatado abaixo por João:

No começo, como a gente não tinha nenhum suporte legislativo ou coisa assim do gênero, a regra era: a gente trabalhava 4 dias, mas era assim, esqueça da sua vida nesses dias que estou trabalhando. Eles mandavam horário em que geralmente a gente tinha que trabalhar de madrugada. Eu lembro que eu



acordava, dependendo dos dias, entre três ou quatro da manhã, pegava ônibus ou trem dependendo do horário, porque o trem era mais tarde. Então geralmente pegava ônibus. Chegava na empresa, geralmente era uma hora depois, uma hora de trajeto. Chegava lá, trabalhava, trabalhava, trabalhava. O sistema da empresa não permitia que conversássemos com outros colegas facilmente. Era um negócio de conversar com uma máquina para poder trabalhar, então a gente não tinha como conversar. E a interação com o sistema da empresa era quando respondia essa máquina.

(João, dezembro de 2020)

Ainda, os imigrantes residentes da Região Metropolitana de Copenhague necessitam arcar com o deslocamento para o ambiente de trabalho, que chega a custar 10% de seus salários brutos, levando muitos imigrantes a recorrerem a bicicletas e caminhadas para acessar seu local de trabalho. Para os que não possuíam opção por deslocamento por meio de bicicleta por morarem em outras cidades, como no caso de João, esses indivíduos precisavam enfrentar longos períodos no deslocamento para o local de trabalho. Em vista disso, ainda que a Dinamarca seja um país reconhecido pelo Estado de bem-estar social, aos imigrantes que se estabelecem no país são atribuídos todos os custos de acesso ao lugar de trabalho que explora intensamente sua mão-de-obra, demonstrando que o dispositivo econômico-legal do país seleciona quem será abrangido pelo seu “bem-estar”.

As práticas econômicas e de trabalho são uma das práticas que também emergiram em minha pesquisa da dissertação e, assim como na comunidade de haitianos no Brasil, os imigrantes brasileiros na Dinamarca demonstraram o papel central dessa prática em seu cotidiano. Primeiramente, as práticas econômicas são práticas que impactam diretamente outras práticas cotidianas, como de habitação e criação de filhos, sendo estas também base para o acesso a bens de consumo.

Levando em consideração que a prática social da imigração é um fenômeno muitas vezes efetivado coletivamente, pois muitas famílias imigram juntas, o acesso ao mercado de trabalho, dessa forma, é um processo extremamente importante, dado que os pais também precisam se atentar em atender as necessidades dos filhos, como foi no caso de Adriana, Aline, Carlos, Luciana, João, Vanessa e Mariana, participantes da pesquisa que imigraram juntos com sua família. Nesse aspecto, assim como apreendido em outras práticas, a condição socioeconômica dos imigrantes tem influência nas oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, conforme percebido no relato abaixo:

Na hora de arranjar emprego também foi bem complicado. Hoje eu sei que eu achei rápido. É um emprego que eu gosto e estou tranquila, mas no começo eu cheguei num momento que: ai, meu Deus, e agora? Por mais que eu soubesse

da segurança das crianças, mas eu ficava: também tenho direito de ser feliz. Foi nesse sentido. Não é só criança. Acho que é mais isso assim. Meu marido já veio com emprego, que era a mesma empresa. Então a gente não veio no desespero geral. E ele estava sossegado né. Ele veio e tinha emprego, é mais fácil.

(Aline, junho de 2020)

Quando chegou na Dinamarca a procura de emprego para Aline foi um processo trabalhoso porque demandou reconhecimento de grau acadêmico e busca constante. Houve inicialmente uma preocupação com o bem-estar de seus filhos, mas sua independência financeira era uma prioridade em seus planos. Ainda assim, Aline percebe que sua integração ao mercado de trabalho local foi rápida comparativamente a outros imigrantes. Dessa forma, a imigração na Dinamarca apresenta diferentes faces de representação, tendo em vista que há diferentes graus de acesso legal e social para cada face.

Nesse sentido, para exemplificar as diferenças de acesso, discorro sobre as diferentes permissões (formais e informais) que o país atribui aos imigrantes de acordo com sua nacionalidade. Há primeiramente um movimento migracional de escandinavos para Dinamarca, possuindo esses sujeitos os mesmos direitos que dinamarqueses, sendo facilmente integrados no mercado de trabalho. Imigrantes de outros países da Escandinávia também possuem uma maior facilidade de aprendizado do dinamarquês devido à proximidade dos idiomas da região, sendo que tive oportunidade de frequentar aulas de doutorado em Copenhague com estudantes suecos e noruegueses que conseguiam se comunicar com os professores dinamarqueses com suas respectivas línguas maternas.

Há também imigrantes europeus não-escandinavos que possuem dificuldade em adaptação e integração à sociedade local, mas que são facilmente legalizados no país, como era o caso de uma imigrante lituana e de uma imigrante portuguesa com quem tive contato durante a pesquisa. Ambas imigraram para Dinamarca para estudarem, não precisando arcar com custos de ensino por serem europeias e permaneceram no território após o término de seus cursos.

Enfim, imigrantes refugiados e imigrantes de países do Sul global possuem mais dificuldades de acesso ao mercado de trabalho do que os outros imigrantes mencionados acima. Nesse grupo se encaixam brasileiros que não possuem uma segunda nacionalidade e imigrantes de países do norte da África que imigraram para Dinamarca como

refugiados. Por encontrarem maior dificuldade na legalização, esses imigrantes também enfrentam maiores dificuldades em exercer atividades de subsistência no país.

No que pese às práticas de trabalho empregadas na imigração, apreendi durante a pesquisa quatro *status* de subsistência que predominam entre imigrantes brasileiros na Dinamarca: empregados invisibilizados, empregados reconhecidos, subsistência por conta de outrem e empreendedorismo. O primeiro *status*, de empregado invisibilizado, é uma categoria bem presente na imigração, sendo esse tipo de inserção muitas vezes a única via possível para imigrantes que são pessoas comuns.

A experiência laboral de João descreve a invisibilização de imigrantes com menos acessos legais no país. Em prol de sua subsistência, esses imigrantes precisam se resignar a ocupar posições que exigem fortemente do físico, como funções de carregamento ou limpeza, sendo inclusive invisibilizados também das proteções legais do ambiente de trabalho.

Nessa temática, João denunciou em seu relato que sua carga de trabalho chegava a 12 horas diárias, sem a permissão de ir ao banheiro fora da pausa não remunerada de 30 minutos para almoço, tendo o funcionário que ficar sob aviso em relação a hora que deve iniciar no trabalho. João também explicou que em seu local de trabalho todos os funcionários eram imigrantes, sendo eles provenientes majoritariamente da África subsaariana, América latina e subcontinente indiano, e que tais condições de trabalho eram possíveis na Dinamarca por ausência de acordos coletivos sindicais que protejam imigrantes que trabalhem em supermercados.

Os colegas de João, imigrantes que tiveram dificuldade de acessos ao mercado de trabalho antes de iniciarem na empresa, eram contratados para trabalhar em regime de pagamento por hora e não estavam protegidos legalmente da exploração de mão-de-obra. Por conseguinte, os funcionários da empresa manifestavam medo de exigirem melhores condições ou apresentar denúncias e se virem fadados a voltarem para vulnerabilidade do desemprego e terem sua residência no país inviabilizada.

No que diz respeito ao *status* de subsistência de empregados reconhecidos, além da questão documental foi possível perceber que outros aspectos socioeconômicos das pessoas imigrantes são influenciadores no acesso a essas vagas de trabalho. Consequentemente, pessoas formadas no ensino superior, com permissão legal de trabalho e com condição de arcar com os custos do reconhecimento de diploma possuem maiores chances de atuarem na área que trabalhavam previamente à imigração. Assim

como as condições físicas de trabalhos reconhecidos são melhores, o salário também é maior quando comparado a funções invisibilizadas.

No que pese à remuneração de empregos reconhecidos, cabe discorrer sobre a tributação na Dinamarca, dado que o país possui uma forte estrutura tributária que escalona de acordo com a renda do indivíduo. Dessa forma, pessoas com altos salários chegam a pagar próximo da metade de sua renda em prol da manutenção da estrutura estatal de bem-estar social. Esse panorama afeta diretamente a relação do dinamarquês com o “outro”, pois há uma atribuição de valor com base na contribuição tributária de cada habitante do país e imigrantes que “contribuem mais” são priorizados no país, conforme relatado anteriormente por Pedro.

Além da qualificação de sujeitos com base na sua capacidade contributiva por meio da operação de dispositivos econômicos-legais, outros dispositivos também se manifestam no dia a dia laboral de imigrantes brasileiros na Dinamarca, a exemplo do caso de Antonia, que narrou uma experiência de trabalho em que a chefia demandava que funcionárias utilizassem saia quando havia festividades na instituição.

Quando eu ia servir para festa, porque eles achavam que era mais feminino, mas eu não trabalho de saia no dia a dia, quando eu às vezes tenho que subir e descer escada. Porque eu achava assim... eu tinha que servir a homem, eu tinha que estar sexy? Para quê? Então meu uniforme era calça, botava o paletózinho, como todo mundo botava, camisa branca, meu sapatinho preto, mas era calça, e acabou. E nunca tive nenhum problema com isso, porque eu disse a ele do primeiro dia que eu não ia usar saia.

(Antonia, agosto de 2020)

No caso narrado acima, o chefe de Antonia tentou operar em prol do controle de sua corporeidade exercendo a autoridade atribuída estrategicamente pelo seu cargo no ambiente de trabalho, sendo essa prática combatida diretamente, o que demonstra a manipulação de forças em práticas cotidianas, em que Antonia pôde assumir o controle do seu corpo. Dessa forma, a prática da vestimenta no ambiente de trabalho, que é permeada por materialidade, evidencia a “diferença sexual” construída socialmente por meio de reiteração do domínio social, demonstrando com base na experiência de Antonia que há espaço para subverter essa lógica, ainda que ela seja muitas vezes operada convenientemente no cotidiano da instituição.

Neste seguimento, Antonia eventualmente pediu demissão de seu emprego e decidiu abrir um restaurante de comida brasileira. Chamou-me a atenção que na decoração do espaço havia uma placa (Figura 12) com a frase “*It is hard to be a Woman.*”

*You must think like a man, act like a lady, look like a young girl, and work like a horse*”, que em tradução direta para o português significa “É difícil ser uma mulher. Você deve pensar como um homem, agir como uma dama, parecer uma jovem e trabalhar como um cavalo”.

Essa decoração demonstrou uma flexibilidade de Antonia em relação à performatividade do gênero em diferentes situações sociais, não configurando um ato isolado no seu ambiente de trabalho anterior quando se recusou a usar saia. Além disso, essa placa ressalta a materialidade envolvida no conjunto de práticas que envolvem nosso comportamento social.

**Figura 12 – Placa decorativa**



Fonte: da pesquisa

Antonia narrou que seu restaurante foi uma forma de obter melhores condições de trabalho, ainda que sua rotina seja árdua. Aos imigrantes que encontram dificuldade de mudarem de empregos invisibilizados para empregos reconhecidos, o empreendedorismo

se ressalta como um caminho possível para mudança. Esse também foi o caso de Luciana, que é formada em biologia e trabalhou inicialmente em emprego parcial na área de turismo, passando posteriormente a trabalhar de forma autônoma cuidando de *pets* no período de férias de seus tutores.

Nesta sequência, algumas das participantes da pesquisa relataram que o empreendedorismo é uma forma de terem melhores perspectivas financeiras e de seguridade laboral, por meio de negócios como prestação de serviços educacionais para estrangeiros, prestação de serviços para *pets*, clínica estética e restauração. Esse é o caso de Maria, que trabalhava em cozinha profissional, mas que passou a oferecer serviço de mentoria a imigrantes, pois percebeu que outras famílias de imigrantes tinham dificuldades de integrar seus filhos no sistema educacional dinamarquês:

A princípio eu pensei que era uma coisa que eu só poderia ter campo no Brasil, mas descobri que na verdade tem muitas famílias que sofrem muito com a dificuldade de entender o sistema dinamarquês. E combinou que eu decidi abrir minha própria empresa, porque ter a experiência que eles exigem na área, não tinha trabalhado para outras empresas, mas eu tinha para mim mesma.

(Maria, maio de 2020)

Ao empreender, Maria também está sujeita às incertezas intrínsecas ao empreendedorismo, mas em seu caso, por já possuir nacionalidade dinamarquesa, foi relatado que o risco associado a atividades autônomas é diluído, pois o Estado oferece os programas de auxílio à renda dos cidadãos do país. Nessa perspectiva, Fernanda, que também é naturalizada no país, relatou que ser empreendedora lhe possibilitava organizar suas atividades de acordo com sua necessidade, o que representava uma vantagem que auxiliou sua escolha.

Ademais, em relação ao quarto *status* de subsistência percebido na imigração brasileira na Dinamarca, temos o caso de pessoas que possuem sua subsistência por conta de outrem. Essa situação se aplica normalmente a estudantes ou pessoas que imigraram acompanhando seus parceiros e ainda não conseguiram se inserir no mercado de trabalho, sendo usual no início da imigração. Habitualmente essas pessoas no geral possuem melhor condição financeira prévia, mas ainda assim estão sujeitas a questionamentos em suas atividades cotidianas sobre sua contribuição econômica para o país.

A discussão sobre as práticas econômicas e de trabalho de imigrantes brasileiros na Dinamarca é importante para compreensão do organizar da prática social da imigração desses sujeitos, pois quase todos os imigrantes precisam encontrar formas de subsistência.

Ainda, é no espaço de trabalho que indivíduos passam grande parte de seu dia engajados em práticas contínuas de produção de significados.

Para imigrantes brasileiros que são casados com outros imigrantes, o local de trabalho também representa o local de maior contato direto com a cultura local e com os dispositivos operados cotidianamente, com base na conveniência da sociedade anfitriã. Levando em consideração que a comunicação é um componente importante das práticas sociais, principalmente no local de trabalho, no próximo tópico discorrerei sobre práticas de linguagem no cotidiano dos participantes da pesquisa.

#### 5.4. PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE COMUNICAÇÃO

Quando endereço o enfoque da discussão para as práticas de linguagem na imigração, considero essas práticas majoritariamente como componentes possibilitadores da comunicação nas relações sociais dos imigrantes, cotidianamente. A Dinamarca possui o dinamarquês como língua oficial e, no geral, é possível estabelecer comunicação em inglês com os habitantes do país, sendo comum na península *Jylland* que também se fale alemão, devido à proximidade histórica entre os países.

No entanto, ainda que os dinamarqueses demonstrem abertura a estabelecer comunicação em inglês ou alguma outra língua que a pessoa domine, a comunicação na Dinamarca é conduzida, predominantemente, em dinamarquês. Os participantes da pesquisa também apontaram a importância de se aprender o dinamarquês para conseguir se integrar profissionalmente em sua área de atuação e conseguir vagas com melhores condições.

Só que eu aprendi rapidinho que sem eu saber falar o dinamarquês fluentemente, seria difícil eu voltar para minha área de trabalho rapidinho. Então eu aceitei essa realidade e realmente me concentrei super durante os dois primeiros anos em aprender a língua dinamarquesa. Tanto oralmente, quanto também a escrita, mas principalmente a parte oral eu queria aprender rapidinho. E depois de um ano eu já estava assim super bem no dinamarquês. Eu paguei. Felizmente meu marido concordou comigo que o que eu estava aprendendo nas escolas públicas daqui não era o suficiente.

(Fernanda, junho de 2020)

Conforme narrado por Fernanda, para que pudesse encontrar emprego compatível com sua experiência profissional prévia foi necessário intensificar no aprendizado do

dinamarquês por meio de aulas particulares. O ensino de dinamarquês para imigrantes é garantido gratuitamente pelo Estado para alguns *status* de vistos de longa duração, mas Fernanda informou que as aulas que frequentava não fazia uso de um método de ensino que a motivasse. Dessa forma, imigrantes que conseguem arcar com aulas particulares conseguem intensificar o aprendizado da língua na etapa inicial do processo de imigração.

Nesse sentido, conforme relatado abaixo, Francisca percebia que precisaria aprender o dinamarquês para estabelecer amizades, mas mesmo com acesso às aulas oferecidas pelo Estado teve dificuldades no aprendizado, precisando recorrer ao inglês para poder se comunicar cotidianamente. Os imigrantes brasileiros que utilizavam inglês em sua comunicação diária também relataram ter dificuldade de estabelecer comunicação em dinamarquês, pois muitos nacionais do país aproveitam essas interações para praticar sua segunda língua.

Mas mesmo assim é um grande empecilho, porque o idioma é fundamental para você poder se desenvolver no país. E até então eu falava o inglês, então o inglês para mim era o que me socorria. Então assim, fazer novas amizades, ter possibilidades de ter um social, isso custou muito para mim, isso foi muito difícil. Então assim, foi o mais duro que eu acho, na minha integração, era achar um meio de ter as motivações reais que me impulsionassem para poder realmente desenvolver aquilo que era necessário, principalmente a língua, né. Mas a dificuldade para mim foi muito grande com relação a isso, porque o inglês era o que mais me socorria né, e era eu e meu marido só dentro de casa.  
(Francisca, maio de 2020)

Além de auxiliar o acesso ao mercado de trabalho e facilitar no estabelecimento de amizades, Maria também apontou que o conhecimento do idioma é uma forma de se proteger no dia a dia de situações desconfortáveis ou racistas, conforme informado no trecho abaixo. Com base em suas experiências, Maria afirma que em situações racistas sua reação é principalmente demonstrar que também é uma cidadã no país, mas que sempre evita se envolver em situações que possam gerar um desconforto.

Foi uma das razões que eu quis o mais rápido possível aprender o idioma. Apesar de não ser um idioma amistoso, comparado com o latim, ou com o português, a pronúncia difícil, mas é algo que eu constantemente ponho ênfase para mim mesma de que é necessário falar de uma forma que esse indivíduo saiba que você fala com acento, mas você não pensa com acento, com um sotaque.  
(Maria, maio de 2020)

Mesmo com aprendizado do dinamarquês a inserção no mercado de trabalho local é um processo árduo para a maioria dos imigrantes, pois muitas das vagas de trabalho são



preenchidas por indicação de pessoas que já trabalham na empresa. Alguns participantes da pesquisa explicitaram a impressão de que dinamarqueses são priorizados para ocuparem vagas de emprego no país e Luciana me informou que seu antigo orientador de doutorado na Dinamarca lhe disse diretamente que a universidade priorizaria o direcionamento das vagas para dinamarqueses, pois eles estavam com restrições de orçamento e precisavam se proteger. Dessa forma, o ambiente de trabalho na Dinamarca se organiza por meio de operações dos funcionários dinamarqueses que priorizam implicitamente ou explicitamente outros cidadãos dinamarqueses. Nesse sentido, das quinze pessoas entrevistadas para a pesquisa, somente três pessoas relataram conseguir atuar diretamente em sua área de experiência prévia.

No que pese as outras comunicações do dia a dia, ressaltou-me a experiência após a entrevista com a Ana, que me serviu coxinhas para comer. Ao conversamos, Ana me explicou onde eu poderia comprar diversos ingredientes utilizados na culinária brasileira, possíveis de se encontrar, principalmente em estabelecimentos de produtos árabes.

Mas o contato está bem interessante com a comunidade. É muito interessante também eu me encontro na situação de imigrante ao fazer essa pesquisa, então nós temos certos reconhecimentos. A Ana passou endereço de onde comprar polvilho na cidade. A comunicação ocorreu naquele momento da necessidade da informação, na busca de um alimento que tenho saudades. Então essas outras práticas que trazemos incorporadas no nosso dia a dia como o cozinhar é um ponto de aproximação com outros imigrantes.

(Diário de Campo, 22 de maio de 2020)

Por conseguinte, a comunicação cotidiana de imigrantes vai além da comunicação formal em dinamarquês, pois esses indivíduos também estabelecem comunicação com outros imigrantes. Levando em consideração que a quantidade total de imigrantes brasileiros na Dinamarca é pequena, em comparação às comunidades de imigrantes de outros países, como da Turquia, alguns imigrantes brasileiros demonstraram se comunicar constantemente com imigrantes de outras nacionalidades em suas atividades cotidianas, pois encontram maior aceitação nessas comunidades.

Cada participante da pesquisa relatou uma experiência diferente com comunidades de imigrantes, tendo Ana, Marcia, Eliana, Carlos e Pedro relatado que suas relações cotidianas são predominantemente com dinamarqueses. A interação com as outras comunidades de imigrantes ocorrem de diversas formas, como no caso de Maria, Adriana e Sandra, que relataram frequentar igrejas de imigrantes. Também há o contato com outros imigrantes por meio de trabalho voluntário, que é o caso de Mariana e Sandra.

O trabalho voluntário foi um ponto comum levantado por diversos informantes da pesquisa, pois é um dos caminhos para estabelecer relações de amizade no país anfitrião. Isso é feito por meio de iniciativas como distribuição de alimentos, levantamento de fundos e atuação em ONGs como Cruz Vermelha. Eu tive oportunidade de prestar trabalho voluntário entre julho e novembro de 2020 em uma cafeteria-albergue em Copenhague que reverte seus lucros para formação em lideranças feministas em Uganda, em que muitos imigrantes da América Latina frequentavam. No caso de imigrantes da parte hispânica da América, era possível estabelecermos comunicação em nossas línguas nativas e obter uma compressão, mas com outros imigrantes que não falavam dinamarquês ou inglês precisávamos nos comunicar de outras formas.

Nesse aspecto, a linguagem no dia a dia de imigrantes engloba outras formas de manifestação da comunicação, a exemplo da linguagem corporal, conforme apontado por Sandra no trecho abaixo, ao descrever o processo de se comunicar com novos imigrantes em seu trabalho voluntário, quando foram utilizados gestos para explicar práticas cotidianas locais, como a separação do lixo reciclável.

E a gente, que é estrangeiro, a gente sempre usa a língua corporal também, um pouco de dinamarquês. Aquelas que sabiam um pouquinho aí eu falava com elas e elas traduziam na língua delas para outra, entendeu? Assim era. Precisa entender o sistema, para elas entenderem o sistema aqui na Dinamarca como funciona. São coisas práticas assim do dia a dia. Tudo que você vai fazer. O lixo aqui você recebe uma multa enorme se jogar o lixo em qualquer lugar aqui. Eles vêm de fora e não conhecem o sistema, tem que explicar né.

(Sandra, junho de 2020)

Algumas iniciativas voluntárias dos imigrantes também ocorrem por meio de práticas cotidianas que promovem o cuidado de outros imigrantes que estão em processo de estabelecimento na Dinamarca ou auxílio de imigrantes com idade avançada e que não possuem familiares que possam ajudar em suas rotinas. De acordo com o que foi relatado por Pedro abaixo, o sistema de bem-estar social é o que fornece auxílios para dinamarqueses em suas necessidades, o que, segundo Pedro, explicaria o distanciamento que nacionais do país possuem em relação aos seus familiares.

No Brasil a família ela também é unida por necessidades. O filho mora com a mãe porque ele não tem como ir morar sozinho. Ele separa da mulher, ele volta para casa. E aqui não. Porque o que acontece, a família aqui é o Estado. Se você tem um problema de dinheiro, se você não conseguiu pagar seu aluguel, você vai ligar para o Estado. Se você está doente e precisa de um carro para vir te buscar você vai ligar para o Estado. Se você tem algum problema você liga para o Estado. Então o Estado se torna sua família.

(Pedro, junho de 2020)

Nesse aspecto, imigrantes que não possuem direito a acesso à assistência social na Dinamarca encontram em outras iniciativas alternativas para obter cuidados que talvez fossem praticados por seus familiares em suas experiências no Brasil. Tendo em vista a importância das inter-relações de cuidado na prática social da imigração, no próximo tópico endereçarei as práticas de cuidado operadas cotidianamente pelos participantes desse estudo.

## 5.5. PRÁTICAS DE CUIDADO

O tempo livre de imigrantes é um dos pontos de partida para entendermos as práticas de cuidado operadas por brasileiros na Dinamarca. No geral, imigrantes já estabelecidos há mais tempo no país relataram que em seu cotidiano há atualmente um maior tempo livre, tempo que antes era gasto em outras práticas cotidianas como deslocamento pendular. Além disso, a carga de trabalho integral semanal na Dinamarca é por volta de 37 horas semanais, o que propicia menor tempo no ambiente de trabalho do que comparativamente ao praticado no Brasil, que costuma ter rotinas de trabalho de 44 horas semanais.

O tempo livre pesa fortemente na escolha de permanecer no país anfitrião, principalmente no caso de imigrantes que já são pais, devido à demanda de tempo que a criação de filhos exige. Conforme há maior disponibilidade de horas livres, há também empenho das pessoas em utilizar esse tempo para momentos de lazer e *hobbies*, conforme relatado abaixo por Adriana:

Aqui eu tenho mais tempo para ter meu *hobbie*. Eu acho que foi uma coisa que diferenciou, ter mais tempo para as coisas que eu gosto. No Brasil parece que lá no final sobra um tempinho, para você fazer alguma coisa. Aqui mesmo depois de um dia corrido, de escola ou quando eu ajudo na cruz vermelha, quando eu chego em casa eu consigo depois ter tempo para ver um filme ou continuar lendo meu livro antes de dormir. Às vezes no Brasil eu não conseguia fazer isso.

(Adriana, junho de 2020)

Dessa forma, foi nos momentos livres dos imigrantes brasileiros que pude vivenciar boa parte das minhas experiências de campo, a exemplo de passeios em parques que fiz com Maria. Durante o período que permaneci em campo, Maria, em vários

momentos me convidou para passearmos em nosso tempo livre, seja para tomar um sorvete, assistir a um filme ou irmos a alguma apresentação de *ballet* no parque *Tivoli*. Por ser um país muito chuvoso, com temperaturas médias menores que o Brasil, o verão na Dinamarca representa para grande parte dos brasileiros um momento agradável, dissociado do clima “mais hostil” (MARIA, 2020) que é comum à Dinamarca. Por conseguinte, meus encontros com Maria ocorreram principalmente em dias de sol (Figura 13).

**Figura 13 – Encontro no Parque Público**



Fonte: Da pesquisa, 2020

Todavia, imigrantes recém-estabelecidos, que demonstraram estarem mais suscetíveis a serem explorados no mercado de trabalho, possuem menos tempo livre do que outros imigrantes já estabilizados no país há mais tempo. Nesse sentido, pessoas que estão inseridas em contextos de exploração de mão-de-obra de imigrantes, como no caso de João, possuem menos momentos de lazer ou de interação com outros imigrantes, cotidianamente.

Dentre encontros entre pessoas durante o tempo livre, destaco as práticas de cuidado como um dos primeiros processos de socialização entre imigrantes no país

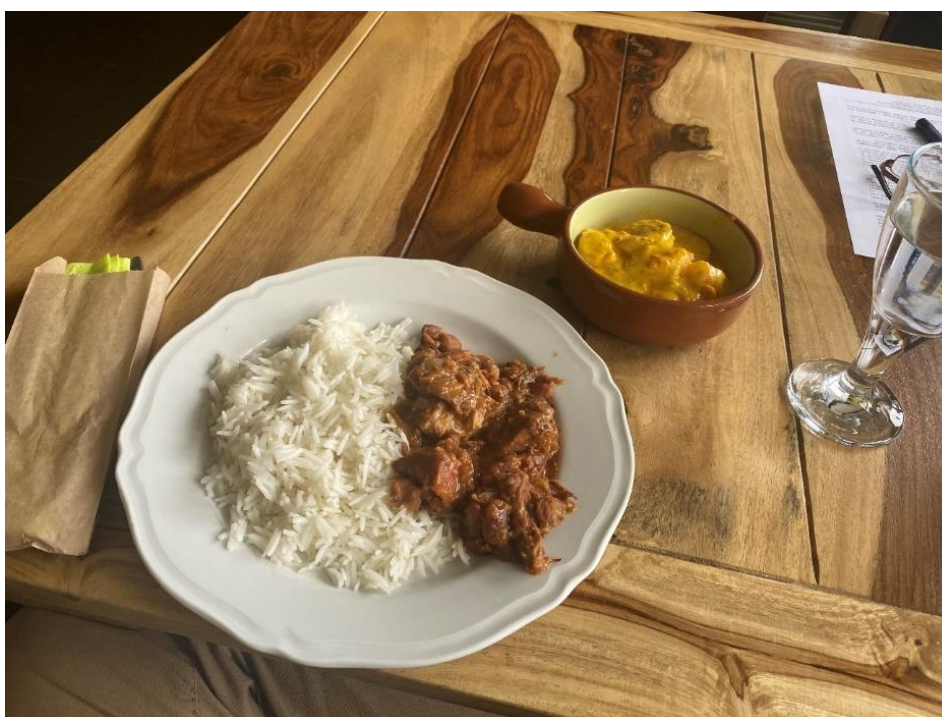
anfitrião. Pelos resultados foi possível perceber que certos conhecimentos do saber-fazer do novo contexto que os envolve são repassados entre imigrantes com o objetivo de amenizar o impacto do ajustamento à nova rotina e espaços. Essa situação me ficou explícita logo no início da pesquisa, quando entrevistei Ana, conforme descrevo abaixo:

A Ana foi a segunda entrevistada, o que eu percebi é que depois que eu desliguei o gravador, os entrevistados falavam mais, eles tinham vontade de falar mais coisa. No caso dela, ela ainda falou bastante na entrevista. Não pareceu intimidada, mas eu percebi que eles tinham o desejo de continuar falando. Então com Ana eu fiquei mais uns 20-30 minutos conversando sobre onde encontrar produtos brasileiros em Copenhagen.

(Diário de Campo, 20 de maio de 2020)

Assim como Ana, que além de me passar informações de onde comprar produtos brasileiros me ofereceu coxinha para comer, outros participantes da pesquisa me ofereceram comida durante nossas interações, como no caso de Antonia, que preparou um prato de comida brasileira servido em seu restaurante (Figura 14). Em um dia de *shadowing* na casa de Maria também me foi oferecido um café da manhã antes de iniciarmos suas atividades cotidianas, o que me leva a considerar que a prática de oferecer alimento é uma das principais formas de praticar o cuidado no cotidiano da imigração.

**Figura 14 – Refeição brasileira oferecida por Antonia**



Fonte: da pesquisa

Em outras situações, o alimento também ficou evidenciado no praticar do cuidado entre imigrantes brasileiros. Mariana relatou que atua em uma iniciativa de apoio à chegada de novos imigrantes através de sua participação na Organização da Sociedade Civil (OSC) Mulheres do Brasil, que tem atuação no Brasil e no exterior na assistência de mulheres brasileiras, por meio de iniciativas adaptadas para cada região. Conforme relatado abaixo por Mariana, uma das iniciativas do grupo na Dinamarca é oferecer um “café” para promoção de integração de imigrantes mulheres que recém-chegaram no país.

A gente tem um café aconchego, vamos dizer, então as mulheres que estão chegando, como é que a gente faz um café, como é que a gente recebe essas pessoas, como é que a gente coloca pessoas em contato, como é que a gente faz com que essa pessoa se sinta segura e acolhida, porque eu aprendi muito com muita brasileira que já vive aqui há muito tempo.

(Mariana, setembro de 2020)

A atuação de OSC, ONGs e instituições religiosas na promoção do cuidado de imigrantes na Dinamarca evidencia que o cuidado maior com a pessoa imigrante é provido, no geral, pela sua comunidade e não pelo Estado. Para aqueles imigrantes que não possuem familiares no país, e mesmo para alguns que possuem, a assistência provida por seus amigos na velhice foi ressaltada pelos informantes. Nessa direção, Antonia informa que em seu tempo livre auxilia um amigo que também é imigrante brasileiro a realizar algumas de suas atividades cotidianas, conforme relatado abaixo:

Terça tem um senhor que é praticamente como pai aqui, um brasileiro, acho que ele foi um dos primeiros brasileiros que veio para Dinamarca. E eu já conheço ele há 36 anos, só que agora ele está muito velhinho, então não pode fazer muita coisa. Então eu vou lá, faço comida, às vezes levo comida para dois, três dias. Ajudo a fazer um pouco da limpeza dele. E assim a minha vida livre é essa. Meu tempo livre, né.

(Antonia, agosto de 2020)

Assim como Antonia auxilia um co-patriota semanalmente devido à sua limitação física decorrente do envelhecimento, Maria também se deslocava semanalmente para visitar sua amiga, também imigrante brasileira, em uma casa de repouso. Maria reside na região metropolitana de Copenhagen e precisa deslocar para outra cidade localizada a, aproximadamente, 40 quilômetros de sua residência. Tive oportunidade de acompanhar Maria em duas dessas visitas, que ocorreram de acordo com as medidas de distanciamento social impostas na época.

Minhas visitas a casa de repouso com Maria foram momentos intensos, pois além da preocupação de manter a segurança dos habitantes da instituição por causa da situação pandêmica, também era uma situação que gerava reflexões em Maria acerca do passar dos anos na Dinamarca, bem como a solidão que a velhice pode trazer. Nesse sentido, Maria demonstrava que se preocupava com o seu futuro e o de outros imigrantes, pois eventualmente também precisaria lidar com essa etapa da vida.

No geral, os imigrantes brasileiros com idade mais avançada que pude conhecer na Dinamarca já possuíam cidadania do país e, portanto, tinham acesso a apoios socioeconômicos oferecidos pelo Estado. Todavia, a Dinamarca, um país em que o Estado de bem-estar social é enaltecido, possui, paradoxalmente, no aproveitamento de direitos universais, um motivo para se ter vergonha perante a coletividade, pois é exigido constantemente dos dinamarqueses nas entrelinhas de conversas do cotidiano que eles sejam produtivos e contribuam com a sociedade.

O fato de o usufruto de programas de assistência socioeconômica ser considerado um motivo de vergonha para parte da sociedade dinamarquesa não impede imigrantes de se fazer uso do que lhe é direito em momentos de necessidade. Nesse aspecto, seis dos entrevistados informaram já terem usufruído de apoios como auxílio-estágio, auxílio-estudo, auxílio-desemprego ou pensão do Estado para criação de filhos.

No entanto, mesmo com o apoio oferecido pelo Estado dinamarquês, as práticas de cuidado são uma forma de prática cotidiana que é movida e permeada pelo afeto e reconhecimento das necessidades do outro. O fato de imigrantes utilizarem seu tempo livre para oferecerem um cuidado aos seus amigos também imigrantes demonstra uma reinvenção do seu cotidiano e da ordem estabelecida.

Nessa parte do trabalho tratei sobre práticas de cuidado, que em alguns casos estiveram diretamente relacionadas com o deslocamento pendular, com destaque para o cuidado dentre a comunidade de imigrantes, em que há um deslocamento periódico para auxílio de amigos que necessitam. Nesse ponto encerro a exposição dos resultados dessa pesquisa de tese e no próximo tópico farei o fechamento do conteúdo aqui trabalhado, bem como discorrerei sobre os principais alcances obtidos por meio da análise dos resultados.

## 6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentarei nesse capítulo as minhas considerações finais, junto com uma retomada dos alcances obtidos nessa pesquisa, que teve um processo de construção essencialmente indutivo. Primeiramente, para embasamento teórico da pesquisa, fiz uso de Estudos Baseados em Prática e recorri a Michel de Certeau para trabalhar a questão de práticas cotidianas com enfoque no organizar de práticas sociais, recorrendo aos conceitos de dispositivo, introduzido por Michel Foucault e de conveniência, apresentado por Pierre Mayol, para orientarem a apreensão do organizar de práticas sociais que compõem a prática da imigração.

Por meio da metodologia etnográfica eu me propus a pesquisar o fenômeno da imigração de brasileiros na Dinamarca. Nesse aspecto, considero que a prática de imigração de brasileiros na Dinamarca é organizada cotidianamente por meio das interações estabelecidas pelos sujeitos. Essas interações são inter-relacionadas porque a prática é ontologicamente social e diferentes práticas estão conectadas em redes que globam outras práticas e coisas materiais.

Portanto, a tese que aqui defendo é a de que a imigração de brasileiros na Dinamarca se manifesta cotidianamente por meio de práticas sociais que são organizadas por dispositivos operados pelas coletividades em lógicas situacionais, a partir da conveniência. Consequentemente, essa afirmativa considera que a prática da imigração é mediada por dispositivos de poder que se manifestam em prol do ordenamento e organização de indivíduos em lógicas situacionais de “embate” entre os praticantes da coletividade, sendo lógica de operação empregada, muitas vezes inserida em um contexto de conveniência.

Por exemplo, para um imigrante brasileiro emitir o documento dinamarquês *CPR-nummer* (CPR), que é semelhante ao Registro Geral (RG) do Brasil, é necessário que o imigrante registre o seu endereço na autoridade responsável, presencialmente. Neste exemplo, se analisarmos de modo focalizado, podemos perceber que diversas práticas são empregadas para a execução da prática de legalização. Todos esses processos são inter-relacionados, sendo que, além do deslocamento ao órgão público responsável para se emitir o CPR, é necessário que a pessoa esteja previamente autorizada para residir no país e com comprovante de endereço. Para se ter o comprovante de endereço é preciso ter uma



moradia, o que geralmente demanda arcar com custos financeiros e assim sucessivamente.

Por conseguinte, para trabalhar a prática da imigração cientificamente é necessário o emprego de uma análise que englobe todos os componentes do fenômeno, pois a imigração possui sua ocorrência e manifestação em diferentes níveis de análise. Além disso, práticas não ocorrem plenamente por manifestação espontânea da natureza, sendo essencial a existência de praticantes que praticam no seu dia a dia de acordo com as situações que se encontram, ressaltando o caráter social, interacional e situacional das práticas, tendo em vista que existimos e praticamos em coletividades.

Dessa forma, os diferentes espaços que frequentamos são repletos de inúmeras práticas interconectadas, manifestadas e vivenciadas a partir de nossa sociabilidade, que é presente em nossa vida até em momentos privados, quando assistimos a um vídeo em um computador em casa, por exemplo. Ambos, o vídeo e o computador, foram resultados de produções humanas e para que esse vídeo seja disponibilizado na privacidade do lar é necessário que diversas infraestruturas, como a de energia elétrica, tenham sido construídas previamente.

Portanto, em busca da apreensão da ontologia de dispositivos que atuam na organização da imigração, por meio da pesquisa empírica cheguei a cinco práticas sociais principais que compõem o fenômeno da imigração de brasileiros na Dinamarca: práticas de deslocamento; práticas de legalização; práticas econômicas e de trabalho; práticas de linguagem e comunicação; e práticas de cuidado.

A primeira prática, a prática de deslocamento, no geral se mostrou presente na vida dos brasileiros antes mesmo da imigração internacional se concretizar. Em nível nacional, o deslocamento dentro do Brasil foi apontado como uma experiência marcante e que gera uma base de vivências que influencia outras práticas migracionais posteriores ao deslocamento nacional. Apesar do fenômeno de imigração que enderecei nesse trabalho ser concretizado a partir da mobilidade internacional, é no deslocamento pendular que é expressada uma maior flexibilidade acerca da prática, pois, por ser uma prática cotidiana para muitos, o deslocamento pendular, além de ser uma experiência incorporada, é um desencadeador de comparações que servem como avaliações sobre a decisão de se empenhar em novos deslocamentos ou permanecer no local em que se encontram.

Adiante, apresentei a prática da legalização, que é um processo longo e contínuo, que impacta diretamente outras práticas que são importantes para a estabilização de imigrantes no país. É preciso estar legalizado para se conseguir acesso ao sistema público de saúde, fator importante, principalmente ao se considerar o momento pandêmico. Ademais, a empregabilidade também é afetada pela prática de legalização, pois é exigência da maior parte dos empregadores a apresentação da autorização de trabalho que é concedida a depender do tipo de autorização de residência que se possui.

Também discorri sobre a prática econômica e de trabalho. Nessa prática apontei quatro tipos de *status* de subsistência de imigrantes brasileiros na Dinamarca: empregado invisibilizado, empregado reconhecido, empreendedorismo e subsistência por conta de outrem. Primeiramente, empregos invisibilizados foram apreendidos na pesquisa como uma fonte de exploração de mão-de-obra de imigrantes com condições de trabalho precarizadas, ainda que essa situação ocorra dentro do espectro da legalidade.

Em relação às vagas de emprego reconhecidas, imigrantes brasileiros que possuem melhores condições socioeconômicas tendem a obter vagas de emprego reconhecidas de forma mais fácil, o que para eles provém um conforto maior, sendo informado que, apesar de serem totalmente responsáveis pela criação de seus filhos e pela manutenção de suas moradias na Dinamarca, funções essas que eram terceirizadas no Brasil, foi narrado que no cotidiano dos imigrantes no país anfitrião há um tempo livre maior. Para os imigrantes que têm dificuldades em obter empregos reconhecidos, mas que buscam melhores condições de trabalho, o empreendedorismo se mostrou um caminho viável para se obter melhores condições laborais.

Por último, temos também o *status* de subsistência por conta de outrem. Esse *status* normalmente se aplica a estudantes e pessoas que migraram por causa de casamento. Nesse caso, a cultura dinamarquesa possui seus dispositivos de poder manifestos, principalmente, na prática de linguagem por meio de questionamentos acerca da produtividade da pessoa, sendo destacado que, eventualmente, esses sujeitos necessitam obter algum dos outros três *status* de subsistência, como no caso de imigrantes estudantes que decidam permanecer residindo no país após o término de seus cursos.

Outra prática que influencia o processo de inserção de imigrantes no mercado de trabalho é a prática de linguagem. Foi apreendido que a comunicação pode ser estabelecida por diversos meios, como a linguagem corporal, ou com auxílio de ferramentas de tradução, como em dicionários ou aplicativos. Entretanto, o domínio do

inglês e, sobretudo do dinamarquês, também afetará a empregabilidade de sujeito, uma vez que foi expresso pelos sujeitos da pesquisa que o dinamarquês é importante para se conseguir melhores condições de trabalho.

Por fim, apresentei a prática de cuidado, muitas vezes associada à prática de deslocamento pendular, que demonstrou uma auto-organização dos imigrantes para que outros imigrantes, amigos de longa data ou recém-chegados, tenham o apoio que nacionais poderiam obter por outros meios, como através de auxílio socioeconômico do Estado. À vista disso, a prática de cuidado é essencialmente relacional e interacional, pois é necessário mais de um indivíduo diretamente no processo para que seja possível se praticar o cuidado.

Em suma, as práticas apreendidas neste trabalho formam redes de práticas, entidades e coisas materiais que fazem possível a prática da imigração brasileira. Ainda, esse fenômeno de imigração é organizado, havendo dispositivos de poderes que atuam em diferentes momentos da vida cotidiana de imigrantes por meio de lances situacionais que podem ser operados com base na conveniência, o que representa uma dimensão das práticas constituída socialmente a partir dos indivíduos que as praticam.

Nesse trabalho também foram discorridos diversos momentos em que dispositivos operados com base na conveniência podem ser subvertidos por meio de oportunidades. Ainda, por meio das lutas manifestadas na operação de dispositivos, podemos perceber que a organização da imigração na Dinamarca está fortemente relacionada com a questão racial, pois em diversos momentos o imigrante está sujeito ao racismo que reflete em dispositivos de poder operados coletivamente por meio de exclusões e silenciamentos. Nesse sentido, foi ressaltado que o aprendizado da língua auxilia no combate a situações racistas que os imigrantes estão sujeitos no seu dia a dia.

Em termos de gênero, este foi menos abordado pelos participantes da pesquisa, embora tenhamos visto que também é uma categoria que reflete os dispositivos de poder na organização da imigração de brasileiros à Dinamarca, haja vista questões heteronormativas ressaltadas pelos próprios dados, pois das doze mulheres entrevistadas, oito imigraram por motivos de casamento, ou seja, tiveram que seguir seus cônjuges em sua jornada migracional.

Dessa maneira, a contribuição teórica que busco oferecer por meio dessa pesquisa é o entendimento de que dispositivos de poder são operados de maneira circunstancial de acordo a conveniência calculada pelos sujeitos em cada situação. Por meio da retomada

do conceito de conveniência, que é um conceito importante para a literatura de De Certeau, Giard e Mayol (2019), entendo que práticas cotidianas possuem uma formalidade, uma razão, e que essas práticas associadas operam constantemente dentre pessoas de uma coletividade. É nesse entendimento que consigo associar conveniência com dispositivos de poder, sendo ambos fenômenos sociais intrinsecamente relacionados em sua manifestação. Ainda, especificamente, não é possível discutir imigração brasileira sem falar dos dispositivos de raça e gênero como de suma importância para entender o cotidiano de imigrantes brasileiros, devido a sua interseccionalidade identitária.

Ressalto que durante a confecção desse trabalho, eu pesquisei por trabalhos de Pierre Mayol (como foi sugerido em minha qualificação) para além de sua participação em *A Invenção do Cotidiano* volume 2, para verificar se o autor havia elaborado outras obras e desenvolvido os elementos do conceito de conveniência. No entanto, não encontrei mais informações sobre o autor para além da menção de sua participação na pesquisa organizada por Michel de Certeau. Também encontrei um obituário francês que informava o falecimento de uma pessoa com esse nome, mas não foi possível confirmar se essa informação diz respeito ao autor aqui referido.

Em caminho ao fim desse trabalho, tratarei dos desdobramentos da pesquisa para área da Administração. Do ponto de vista teórico, os resultados da pesquisa apresentam a organização sob a óptica de organizar relações sociais, mais especificamente práticas sociais de coletividades humanas. À vista disso, reconhecer o organizar de práticas sociais contribui para expansão da concepção do que são organizações para além de entidades formais consideradas como dotadas de existência própria, levando em consideração as diversas práticas envolvidas no organizar. Isto posto, dispositivos de conveniência em uma abordagem baseada em prática não são equivalentes à estrutura social, pois o foco da análise é a prática em si, sendo levado em consideração o conjunto do dispositivo em que o controle é emitido a partir das práticas de outros praticantes presentes nas coletividades das quais somos participantes.

Aposto, igualmente, como contribuição desse trabalho o emprego da etnografia em pesquisas da Administração que tenham enfoque em práticas cotidianas, sendo ressaltados alguns aspectos idiossincráticos desse estudo, como a questão ética associada à condução de pesquisa científica em contexto de pandemia. O emprego da etnografia também possibilita a apreensão de fenômenos que ocorrem no escopo dos estudos organizacionais a partir de outros emissores envolvidos em processos de organizar, a

exemplo de pessoas comuns que, a depender de escolhas metodológicas, podem não ter seu posicionamento enunciado na construção do conhecimento.

Sobre reflexões, a Maria também comentou que as minhas perguntas a fizeram refletir no mesmo dia e que algumas coisas que ela pensou sobre o que ela tinha respondido, realmente era o que ela sentia naquele momento, mas que depois ela entrou em estado de reflexão para ver o quanto realmente seria o que ela disse. Então a entrevista a incentivou a um processo reflexivo de autoconhecimento.

(Diário de Campo, 30 de setembro de 2020)

Ainda, conforme relatei no trecho acima, a pesquisa etnográfica proporciona um ambiente para reflexão conjunta de pesquisadores e participantes da pesquisa, pois as perguntas sobre a experiência de pessoas comuns e a convivência prolongada possibilitam diálogos marcados pela flexibilidade. Para exemplificar, durante a pesquisa foi uma prática comum de, ao fim de um dia de acompanhamento das atividades cotidianas de Maria, que nos sentássemos por algum tempo para que conversássemos sobre as nossas observações e reflexões sobre os acontecimentos do dia.

De forma aplicada na Administração, esse trabalho oferece também possibilidades de aprofundamento do fenômeno da imigração de forma contextualizada. Primeiramente, ressalto o empreendedorismo, que foi evidenciado nas práticas econômicas e de trabalho e que possui uma oportunidade de aprofundamento, pois por meio de uma visão baseada em práticas seria possível investigar o empreendedorismo por imigrantes tendo como objetivo apreender como o fenômeno se organiza, principalmente na análise de casos de empreendedorismo por necessidade.

Caberia à área de Administração também avançar nas discussões acerca de imigrantes no ambiente de trabalho e, especificamente, investigar quais práticas que possibilitam e favorecem más condições de local de trabalho, bem como a exploração de mão-de-obra de imigrantes. Por consequência, seria importante analisar mais a fundo, especificamente, as práticas de linguagem, pois a comunicação se mostra como um dos pontos mais frágeis no cotidiano de imigrante, de forma que se é limitada a compreensão desses sujeitos sobre o contexto que se manifesta ao seu redor. Todavia, o fato de imigrantes não compreenderem plenamente o que é passado socialmente na língua do país anfitrião não significa que esses sujeitos não são produtores de cultura, pois a própria imigração pode ser considerada como composta por culturas populares, como afirmado anteriormente nesse trabalho.

À vista disso, como contribuição empírica desse trabalho apresento que a prática social da imigração de brasileiros na Dinamarca demonstra que esses sujeitos (re)constroem as culturas populares da imigração no país por meio de suas práticas cotidianas. Ontologicamente, a organização desse fenômeno ocorre de forma não-passiva, uma vez que pessoas comuns são capazes de operar taticamente nas suas relações intermediadas por dispositivos de poder, seja por lógica de conveniência, seja pelo aproveitamento de oportunidades que “expandem” às margens de operação de sujeitos (ainda que momentânea e circunstancialmente).

À vista disso, as culturas populares de imigrantes brasileiros na Dinamarca são um fenômeno social que difere da “cultura” local devido às diferentes formas de fazer-ser dos imigrantes em seu cotidiano, oferecendo uma alternativa de apreensão da realidade de um país considerado “homogêneo”. Além disso, o intercâmbio de informações entre imigrantes e nacionais do país anfitrião, tendo em vista a “bagagem” prévia de experiências que os imigrantes carregam, é um fenômeno a ser explorado, pois o conhecimento que esses imigrantes carregam tem grande potencial de ser agregador construtivo para os ambientes de trabalho do país em que estão estabelecidos.

Também ressalto as mídias digitais no processo de comunicação, pois estas tiveram seu uso amplificado com a pandemia de COVID 19, configurando-se essenciais na obtenção de informações, como foi o meu caso na chegada em Copenhague quando obtive primeiras impressões da imigração no país pelos grupos de imigrantes no *Facebook*. Essas comunidades virtuais possibilitam troca de informações entre recém-chegados e imigrantes já estabelecidos, além de possibilitarem que imigrantes expressem de forma mais ampla suas realidades, podendo inclusive ser espaço para práticas de cuidados serem empregadas ou dispositivos de poderes se manifestarem. Ainda, mídias sociais oferecem também um canal para denúncia de abusos. Nesse sentido, especificamente, cito o caso de João, cuja empresa em que trabalhava foi denunciada virtualmente e as redes sociais tiveram um papel importante na demanda por medidas de responsabilização e combate à exploração de imigrantes, fato que resultou na saída do ministro do trabalho de seu cargo na Dinamarca.

Por fim, encerro esse tópico e esse trabalho oferecendo um material cientificamente trabalhado acerca da prática da imigração e seu organizar por meio de operações de dispositivos de conveniência no contexto de imigrantes brasileiros na Dinamarca, o que representa um avanço para o campo.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALCOFF, L. M. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 129-143, 2016.
- BAGGIO, M. C. About the Relation between Transgender People and the Organizations: New Subjects for Studies on Organizational Diversity. **Revista de Gestão**, v. 24, n. 4, p. 360-370, 2017.
- BENNETT, J. Systems and things: A response to Graham Harman and Timothy Morton. **New Literary History**, v. 43, n. 2, p. 225-233, 2012.
- BERNARDO, P.; SHIMADA, N. E.; ICHIKAWA, E. Y. O formalismo e o “jeitinho” a partir da visão de estratégias e táticas de Michel de Certeau: apontamentos iniciais. **Gestão & Conexões**, v. 4, n. 1, p. 45-67, 2015.
- BROWN, A.D. Identities in organizations: some concluding thoughts. In: BROWN, A.D. [Ed.] **The Oxford Handbook of Identities in Organizations**, pp.896-908. Oxford: Oxford University Press, UK, 2020.
- BUCHANAN, Ian. **Michel de Certeau: Cultural Theorist**. London: SAGE Publications, 2000.
- CABANA, R. D. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. **Organizações & Sociedade (Online)**, v. 24, p. 285-304, 2017.
- CARRIERI, A. P.; MURTA, I. B. D.; TEIXEIRA, J. C.; SOUZA, M.M.P. Estratégias e táticas empreendidas nas organizações familiares do Mercadão de Madureira (Rio de Janeiro). **RAM. Revista de Administração Mackenzie (Online)**, v. 13, p. 196-226, 2012.
- CARRIERI, A. D. P.; PAPADOPOULOS, D.; QUARESMA JUNIOR, E. A.; SILVA, A. R. L. D. The ontology of resistance: Power, tactics and making do in the Vila Rubim market. **Urban Studies**, 58(8), 1615-1633, 2021.
- CARVALHO, M. C. B. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: NETTO J. P.; CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CASTRO, E. **El vocabulario de Michel Foucault: Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores**. Universidad Nacional de Quilmes, 2004.
- CLEGG, S. R.; HARDY, C. Organizations, organization and organizing. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. (Ed.). **Handbook of organization studies**, Sage, p. 1-28, 1996.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CONCEIÇÃO, E. B. da. Mulher negra em terra de homem branco: mecanismos de reprodução de desigualdades. In: CARRIERI, A. DE P.; TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R. (Eds.). **Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 277-319.

COOPER, R. Organs of process: Rethinking human organization. **Organization Studies**, v. 28, n. 10, p. 1547-1573, 2007.

COSTANZI, C. G.; MESQUITA, J. S. São essas mínimas coisas do dia a dia que vão te colocando no seu lugar, sabe, que não é ali: o cotidiano de pesquisadoras negras no contexto acadêmico da administração. **Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 122-144, 2021.

CRESSWELL, T. The right to mobility: the production of mobility in the courtroom. **Antipode**, v. 38, n. 4, p. 735-754, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis – RJ, Vozes, 2018.

DE CERTEAU, M.; GIARD, L. Mensagem por Michel de Certeau e Luce Giard. In: DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 234-242, 2019.

DE CERTEAU, M.; JAMESON, F.; LOVITT, C. On the oppositional practices of everyday life. **Social text**, 1980, 3: 3-43.

DE MORAES, M. C. M. Os " pós-ismos" e outras querelas ideológicas. **Perspectiva**, v. 14, n. 25, p. 45-59, 1996.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, pp. 155-161, 1990.

DELLA FONTE, S. S. Agenda pós-moderna e neopositivismo: antípodas solidários. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 110, p. 35-56, 2010.

DEWALT, K. M.; DEWALT, B. R. **Participant observation: A guide for fieldworkers**. Rowman Altamira, 2011.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, 23.76: 57-72, 2016.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 177-193, 2013.

ELKJAER, B.; BRANDI, U. An organisational perspective on professionals' learning. In S. BILLET; C. HARTEIS; H. GRUBER (Eds.), **International Handbook of Research in Professional and Practice-based Learning** (Vol. 2, pp. 835-856). Dordrecht: Springer, 2014.



- ELKJAER, B.; BUCH, A. Pragmatism and Practice Theory: Convergences or collisions. In: **Organizational Learning and Knowledge Capabilities**. 2015.
- CEBRIÁN, B.; D. Dinamarca propone enviar a un islote a los migrantes que el país rechaza. **El País**, Madrid, 05 Dez. 2018. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2018/12/04/actualidad/1543924465\\_617697.html](https://elpais.com/internacional/2018/12/04/actualidad/1543924465_617697.html). Acesso em: 20 jan. 2022.
- FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: a produção internacional entre 2006 e 2015. **Revista Alcance**, v. 24, n. 2, p. 209-226, 2017.
- FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.
- FERRAÇO, C. E. **Pesquisa com o cotidiano**. 2007.
- FETTERMAN, D. M. Ethnography. In: GIVEN, L. M. (Ed.). **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. Sage Publications, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir – nascimento da prisão**. : Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FRANCO, B. L.; OLIVEIRA, J. As práticas de constituição dos espaços organizacionais e dos espaços das cidades: contribuições de Michel de Certeau aos Estudos Organizacionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Anais...** 2016.
- GEERTZ, C. Os usos da diversidade. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 10, p. 13-34, 1999.
- GEIGER, D. Revisiting the Concept of Practice: Toward an Argumentative Understanding of Practicing. **Management Learning**. v. 40, n. 2, p. 129–144, 2009.
- GHERARDI, S. Organizational learning: The sociology of practice. **Handbook of organizational learning and knowledge management**, 2, 43-65, 2011.
- GIARD, L. Introdução ao volume 1: História de um projeto de pesquisa. In: DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 35-185, 2019.
- GORDON, C. The confession of the flesh. In: **Power/Knowledge Selected Interviews and Other Writings**, New York: Pantheon, 1980.
- GOUVÊA, J. B.; ICHIKAWA, E. Y. Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. **Gestão & Conexões**, v. 4, p. 68-90, 2015.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography**: Principles in practice. Routledge, 2007.

HARMAN, G. **Immaterialism**. Objects and Social Theory. Cambridge: Polity Press. Part One, pp. 1-34, 2016.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IRIGARAY, H. A.; FREITAS, M. E. Diáspora brasileira e os trabalhadores retornados do exterior: quando a fantasia encontra a realidade. **Gestão & Planejamento - G&P**, 2014, 15.3.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **International Migration Law** No 34—Glossary on Migration, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2020.

LEFÉBVRE, H. **A vida quotidiana no mundo moderno**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1968.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS-Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 3, 2010.

LORENTZ, C. N.; CARRIERI, A. D. P.; MAESTRO FILHO, A. D.; LIMA, L. C. D. Diversity: Recognition of the Différance or Tolerated Difference? A Study on the Perception of Mining and Steel Professionals. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, 17(4), 39-61, 2016.

MACHADO, F. C. L.; FERNANDES, T. A.; SILVA, A. R. L. Michel de Certeau e estudos organizacionais: uma leitura do cenário brasileiro. **Caderno de Administração**, v. 25, n. 2, p. 24-43, 2017.

MACHADO, R. C.; CHROPACZ, F.; BULGACOV, Y. L. M. Epistemologia de Certeau e sua contribuição para os estudos baseados em prática em organizações. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 2, p. 1-10, 2020.

MAYOL, P. Morar. In: DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 35-185, 2019.

MENEGHETTI, F. K. Pragmatismo e os pragmáticos nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2007.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA DINAMARCA. **Dinamarca em geral**. Embaixada da Dinamarca, Brasília. Disponível em: <https://brasilien.um.dk/pt/sobre-a-dinamarca/dinamarca-em-geral>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

NAKAGAWA, F. Número de brasileiros no exterior cresce e chega a 4,2 milhões. **CNN Brasil**, São Paulo, 03 Set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/numero-de-brasileiros-no-exterior-cresce-e-chega-a-42-milhoes/>. Acesso em: 26 jun. 2022.

NAKAMURA, J.; TERAPO, S. Brasileiros de ascendência asiática relatam ataques racistas durante a pandemia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 maio 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/brasileiros-de-ascendencia-asiatica-relatam-ataques-racistas-durante-a-pandemia.shtml?origin=folha>

NASCIMENTO, M. C. R.; TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, J. S.; SARAIVA, L. A. S. Práticas de segregação e resistência nas organizações: uma análise discursiva sobre os 'rolezinhos' na cidade de Belo Horizonte (MG). **RAM. Revista de Administração Mackenzie (Online)**, v. 17, p. 55-81, 2016.

NAYAK, A., CHIA, R. Thinking becoming and emergence: process philosophy and organization studies. In: **Philosophy and organization theory**. Emerald Group Publishing Limited, 2011.

NETTO, J. P. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P.; CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

O'DOHERTY, D.; NEYLAND, D. The developments in ethnographic studies of organising: Towards objects of ignorance and objects of concern. **Organization**, 2019.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Paixão pela arte ou arte pela paixão? Etnografando práticas e emoções no processo organizativo de um circo no Canadá. **Revista de Administração da UFSM**, v. 11, p. 1344, 2019.

OLIVEIRA, J. S.; MENDES, E.; LOPES, B. F. Práticas de organização na (re)organização da cidade: etnografando a procissão do fogaréu na cidade de Goiás. **Pensamento & Realidade**, v. 34, n. 1, p. 45-67, 2019.

OLIVEIRA, J. S.; REZENDE, L.; GOMES, T. R.; BERNARDO, G. Práticas organizativas e memórias: um estudo sobre a prática do bordado na cidade de Goiás-Go. **Teoria e Prática em Administração**, v. 6, p. 16-40, 2016.

PANIZA, M. D. R.; ICHIKAWA, E. Y.; CASSANDRE, M. P. As Conveniências do cotidiano na trajetória de uma trabalhadora transexual. **Revista latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 8, p. 350-367, 2017.

PAULA, A. P. P. D.; MARANHÃO, C. M. S. D. A.; BARROS, A. N. D. Pluralismo, pós-estruturalismo e gerencialismo engajado: os limites do movimento critical management studies. **Cadernos Ebape. BR**, 2009.

POMPEU, S. L. E.; SOUZA, E. M. A produção científica sobre sexualidade nos Estudos Organizacionais: uma análise das publicações realizadas entre 2005 e 2014. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 84, 2017.

- RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**. n.5, v. 2, p. 243-263, London: Sage, 2002.
- REED, M. Organizational theorizing: A historically contested terrain. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. (Ed.). **Handbook of organization studies**, Sage, p. 31-57, 1996.
- REVEL, J. **Diccionario Foucault**. primera. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- REZENDE, L.; OLIVEIRA, J. S.; MENDES, E. C. L. Understanding the Body from Practices of Organization: Ethnography of an Artisan Organization. **RECADM: REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIA ADMINISTRATIVA**, v. 17, p. 35-53, 2018.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.
- ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. (Org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- RODRIGUES, F. S.; ICHIKAWA, E. Y. O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. **RGSA: Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 9, p. 97-112, 2015.
- ROTARY INTERNACIONAL. Site oficial, seção: **Junte-se a nós**. Evaston, EUA, 2022. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/get-involved/join>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- SANTOS, E. L. S.; OLIVEIRA, J. S. Práticas, raça e organizações empreendedoras: um estudo com negros empreendedores na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2020.
- SILVA, C. L. R.; SILVA, A. R. L. Sociomaterialidade, poder e conexões em redes de ação no organizar do artesanato. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 4, p. 454-475, 2019.
- SILVA, N. B. P.; FANTINEL, L. D. Desigualdades e resistências no organizar de práticas festivas marginalizadas. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 96, p. 112-134, 2021.
- SIMPSON, B. Pragmatism, Mead and the practice turn. **Organization studies**, v. 30, n. 12, p. 1329-1347, 2009.
- SOUZA, E. M. A ontologia pós-estruturalista sobre liderança: identidade e materialidade em evidência. **Cadernos EBAPE. BR**, 19: 595-606, 2021.
- SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 13, n. 4, p. 727-742, 2015.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview**. Waveland Press, 2016.

SPRADLEY, James P.; MCCURDY, David W. **The cultural experience: Ethnography in complex society**. Science Research Associates, 1972.

TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P.; PEIXOTO, T. C. O cotidiano da cidade de Belo Horizonte na revista *Veja BH*: a classe média alta, a cidade poderosa e os dilemas do planejado versus o vivido. **Revista Gestão & Conexões**, v. 4, p. 7-40, 2015.

TEIXEIRA, J. C.; MESQUITA, J. S.; COSTANZI, C. G. A violência psicológica e simbólica que se traveste de risível: Pop-Management do avesso e gênero como dispositivo de poder. **Caderno de Administração**, v. 27, p. 18-43, 2019.

TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, J. S. ; CARRIERI, A. P. . Por que falar sobre raça nos Estudos Organizacionais no Brasil? Da discussão biológica à dimensão política. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 15, p. 46-70, 2020.

TOLBERT, P. S.; ZUCKER, L. G. A institucionalização da teoria institucional. In: **Handbook de estudos organizacionais**, 1999.

UNHCR. “**Mid-Year Trends 2021.**” 2020. Disponível em: [https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/618ae4694/mid-year-trends-2021.html#\\_ga=2.64533423.1877270915.1646333161-1098223838.1646333161](https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/618ae4694/mid-year-trends-2021.html#_ga=2.64533423.1877270915.1646333161-1098223838.1646333161). Acessado em: 03 mar. 2022.

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA ONU. **International Migrant Stock**. United Nations database, 2019.

VEIGA, E. Brasil vive o maior êxodo de sua história. **Deutsche Welle (DW)**, Berlim, 13 Dez. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-vive-o-maior-%C3%AAxodo-de-sua-hist%C3%B3ria/a-59698193>. Acesso em: 26 jun. 2022.

VILAS BOAS, L. F.; ICHIKAWA, E. Y. Migrantes cortadores de cana-de-açúcar no Paraná: Práticas cotidianas e processos de territorialização em meio ao trabalho precário. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 172-183, 2020.

WITMORE, C. Archaeology and the new materialisms. **Journal of contemporary archaeology**, v. 1, n. 2, p. 203-246, 2014.

YAMAMOTO, G. C.; ICHIKAWA, E. Y. Ensaio sobre o dispositivo da conveniência no organizar das práticas cotidianas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 45., 2021, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2021.

YAMAMOTO, G. C.; OLIVEIRA, J. S. Immigration as practice of organization: discussions about practices of organization, displacement, and integration of Haitian immigrants in the Goiânia Metropolitan Region, in Goiás, Brazil. **Cadernos EBAPE.BR**, 19, 292-306, 2021.

## **ANEXO 1 - ROTEIRO-GUIA PARA AS ENTREVISTAS**

- Por favor, conte-me sua história enquanto imigrante

### Informações Gerais:

- Idade
- Origem no Brasil
- Quando chegou na Dinamarca
- Quanto tempo reside na Dinamarca
- Ocupação (Dinamarca e Brasil)
- Algum outro lugar que tenha morado
- Estado Civil
- Trajetória de estudos

### Práticas Cotidianas

- Possui alguma prática religiosa
- Quais atividades cotidianas
- Quem faz as atividades domésticas
- Há uma divisão baseada em gênero no local de trabalho
- Quais atividades nas horas livres

### Interrelações e performacidade:

- Como se dá a relação com nacionais não conhecidos
- Como se sente em público
- Como são as normas sociais das organizações que participa (ex: trabalho, escola, família, trabalho voluntário, igreja...)
- Como se sente nas relações afetivas
- O que considerava ser mulher/homem no Brasil
- Como é ser mulher na Dinamarca
- Como a família no Brasil tratava as mulheres e homens
- Como a família/conhecidos tratam mulheres e homens na Dinamarca

Arranjos Materiais:

- Como é o local de moradia
- Como é o local de trabalho (tem código de vestimenta ou uniforme?)
- Houve mudança na vestimenta após se inserir na sociedade dinamarquesa